

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO - CCE
DEPARTAMENTO DE LETRAS E LITERATURAS VERNÁCULAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

**ERIKA DA SILVA COSTA AGNELLINO
LAIANA ABDALA MARTINS**

O MEDO NA LITERATURA: casos e causos.

FLORIANÓPOLIS
2013

**ERIKA DA SILVA COSTA AGNELLINO
LAIANA ABDALA MARTINS**

O MEDO NA LITERATURA: casos e causos.

Relatório final de estágio apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II do 9º período do Curso de Graduação em Letras/Português (Licenciatura) sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS
2013

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho com muito amor às
nossas famílias e aos nossos amores.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa e árdua caminhada;

Aos que nos possibilitaram trocas de experiências durante o estágio;

Aos fiéis amigos que sempre nos ouviram com nossas dúvidas e certezas;

Em especial à Camila Ambrosini, à Rosângela Pedralli, à Laís Abdala Martins e à Jéssica Rassweiler que nos ajudaram em momentos de insegurança;

Aos nossos eternos namorados por compreenderem nossas ausências;

Em especial aos nossos pais, pelo apoio incondicional e incentivo, sem os quais não seria possível chegarmos até aqui;

Ao professor César pela paciência e por nos possibilitar ocupar o seu espaço para a nossa docência;

Aos alunos da turma 123 que tiveram o carinho em nos receber para juntos aprendermos mais;

A todos os professores do curso, tão importantes na nossa vida acadêmica;

Em especial à Prof.^a Dr.^a Maria Izabel de Bortoli Hentz, responsável pela realização deste trabalho, pela paciência conosco, por todo apoio dado e sabedoria transmitida.

Provisoriamente não cantaremos o amor, que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.

Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços, não cantaremos o ódio, porque este não existe, existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro, o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos, o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas, cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas, cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte, depois morreremos de medo e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

Carlos Drummond de Andrade. *Sentimento do mundo*. 1940.

RESUMO

O presente trabalho foi elaborado para a disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, oferecida pelo Departamento de Metodologia do Ensino, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Professora Doutora Maria Izabel de Bortoli Hentz.

Nosso projeto de docência foi elaborado após um período como expectadoras da prática educativa, um momento que nos permitiu repensar sobre tudo aquilo que havíamos estudado em toda a graduação. Em nosso campo de estágio – o Instituto Federal de Santa Catarina –, entramos em contato com uma instituição de ensino que difere de tantas outras, pois se caracteriza principalmente pela oferta de educação profissional. Um espaço, portanto, ideal para que pudéssemos adquirir novas experiências.

A turma na qual realizamos as atividades de observação e, posteriormente, de docência era do curso técnico integrado misto, sendo alunos dos cursos de eletrotécnica e de edificações. Durante o período de observação e diante das respostas dos alunos ao questionário aplicado por nós, constatamos que a maioria deles tem preferência pelas disciplinas da área de exatas e afirma não gostar da disciplina de língua portuguesa. Diante disso – decidimos não transformar esse desgosto em impasse –, optamos por fazer com que nossas aulas os cativassem, trazendo assuntos e abordagens diferentes daquilo que haviam estudado durante quase todo o período escolar.

Depois de incansáveis pesquisas e leituras, além de, também, conhecer um pouco mais os alunos, escolhemos como tema principal de nosso projeto a literatura de *terror*, de *mistério* e *suspense*, sempre aportadas no ideário de ensino de língua pautado nas práticas de linguagem, nas atividades de linguagem e nos gêneros do discurso, por acreditarmos que o ensino de Língua Portuguesa nas escolas deve pautar-se na teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso – práticas de uso da língua que instituem as relações humanas nas diferentes esferas sociais (esfera religiosa, esfera familiar, esfera escolar, esfera acadêmica, etc.).

O projeto *O Medo na Literatura* promoveu uma aproximação dos alunos ao ensino de conhecimentos específicos de Língua Portuguesa permeados pela temática do *suspense*, *terror*, *mistério*, *medos* e *histórias sobrenaturais*. Nossos objetivos constituíam em apresentar aos alunos as especificidades dos gêneros conto e história em quadrinhos, de modo a desenvolver habilidades de compreensão leitora e produção textual escrita desses gêneros, concebendo a análise linguística em favor dessas habilidades. Além de reconhecer os contos e as histórias em quadrinhos como gêneros que circulam socialmente e que, como tal, configuram práticas de uso da língua.

Palavras-chave: docência, suspense, literatura, conto, histórias em quadrinhos.

SUMÁRIO

A DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO	11
1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO...	11
1.1 A escola em foco	11
1.1.1 <i>Histórico</i>	11
1.1.2 <i>O espaço escolar e o quadro de funcionários</i>	13
1.2 A turma em foco.....	14
1.3 A prática docente em foco	15
1.3.1 <i>O professor de Língua Portuguesa.....</i>	15
1.3.2 <i>Atuação do professor.....</i>	16
2 O PROJETO DE DOCÊNCIA.....	16
2.1 Problematização.....	16
2.2 Tema e justificativa.....	17
2.3 Fundamentação Teórica.....	19
2.4 Objetivos	21
2.5 Conhecimentos trabalhados.....	21
2.6 Metodologia	22
2.7 Recursos necessários.....	26
2.7.1 <i>Recursos materiais</i>	26
2.7.2 <i>Recursos bibliográficos</i>	27
2.8 Avaliação.....	27
2.9 Quadro-síntese e Planos de Aula	28
3 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	148
A DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRACLASSE	151
4 O PROJETO DE DOCÊNCIA: O PLANO DE TRABALHO	151
4.1 Introdução	151
4.3 Objetivos	152
4.4 Conhecimentos trabalhados.....	152
4.5 Metodologia	153
4.6 Cronograma	154
4.7 Planos	154
5 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ATIVIDADES EXTRACLASSE.....	193
6 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR.....	197
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	198
8 REFERÊNCIAS	199
9 ANEXOS	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

Tomamos aqui o alinhave final que tecemos com fios que ‘zigzagueavam’ desde as primeiras laçadas, dos muitos novelos enleados, para então, percorrer uma jornada cujo objetivo inicial era tomar os fios que conduziriam o início de uma ‘trama’ certa, o projeto docente. Retirar o primeiro nó é sempre uma tarefa árdua que só é possível depois de anos tecendo as teias entre os saberes, os dizeres e as direções. Essas teias sempre tão bem representadas, ora por doutores, ora por orientandos, mas, a saber, seguiam sempre em direções convergentes. Alguns nos mostravam o quão belo era possível o universo da literatura, outros o quão científico era o caminho da linguística. Nesse ir e vir de fios é que chegamos à etapa final do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, o estágio supervisionado I e agora o estágio supervisionado II. Iniciamos aqui o relato final dessa fase em que juntamos os fios às ferramentas necessárias para a tecelagem dessa malha que é a ação docente.

Apresentamos o fim de uma etapa em que iniciamos buscando com nossos olhares curiosos algumas respostas, quando esses olhares buscavam apoio para um projeto docente que, embora tenha iniciado pequeno e cheios de nós, logo tomou forma de grandes fios que aguardavam ser tecidos, e foi com pequenos passos e com muita orientação e apoio que seguimos tecendo a grande malha. A tomada de decisão, pelas escolhas feitas, foi o momento de adentrar em um espaço de responsabilidades, lugar em que o fazer discente metamorfoseia-se em fazer docente, lugar de testar nossas teorias, nossas criatividade, lugar em que nossas inseguranças não perduravam um só momento, lugar em que cruzamos saberes e, agora, em um dado período somos mestres, educadoras, estagiárias e professoras. A responsabilidade mudava de lado, pois o lado confortável de assistir aulas, de estudar para provas e de fazer ensaios, resenhas e artigos continuava, mas agora, sem poder protelar prazos, sem poder nos ausentar delas, porque tínhamos a certeza de que, pelo menos, 28 estudantes estavam nos aguardando com algumas expectativas.

Nesse relatório, nossas experiências docentes tomam forma de registro, a fim também de concluir uma etapa de nossa formação, como professoras de Língua Portuguesa. Iniciamos, pois, com os primeiros fios lá no ano de 2009-2, na primeira fase da graduação, quando ali chegávamos cheios de vontades, de planos e seguimos as fases com algumas dúvidas, essas oscilavam entre o bacharelado, a licenciatura ou ambos,

para então pousar dentro deste universo que é a educação: almejado por poucos e execrado por muitos.

Metáforas¹ à parte e diante de todas as nossas vivências individuais, não podemos deixar passar sem o devido registro de que o nosso curso traz consigo alguns documentos importantes que nos garantem perante a lei algumas certezas, dentre as quais, a de que o Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Catarina, propõe-se a:

- (i) oferecer uma formação sólida na área de língua e literatura, oportunizando a experiência com o ensino, a pesquisa e a extensão, e incentivando a articulação com outros cursos de graduação e com a pós-graduação na área;
- (ii) criar oportunidades pedagógicas que propiciem o desenvolvimento da autonomia do aluno quanto à resolução de problemas, tomada de decisões, trabalho em equipe, comunicação, dentro da multidisciplinaridade dos diversos saberes que compõem a formação universitária em Letras. (PPP/letras UFSC²)

Especialmente em relação às disciplinas de estágio supervisionado, parte do curso (504 horas/aula, divididas entre o estágio I – Ensino Fundamental e estágio II – Ensino Médio) dedicada mais especificamente à vivência do fazer docente, este mesmo documento prevê a realização de algumas etapas, tais como:

1. realização das primeiras aproximações com a escola e outras instituições de caráter educativo para observação e levantamento de informações e dados;
2. discussão e análise do material de campo;
3. definição do problema e elaboração de um projeto de ensino;
4. planejamento das atividades docentes;
5. desenvolvimento do projeto de ensino; avaliação;
6. comunicação e divulgação dos resultados obtidos. (PPP/Letras UFSC³)

Deste modo, o relatório final de estágio compreende a última etapa de um caminho percorrido e vivenciado no dia a dia das escolas, em especial na turma 123, 1ª fase do Ensino Médio, do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC na cidade de Florianópolis. Cumprindo todas as etapas dessa formação, ainda nos coube realizar um projeto extraclasse em que ousamos ministrar uma oficina de Revisão e Edição de Textos, aberto para alunos do IFSC e para a comunidade em geral.

¹ Usamos aqui a mesma metáfora que Geraldí usa quando se refere à Leitura de textos em que “a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história”. (1997, p.166)

² Projeto Político Pedagógico do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas Licenciatura e Bacharelado. Disponível em: < <http://vernaculas.paginas.ufsc.br/files/2012/06/Projeto-Pedag%C3%B3gico-do-CLP.pdf>> Acesso em 25 de junho de 2013.

³ Idem ibidem.

Aqui, no relatório final de estágio apresentaremos, primeiramente, o nosso campo de estágio, na sequência nosso projeto de docência, com as devidas problematizações acerca da escolha do tema, os planos das aulas e nossas reflexões sobre essa experiência; o mesmo faremos com o projeto extraclasse. Para finalizar o nosso relatório, inserimos uma sessão sobre as práticas do fazer docente, como também as nossas considerações gerais da experiência de estágio II. Na sessão **Anexos** inserimos documentos mais gerais e referentes ao todo do estágio, alguns anexos específicos das aulas poderão ser encontrados nos planos de aula do projeto de docência e do projeto extraclasse.

Convidamos você, leitor e leitora, a segurar conosco o fio⁴ que nos ajudará a tecer esse texto, que aqui construiremos em um longo diálogo entre os fios de nossos saberes. O resultado será o nosso aprendizado constante.

⁴ Leia-se aqui o mesmo fio que Geraldi (1997) afirma que [...]“é o encontro destes fios que produz a cadeia de leituras construindo os sentidos de um texto. E como cadeia, os elos de ligação são aqueles fornecidos pelos fios das estratégias escolhidas pela experiência de produção do outro (autor) com que o leitor se encontra na relação interlocutiva de leitura” (p.166)

A DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

1. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

O IFSC está localizado no centro de Florianópolis, região com utilização mista, ou seja, comercial, residencial e de prestação de serviços. A escola fica próxima de algumas comunidades carentes que habitam alguns dos morros do seu entorno, tais como a comunidade do morro da *Caixa*, do *Tico-Tico*, da *Mariquinha*, do *Mont Serrat* e a do morro do *Céu*, entre outras mais afastadas, que fazem parte do Maciço do Morro da Cruz⁵. Ainda que o seu entorno seja de comunidades socialmente desfavorecidas, o público da instituição de ensino não são de moradores da região.

A política de ingresso na instituição é via processo seletivo, realizado a cada semestre, por esse motivo os alunos são de localidades distintas e não, necessariamente, do entorno da escola, entretanto, na história dessa instituição o público alvo foram adolescentes e jovens de comunidades mais carentes, na intenção de profissionalizar a mão de obra das classes menos favorecidas. Hoje, devido ao prestígio que o colégio ganhou ao longo da sua trajetória, os alunos vêm de diversas classes sociais, aumentando assim a concorrência pelas vagas ali oferecidas, nos diversos cursos técnicos do instituto. Os cursos mais concorridos podem chegar ao número de 35 candidatos por vaga no primeiro semestre⁶ e 18 candidatos por vaga no segundo semestre⁷ no *campus* de Florianópolis (estatística dos dois últimos processos realizados), chegando, desse modo, a ser mais concorrido que alguns cursos de graduação de outras instituições.

1.1 A escola em foco

1.1.1 Histórico

Em 1909 nascia o colégio que na ocasião recebeu o nome de *Escola de Aprendizizes Artífices*, com o objetivo de capacitar jovens trabalhadores de classes menos favorecidas com um ensino profissionalizante. No ano de 1910 ganhou do Governo do

⁵ Conjunto de comunidades que vivem no maciço do morro da caixa, mas cada uma dessas comunidades tem um nome diferente.

⁶ Informação disponível em:

http://ingresso.ifsc.edu.br/novo/images/stories/pdf/2013-1/resultados/TECNICOS/CV_integrado.pdf. Acesso em 23-08-13.

⁷ Informação disponível em:

http://ingresso.ifsc.edu.br/novo/images/stories/pdf/2013-2/resultados/TECNICOS/C_V_integrado_2013.2.pdf. Acesso em 23-08-13.

Estado um prédio instalando-se na região central da capital catarinense. Em 1962 o colégio muda-se para a Rua Mauro Ramos, local em que permanece até hoje.

Os cursos oferecidos no momento em que a escola foi inaugurada eram o ensino primário e cursos profissionalizantes de formação em desenho e oficinas de tipografia, encadernação e pautação. Além desses, ainda havia oferta de cursos de carpintaria da ribeira, escultura e mecânica, ferraria e serralheria, cursos estes que acompanhavam os interesses do período. Na década de 70 e 80 a escola dispunha de outros cursos que vinham sempre ao encontro dos interesses dos jovens aprendizes, como por exemplo, Eletrotécnica, Estradas, Saneamento, Eletrônica, Telecomunicações, Refrigeração e Ar Condicionado que foram implantados na, já então, Escola Técnica Federal de Santa Catarina- ETFSC (denominação que substituiu a primeira), somando-se aos cursos já existentes desde a metade do século passado como, desenho técnico industrial, mecânica de máquinas, agrimensura, eletromecânica e edificações.

A implantação de novos cursos surge sempre acompanhando os avanços tecnológicos a fim de fomentar a mão de obra especializada de jovens e adultos. Ao longo de sua história, a instituição passou por algumas mudanças de nomes, tais como Liceu Industrial de Florianópolis (1937), Escola Industrial de Florianópolis (1942), Escola Técnica Federal de Santa Catarina - ETFSC (1968), Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina - CEFET (2002) e, em 2008, por um processo democrático de escolha passou a ser Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, o atual IFSC. Em 2002 passou a receber os primeiros Cursos Superiores de Graduação Tecnológica e a cada ano recebia um novo câmpus, hoje totalizando 19 *campi*⁸ e com mais 3 em processo de implantação⁹, todos com cursos nas mais diversas áreas de atuação acadêmica, tais como:

Fundamental – Cursos de Formação Inicial e Continuada integrada ao ensino fundamental - Médio – Cursos Técnicos articulados ao Ensino Médio (integrados, subseqüentes e concomitantes) - Superior – Cursos de Graduação (graduação tecnológica, bacharelado e licenciatura) e de Pós Graduação (lato-sensu – aperfeiçoamento e especialização) e stricto-sensu (mestrado).

As modalidades, conforme denominação prevista na LDB 9394/96: - Educação Profissional - Educação de Jovens e Adultos - Educação a Distância - Educação Especial

Os eixos tecnológicos (para cursos técnicos e cursos de graduação tecnológica): - Ambiente, Saúde e Segurança - Controle e Processos Industriais - Hospitalidade e Lazer - Informação e Comunicação -

⁸ Campus Araranguá, Caçador, Canoinhas, Chapecó, Criciúma, Florianópolis, Florianópolis continente, Gaspar, Itajaí, Jaraguá do Sul, Jaraguá do Sul GW, Joinville, Lages, Palhoça, São José, São Miguel do Oeste, Urupema e Xanxerê.

⁹ Campus de Garopaba, São Carlos e Tubarão.

Infraestrutura - Gestão e Negócios - Produção Alimentícia - Produção Industrial - Recursos Naturais - Produção Cultural e Design
As áreas de conhecimento (para cursos de bacharelado e de licenciatura): - Engenharias – Educação. (PDI-IFSC, 2010)

1.1.2 O espaço escolar e o quadro de funcionários

O espaço físico do *campus* de Florianópolis, objeto de análise desse relatório, é amplo e a entrada só é feita mediante identificação na portaria, de modo a não permitir o livre acesso, como nas demais instituições federais de nível superior, pois conforme dito anteriormente, um dos níveis de ensino é também o nível médio, portanto, ambiente de educação mista com alunos menores de idade, pelos quais a instituição deve zelar. Ao ingressar no Instituto, cada aluno recebe um cartão provisório de identificação e, posteriormente, os cartões magnéticos, permitindo a entrada e identificação dos alunos.

O espaço físico¹⁰ encontra-se dividido em alguns prédios que foram sendo construídos aos poucos, acompanhando, assim, a evolução da instituição. No seu interior podemos encontrar dois ginásios de esportes, quadras de esportes ao ar livre, coordenadorias dos cursos, departamento acadêmico de saúde e serviços, gabinete geral da direção do *campus*, bloco central - salas de aula e laboratórios de pesquisas, cantina, coordenadoria pedagógica, departamento de acadêmico de linguagem, tecnologias, educação e ciências- DALTEC, departamento acadêmico de eletrotécnica, departamento acadêmico de eletrônica, departamento acadêmico da construção civil, departamento acadêmico da metal-mecânica, refeitório, prédio do almoxarifado e manutenção, biblioteca e reprografia. Apesar das inúmeras construções ainda é possível encontrar um ambiente arborizado com bancos logo após a entrada na instituição. Local em que comumente encontramos alunos em grupos conversando descontraidamente.

A estrutura administrativo-pedagógica do IFSC está organizada da seguinte forma:

¹⁰ Mapa do campus está disponível em: http://www.florianopolis.ifsc.edu.br/extras/mapa_campus/. Acesso em 24-05-13.

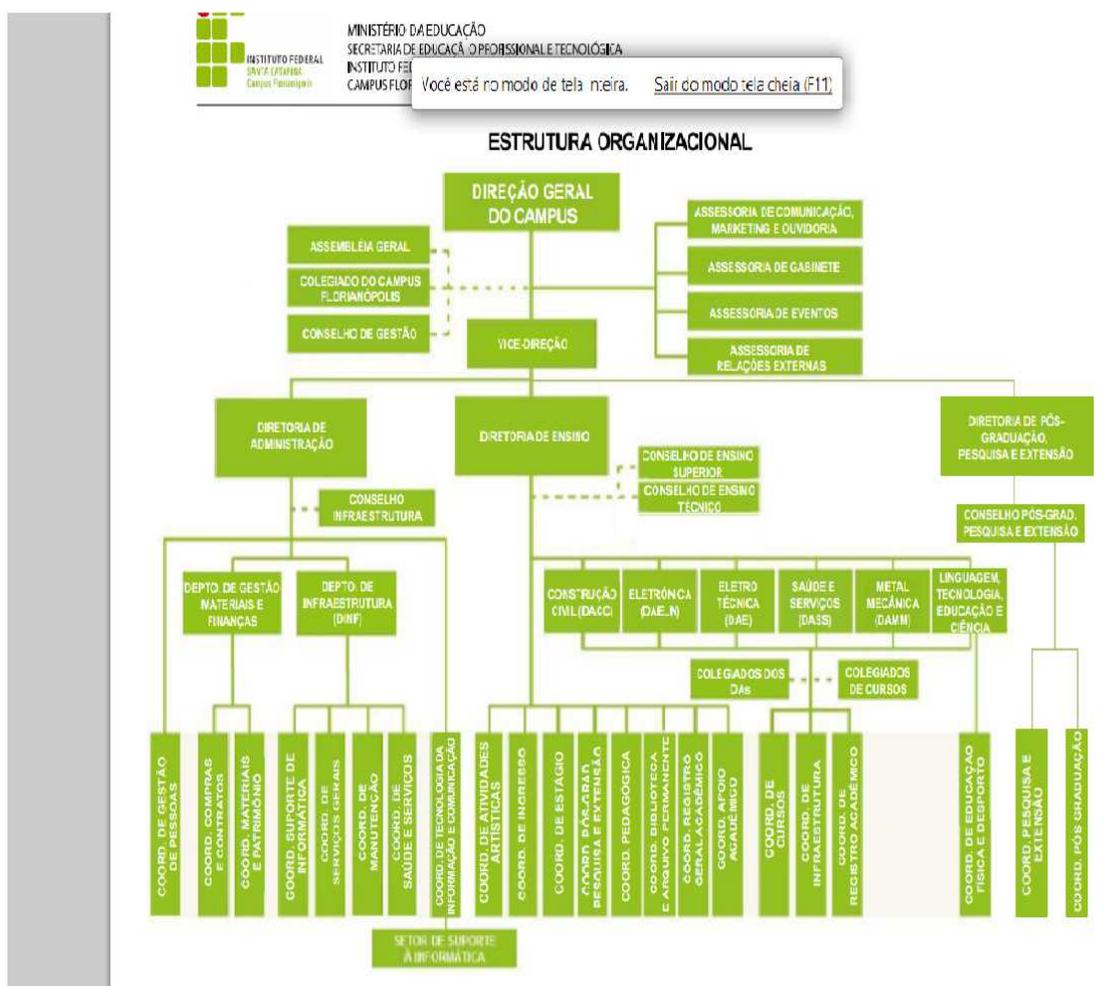


Figura 1- *Estrutura Organizacional IFSC- FPOLIS*¹¹

Em relação ao quadro docente, a instituição conta com apoio de profissionais capacitados, muitos dos quais com especialização, mestrado e doutorado. A seleção de professores é feita mediante concurso público para o cargo de professor efetivo e, após a contratação docente, é exigida a dedicação exclusiva. Os professores substitutos são selecionados mediante processo seletivo.

O DALTEC, que aqui nos interessa, é o departamento responsável pelas disciplinas de formação geral dos cursos do ensino médio integrado à educação profissional, conta com 89 professores efetivos e 18 substitutos. Alguns professores efetivos estão afastados da sala de aula por diversos motivos como, doença e compromissos com cargos de chefia. Os discentes vinculados ao DALTEC constituem um grupo de 623 alunos da primeira até a quarta fase. Após esse período, então, os alunos ficam vinculados aos departamentos, de acordo com o curso escolhido.

1.2 A turma em foco

¹¹ Disponível em: http://florianopolis.ifsc.edu.br/images/stories/sitepdf/estrutura_campus.pdf. Acesso em 25-08-13.

A turma na qual realizamos as atividades de observação e docência foi a primeira fase do curso técnico integrado misto. A turma conta com 28 alunos, alguns dos quais são do curso de eletrotécnica e outros do curso de edificações. A faixa etária compreende alunos de 13-17 anos.

Conforme nossa avaliação visual, não há alunos portadores de necessidades especiais, contudo, segundo o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas - NAPNE na turma 123 há um aluno que vem sendo acompanhado pelas psicólogas.

1.3 A prática docente em foco

1.3.1 O professor de Língua Portuguesa

O professor C. concluiu sua graduação em Letras-português pela UFSC, no ano de 1981, tem mestrado em literatura brasileira, também pela UFSC no ano de 1988. Trabalha como professor há 32 anos e no *IFSC* chegou há 5 anos e atua como professor efetivo em caráter de dedicação exclusiva, com carga horária semanal de 40 horas. Atualmente, ministra suas aulas para três turmas da 1ª fase e uma turma de 6ª fase do curso técnico integrado. O ensino de língua portuguesa compreende seis fases do curso, no entanto, para o próximo semestre esse quadro será ampliado até a 7ª fase. Na relação professor-aluno percebemos que há respeito mútuo, entretanto observamos que alguns alunos preferem as disciplinas de cálculos, desse modo, os alunos não interagem com muito entusiasmo nas aulas de língua portuguesa, fazendo com que essas aulas sejam, para eles, monótonas, tal como foi dito por alguns alunos no questionário aplicado. No entanto, de maneira geral, há responsabilidade na realização das tarefas solicitadas, pois a maioria da turma cumpre o prazo de entrega, salvo algumas exceções.

O professor C. é calmo, paciente e em nenhum momento altera a voz, sua conduta serena faz com que os alunos o respeitem ao primeiro chamado. Esse comportamento nos faz pensar em inúmeros professores que gritam com seus alunos e deles não ganham respeito e tampouco são atendidos. Em alguns momentos nos surpreendemos com essa calma. Essa é uma postura admirável.

As responsabilidades docentes não se limitam na ação em sala de aula, pois o professor tem a tarefa de ministrar oficinas para outras turmas, realiza atendimento

extraclasse para os alunos que necessitam de reforço, além de integrar algumas comissões da instituição.

1.3.2 Atuação do professor

A ação docente empreendida pelo professor da turma fundamenta-se em uma concepção de ensino ora tradicional, ora no ensino da língua tal como propõe Geraldí, em que toma o texto, a leitura como molas mestras para o ensino da produção textual, contudo não foi observado qualquer exercício de análise linguística, tão pouco de reescrita. Cabe ressaltar, no entanto, que esta observação refere-se a um recorte limitado de aulas, o que não significa que essas práticas não se efetivem no fazer docente deste professor. O uso do livro didático conduz a organização dos conteúdos ministrados em aula, mas nem por isso o professor utiliza-se apenas dessa ferramenta. Traz outros textos a fim de contribuir com o conteúdo do livro didático, algumas vezes, textos mais atrativos, aproximando assim, os alunos da disciplina.

Os alunos, em questionário realizado com eles, não se mostraram muito simpatizantes da disciplina. Ao se referirem à metodologia assumida pelo professor, os alunos consideram que, por vezes, a aula não é muito dinâmica. Apesar de os alunos não demonstrarem muito interesse pela disciplina e pela metodologia assumida, a relação entre docente e discente não apresentou nenhum problema. Sempre que são chamados a atenção, os alunos sempre acatam e respeitam o educador sem que para isso seja necessário aumentar seu tom de voz.

Como proposta de ensino, procura incentivar seus alunos a gostar de ler e de escrever, na intenção de que continuem com essas práticas pelas suas vidas. Para isso, proporciona a leitura de bons textos; socializa suas leituras para que haja incentivo mútuo entre os colegas. Desenvolve a prática sistemática da escrita para que esta se torne um exercício natural e tranquilo para eles.

2 O PROJETO DE DOCÊNCIA

2.1 Problematização

Enquanto expectadoras da prática educativa e, em busca de uma centelha de momento daquilo que, para nós, pudesse fazer o diferencial na arte de “chamar” o aluno

para o ensino-aprendizagem, é que iniciamos a tarefa de encontrar um caminho para que, assim, pudéssemos nos alicerçar e seguir no planejamento de nossa ação docente. Acreditamos que o espaço aberto da etapa de observação do estágio nos permitiu repensar sobre tudo aquilo que já havíamos estudado em toda a graduação.

Foi nesse momento também que várias ideias foram retomadas e, num primeiro momento, nenhuma parecia se articular com a realidade concreta e viva dos alunos. Então, como perceber aquilo que seria o mais apropriado a ser feito, como escolher a melhor forma e fórmula para que esses alunos pudessem atingir alguns objetivos e como ensinar os alunos a lidarem com um determinado gênero do discurso de modo que este lhes fizesse sentido? Tínhamos muitas perguntas, muitas dúvidas e olhando em frente percebemos, também, muitos caminhos a serem seguidos, e, nesse emaranhado de idas sem vindas, seguimos em busca de um, não o único, mas o mais apropriado.

Aproveitando o que temos é que devemos seguir, sugere o adágio popular, e, aos poucos fomos percebendo uma realidade diferente daquela que tivemos no semestre anterior, em escolas regulares da rede pública municipal e federal de ensino. O IFSC difere das outras instituições de ensino, pois caracteriza-se principalmente pela oferta de educação profissional. Portanto, um espaço ideal em que adquirimos novas experiências.

Diante de toda a liberdade que nos foi dada para a escolha do tema, assim como dos conhecimentos a serem trabalhados durante todo o período de nossa docência, optamos, então, por seguir as propostas da academia, ou seja, privilegiar um ensino de língua pautado nas *práticas de linguagem*¹², nas *atividades de linguagem*¹³ e nos *gêneros da linguagem*¹⁴, tal como postulam Schneuwly e Dolz em *Os Gêneros Escolares – das Práticas de Linguagem aos Objetos de Ensino*.

O projeto *O medo na literatura: casos e causos* teve como intenção promover uma aproximação dos alunos ao ensino de conhecimentos específicos de língua portuguesa permeados pela temática do *suspense, terror, assombros* e dos *medos* trazidos de dentro e de fora da *Ilha da Magia*.

2.2 Tema e justificativa

¹² “são o lugar de manifestações do individual e do social na linguagem” (Bautier 1995 apud Schneuwly e Dolz, disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n11/n11a02.pdf>, acessado em 09/05/2013).

¹³ **Atividades de Linguagem:** Produção, compreensão interpretação e/ou memorização de um conjunto de enunciados orais ou escritos. **INTERAÇÃO-SUJEITO-MEIO** (idem ibidem).

¹⁴ É a partir dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes. O locutor consegue perceber em que gênero está inserido na prática de linguagem. (idem ibidem).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

Um escritor competente é alguém que, ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado a seus objetivos e à circunstância enunciativa em questão. (...) Um escritor competente é alguém que planeja o discurso e conseqüentemente o texto em função do seu objetivo e do leitor a que se destina, sem desconsiderar as características específicas do gênero. É alguém que sabe elaborar um resumo ou tomar notas durante uma exposição oral; que sabe esquematizar suas anotações para estudar um assunto; que sabe expressar por escrito seus sentimentos, experiências ou opiniões. (PCN, 1998, p. 47)

Partimos desse pressuposto sobre a prática de produção de textos e optamos por trabalhar com um gênero que pudesse contemplar *leitura estudo* com *leitura fruição*, a fim de que, fossem estimulados à leitura e pudessem produzir textos que lhes provocassem *prazer* durante o processo de escrita. Com a intenção de estimular a leitura é que optamos por trabalhar com a temática do *Medo na Literatura*, por se tratar de um assunto que muito interessa aos alunos.

Nossa escolha levou em conta nossa preferência literária juntamente com a dos jovens dessa faixa etária, que lotam as salas de cinemas quando o assunto é suspense e mistério. Ao aplicarmos o questionário, mesmo após a escolha do tema, não foi surpresa constatar que a maioria prefere livros e filmes que abordem o medo, o suspense, o terror e muito mistério.

Sendo assim, fizemos a escolha de alguns contos de escritores catarinenses e também da literatura estrangeira, como Edgar Allan Poe, considerado o mestre dos contos de terror e suspense. A literatura catarinense foi prestigiada com os contos de Salim Miguel, Franklin Cascaes, Salma Ferraz (embora não seja catarinense de nascimento, reside desde 1995¹⁵ onde atua como professora da graduação na Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC), bem como, com o romance de Luana Von Linsingen, *A casa de Hans Kunst*, catarinense e também professora da UFSC.

Reconhecemos que o interesse pela leitura está, muitas vezes, atrelado a seleção dos textos, assim como, o modo com que os professores conduzem a temática, por esse motivo é que optamos em trabalhar com escritores contemporâneos sem desprezar os reconhecidamente canônicos e explorar a temática por caminhos mais agradáveis. Para

¹⁵ Informação disponível em seu currículo *Lattes* em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4771694Z8>. Acesso em 3-10-2013.

tanto, introduzimos, além do conto, também o gênero histórias em quadrinhos, proporcionando satisfação durante a leitura e produção escrita.

Atendendo a todos os requisitos do trabalho com os gêneros em sala de aula, não esquecemos de indicar a sua função social, ou seja, os alunos tiveram seus contos publicados em um *blog*. Desse modo, a esfera de circulação ganhou ampla circulação, uma vez que foi aberto ao público em geral, não ficando o gênero restrito a leitura das professoras para correção. Assim, o trabalho com os gêneros do discurso foi pautado na *leitura, escrita, análise linguística, reescrita e esfera de circulação*.

2.3 Fundamentação Teórica¹⁶

Desde muitos anos, o ensino da Língua Portuguesa, como língua materna, vem passando por inúmeras e intermináveis discussões, sempre com o intuito de melhorá-lo, aperfeiçoá-lo, cada vez mais. O ponto principal dessas discussões foi e tem sido o ensino/prática da leitura e escrita. Diante disso, não faltam autores, escritores, linguistas, escrevendo e discutindo sobre como explorar e sanar esses problemas tão sérios que fazem com que cada vez mais alunos repitam o ano. Esses problemas estão diretamente ligados à dificuldade que a escola enfrenta para ensinar a ler e a escrever.

Tomamos como base de nosso trabalho o ideário sócio-histórico-cultural, de Mikhail Bakhtin, que pensa no sujeito e no seu interlocutor como interligados, interconectados. Bakhtin propõe uma concepção dialógica da linguagem, onde interior, o eu, e exterior, o outro, não são dicotômicos, mas dialéticos, se relacionam e se complementam, isto é, a relação eu-outro é essencial na constituição dos sujeitos, pois são seres sociais e históricos que se constituem na alteridade, na relação, porque o outro, ao interagir com o eu, atua sempre como uma medida ou uma opinião que é exterior ao mesmo eu. A linguagem e as atividades humanas instituem-se reciprocamente.

O conceito de alteridade é um dos mais significativos do ideário bakhtiniano. Ele é essencial para que entendamos vários outros conceitos, como o de dialogismo e o de enunciado, pois é na alteridade, na nossa relação dialógica com o outro que nós nos constituímos. A interação com o outro, esse dialogismo, é a condição da possibilidade de existência e constituição do sujeito como ser social.

¹⁶ Esta fundamentação teórica retoma outros textos produzidos pelas alunas Ana Luiza Bazzo da Rosa, Laiana Abdala Martins, Jéssica Rassweiler, Rafaela Miliorini Alves de Brito, Talita Taylane Prokoski e Thalita da Silva Coelho em outra disciplina do curso sob o Título de *Projeto de ensino: discutindo bullying e preconceito*, no ano de 2012/2.

A partir de sua concepção dialógica da linguagem, Bakhtin propõe uma metodologia para o estudo da língua: primeiro precisamos entender o que é a linguagem, sua natureza socio-interacional e histórica; a partir dela compreendemos as ações humanas e suas produções sociais, as quais se desenvolvem nas esferas sociais pelas quais transitam os indivíduos (religiosa, jornalística, escolar, familiar etc.). Em seguida, o estudo dos gêneros do discurso – pois eles são constituídos historicamente a partir da interação social até adquirirem certa estabilidade. É somente depois de perfazer esse caminho que seremos capazes de entrar no estudo das formas da língua, através da análise linguística.

O enunciado, para Bakhtin, é a unidade real e concreta da comunicação entre os interlocutores de uma dada situação de interação. O nosso discurso, então, materializa-se em enunciados – enunciados verbais orais, verbais escritos – ou em outra unidade semiótica, como o desenho, a música, etc. Bakhtin (2003[1979], p. 283) diz que “Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por meio de enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas)”.

Dessa forma, entendemos que interagimos com o outro por meio de enunciados, por meio dessas unidades da interação discursiva. O enunciado é composto de uma dimensão verbal, ou outro material semiótico, e de uma dimensão social, constituída da situação de interação em que o enunciado foi proferido, quem o proferiu, para quem, com que finalidade. Em uma situação de ensino de escrita, por exemplo, o aluno precisa assumir-se como autor que tem *o que dizer, a quem dizer, razões para dizer e estratégias para dizer*.

Acreditamos, portanto, que o ensino de Língua Portuguesa nas escolas deve pautar-se na teoria dos gêneros do discurso – práticas de uso da língua que instituem as relações humanas nas diferentes esferas sociais (esfera religiosa, esfera familiar, esfera escolar etc.) – definidos por Bakhtin (2003[1979]) como tipos relativamente estáveis de enunciados. Os gêneros estão implicados na cadeia discursiva, não na imanência do sistema textual.

O conceito de gêneros do discurso como práticas de uso da língua ajuda a situar o aluno no contexto em que eles são construídos. Por exemplo: uma reportagem de jornal só interessa enquanto gênero instituidor de sentidos se estiver vinculada ao seu suporte, o jornal, e ao seu meio, o local em que foi escrita, por quem e com que finalidade. Um texto tomado avulsamente não constrói sentidos plenos, pois não institui

relações na cadeia discursiva, apenas agencia de maneira superficial certas estruturas do sistema linguístico.

Em todo o momento podemos observar o surgimento e o desaparecimento de diversos gêneros. Rodrigues (2005) cita dois exemplos: a conversa de salão e o romance-folhetim, como gêneros que desapareceram da circulação social. Já outros gêneros podem surgir, como o *blog* que surgiu através da internet e pode se dizer que lembra em muito o diário; ou o *e-mail* que são as novas cartas. Mas, ressalta Rodrigues (2005), os gêneros que surgem não substituem os já estabelecidos – um telefonema não substitui uma conversa, por exemplo.

Desse modo, se a língua institui as relações sociais, a aprendizagem deve ser entendida como algo que ocorre no movimento de fora para dentro, isto é, da intersubjetividade para a intrassubjetividade e não o contrário. É a partir das relações sociais, das relações dialógicas, que o aluno será capaz de formar e de se apropriar de conhecimentos.

Na prática escolar, um professor ancorado nesse ideário percebe que seus alunos não são sujeitos universais, portanto não podem ser concebidos da mesma maneira: cada um terá seu tempo para aprender, dependendo do conhecimento prévio com que chegou à escola (ou série) em questão e da forma como as relações sociais que estabeleceu ao longo de sua história o formaram. E ainda, compreende que seus alunos não são sujeitos tabula rasa, onde podem ser inseridos conteúdos diversos que serão absorvidos tal qual a significação dada pelo professor (a educação não pode ser bancária).

2.4 Objetivos

Nossos objetivos foram:

a) Apresentar aos alunos as especificidades dos gêneros contos e histórias em quadrinhos, a fim de desenvolver e aprimorar suas habilidades de compreensão leitora e produção textual escrita desses gêneros, concebendo a análise linguística em favor do desenvolvimento dessas habilidades.

b) Reconhecer os contos e as histórias em quadrinhos como gêneros que circulam socialmente e que, como tal, configuram práticas de uso da língua, identificando suas regularidades.

2.4 Conhecimentos trabalhados

Nosso propósito foi explorar a representação do *medo na literatura*, com uma viagem que percorreu desde o medo, em tempos distantes, até o medo, na contemporaneidade. Para tanto, apresentamos o medo nas artes visuais, literária e na oralidade. Os contos serviram de suporte para representar o medo nas diversas épocas, desde os clássicos até a literatura best-sellers. Ao inserirmos a história em quadrinhos, tivemos a intenção de apresentar como o medo perpassa as diferentes manifestações literárias, em gêneros diversos.

Há, entretanto, alguns medos bem raros e nem sempre contados em livros ou filmes, que não estão na esfera do horror e tão pouco do suspense, mas que moram em cada um de nós. Esses medos foram explorados ao longo das aulas, mais especificamente, quando trabalharmos o *Livro dos Sustos*, uma espécie de glossário de *medos*.

Outros temas foram abordados, tais como: o medo em diferentes culturas, na mitologia, religião, folclore e outros que, involuntariamente, foram surgindo como frutos dos debates e das provocações em sala de aula ou a partir do *blog*.

2.5 Metodologia

Essa seção de metodologia se encontra tal como estava disposta em nosso projeto de docência, ou seja, os tempos verbais se apresentam no infinitivo, indicando uma ação ainda a ser realizada. Na Seção 3 – Reflexão sobre a prática pedagógica – retomaremos este movimento metodológico para analisá-lo como ação realizada.

1º dia – 7/10/2013

Iniciar com a entrega de uma carta convite de apresentação do projeto para os alunos, para então apresentar o projeto de docência, bem como nossos objetivos.

Lembrar sobre a leitura do livro *A Casa de Hans Kunst*, de Luana Von Linsingen, uma vez que o seminário tem data marcada para a realização.

Distribuir o conto *Prisioneiros do Cemitério*, de Salma Ferraz para leitura silenciosa. Depois iniciar questionamentos acerca do conto.

Na sequência, distribuir o conto *Mistério no Miramar*, de Salim Miguel para leitura silenciosa, para posteriormente explorar o texto quanto ao seu conteúdo, vocabulário e outras especificidades do gênero conto.

Um estudo sobre o gênero será feito com base em um roteiro sobre o conto, para depois iniciarmos uma apresentação em slides sobre características do gênero conto.

De forma aleatória chamar alunos para socializarem as respostas do roteiro.

Na intenção de iniciar o trabalho com as narrativas orais, tema da próxima aula, passar um vídeo com um “causo” da ilha¹⁷.

Encaminhar a próxima atividade, que consiste em uma pesquisa sobre causos que deverão ser socializados na aula seguinte. Para reforçar a atividade, faremos uma chamada no quadro, reforçando assim que se trata de uma atividade avaliativa.

2º dia – 9/10/2013

Distribuir alguns textos com lendas, crendices populares, frutos da tradição oral: *A vassoura bruxólica*, na sequência iniciar com perguntas sobre o texto e a apresentação do autor Franklin Cascaes e sua contribuição para a cultura das narrativas orais, bem como, para a cultura da região.

Encaminhar atividade sobre o Seminário dos Sustos. Com base nesse livro sortear temas a serem pesquisados para apresentação no dia 21-10: os grupos poderão ser formados por 3 a 4 pessoas no máximo, de modo que todos conseguirão fazer uma breve apresentação de suas pesquisas. Sortear os temas através de uma caixa preta, confeccionada pelas estagiárias. Dentro colocar objetos que remetem ao tema (o aluno que tirar a foto de uma casa antiga, velha, sombria: terá como tema do seminário, casas mal-assombradas).

De acordo com o sorteio, entregar para cada grupo um texto extraído do *Livro dos Sustos* correspondente aos temas sorteados por cada um, para que assim iniciem suas pesquisas em casa;

Organizar as carteiras em círculo para iniciar a “contação dos causos”;

Iniciar a socialização dos causos (em uma apresentação breve, assim como os causos, não ultrapassando 2 minutos para cada um, assim todos apresentam seus causos);

Retornar a organização das carteiras ao modo inicial, a fim de que iniciem a produção de um conto de mistério/terror/suspense a ser entregue no dia 14/10.

¹⁷ Vídeo: “A Bruxa de Coqueiros” <<http://www.youtube.com/watch?v=HB3-2IbY1VA>> (1’32’’) ou “O Balanço Bruxólico”< <http://www.youtube.com/watch?v=kyYkuLxuAu4&hd=1>> (9’55’’) conforme disponibilidade dos horários para o término da aula.

3º dia – 14/10/2013

Recolher os contos que serão retomados no dia 23/10, em aula de *análise linguística*;

Distribuir o conto *O Gato Preto* para leitura e posterior discussão;

Distribuir o conto *O Retrato Oval* para leitura e posterior discussão;

Distribuir o poema *O Corvo* para leitura e posterior discussão;

Explorar os textos, atentando para características e elementos dos contos;

Entregar aos alunos texto com breve apresentação sobre a vida do escritor dos contos, Edgar Allan Poe;

Exibir três curtas-metragens produzidos a partir de adaptações dos contos lidos em sala de aula;

Estabelecer relações entre os contos lidos e os curtas;

Abordar a relação estreita entre ficção e realidade, a fim de introduzir um caso real;

Entregar aos alunos notícia sobre o laudo médico de Marcelo Pesseghini, acusado de matar a família e de cometer suicídio, em seguida;

Conversar com os alunos sobre essa confusão entre realidade e ficção;

Avisar sobre o local da próxima aula, no LABTEXTO, com Sessão Pipoca e exibição do filme *O corvo*, no qual, justamente, um leitor de Edgar Allan Poe, comete crimes se baseando nos contos do autor;

Entregar um roteiro de observação do filme, para que eles respondam e entreguem na aula do dia 21/10.

4º dia – 16/10/2013

Exibir o filme *O corvo*;

No final da exibição, orientá-los a responder o roteiro a ser entregue na aula seguinte, 21/10;

Sanar dúvidas dos alunos, caso haja.

5º dia – 21/10/2013

Conduzir os alunos a se organizarem de modo que a apresentação se dê em ordem alfabética dos temas;

Serão nove grupos apresentando seus trabalhos (8 grupos com 3 integrantes e 1 grupo com quatro (4) integrantes, somando os vinte e oito (28) alunos matriculados na turma);

Cada grupo terá no máximo dez minutos para apresentação;

Informar que todos estarão sendo avaliados no momento da apresentação dos grupos e que poderão fazer perguntas após todas as apresentações.

Iniciar a socialização das pesquisas baseadas nos temas do Livro dos Sustos.

6º dia – 23/10/2013

Iniciar apresentação de slides com *análise linguística* dos contos;

Devolver os contos para iniciarem a reescrita;

Solicitar aos alunos que pesquisem desenhos, gravuras, pinturas ou fotos que ilustrem seus contos, a fim de que possamos colocar juntamente com as produções no *blog* do projeto;

Ao fim da aula, solicitar que os alunos digitem o conto, para que possamos publicá-los no *blog*, e enviem para nossos endereços eletrônicos (a versão manuscrita será recolhida quando todos tiverem digitado seus textos).

7º dia – 30/10/2013

Iniciar o trabalho com as HQ's: como *The Walking Dead* e livro *Histórias para não dormir*, de Pedro Rodriguez (contos clássicos de terror e suspense, adaptados para quadrinhos);

Distribuir algumas HQ's e pedir leitura silenciosa;

Iniciar discussão: costumam ler histórias em quadrinhos e o que sabem sobre elas?;

Apresentar algumas curiosidades sobre o gênero;

Iniciar exercícios sobre os elementos das HQ's;

Apresentar slides com elementos/especificidades das HQ's;

Linguagem verbal e não-verbal. Semântica: sinonímia, antonímia e polissemia; ambiguidade. Figuras de linguagem: ironia, comparação e metáfora, metonímia, antítese, paradoxo, prosopopeia, hipérbole, eufemismo (de acordo com aquilo que os textos apresentarem);

Exercícios de identificação das figuras de linguagem nos HQ's.

8º dia – 4/11/2013

Apresentar aos alunos o livro 90 livros clássicos para apressadinhos, fazendo a leitura de algumas HQ's escolhidas: *Drácula*, *As viagens de Gulliver*, *O alquimista*, *O guia dos mochileiros da galáxia* e *O código da Vinci*;

Iniciar produção de histórias em quadrinhos, baseadas no livro *A Casa de Hans Kunst* e informar que essas HQ's serão expostas no dia 11/11, na ocasião da visita das escritoras;

Recolher as produções.

9º dia – 6/11/2013

Iniciar a aula com o vídeo *Estranhos em casa*, da série *Casos e Causos*¹⁸, que conta a história¹⁹ de uma casa mal-assombrada. Na verdade, um caso que virou um curta, assim como a história do livro

Iniciar o seminário sobre o livro *A casa de Hans Kunst* (fazer uma roda e iniciar a dinâmica da "gosma verde", em que os alunos ao contar a história do livro passará a gosma para o colega ao lado. Seguindo assim até o término da história.);

Recolher a figura para o *blog* para quem não enviou para o *e-mail* - como os desenhos;

Lembrar sobre a visita das escritoras Luana Von Linsingen e Salma Ferraz no dia 11-11 e iniciar atividade de elaboração de perguntas às convidadas.

10º dia – 11/11/2013

Organizar as carteiras em forma de meia lua, a fim de que as escritoras fiquem defronte aos alunos;

Iniciar breve apresentação das escritoras (nome completo, formação acadêmica, livros e contos publicados, etc.);

Iniciar rodada de perguntas às escritoras;

Ao fim, proporcionar momento de descontração, com comes e bebes, juntamente com comemoração do fim do projeto e despedida das estagiárias.

2.7 Recursos necessários

2.7.1 Recursos materiais

¹⁸ Episódio de ficção produzido pela GP7 Cinema para a RPCTV (Globo-PR) para o programa Revista RPC (quadro Casos e Causos).

¹⁹ Baseado em fatos reais, traz os relatos do casal de agricultores "José e Dionizia Boachuck" que moravam numa fazenda mal assombrada na década de 60. Barulhos, vultos e fantasmas. A família precisou encarar o medo para continuar na fazenda misteriosa.

- Quadro;
- Pincel;
- Papel;
- Lápis;
- Material de desenho;
- Material para leitura;
- Projetor multimídia;
- Computador;
- Aparelho de som.

2.7.2 Recursos bibliográficos

CARDOZO, Flávio José, MIGUEL, Salim (Org.) **13 Cascaes**. Fpolis: Fundação Franklin Cascaes, 2011.

CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 1992.

FERRAZ, Salma. **Prisioneiros no cemitério**. In: _____. O Ateu Ambulante. Blumenau: Edifurb, 2004.

HENRIK, Lange. **90 livros clássicos para apressadinhos**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010.

LINSINGEN, Luana Von. **A casa de Hans Kunst**. São Paulo: Saraiva, 1998.

RIOS, Rosana. **O Livro dos Sustos**. São Paulo: Ática, 2006.

RODRÍGUEZ, Pedro. **Histórias para não dormir**. São Paulo: ARX, 2010.

THE WALKING DEAD: A HQ que deu origem ao seriado. 2012: Hqm, n. 1, out. 2012.

2.8 Avaliação

Segundo Cipriano Luckesi (1999) defende, avaliação

é uma atividade que não existe nem subsiste por si mesma. Ela só faz sentido na medida em que serve para o diagnóstico da execução e dos

resultados que estão sendo buscados e obtidos. A avaliação é um instrumento auxiliar da melhoria dos resultados.²⁰

Neste sentido, não tivemos a intenção de avaliar para julgar o aluno, mas entendemos que a partir de cada processo, pudemos prosseguir e algumas vezes redirecionar nossos objetivos, assim como, a metodologia desse ato de planejar e replanejar.

Sendo assim, a avaliação foi feita mediante a participação em aula, de forma contínua e incentivada. Avaliamos: presença, participação nos debates e provocações propostas, pontualidade na entrega das atividades e nas adequações, clareza e coerência no uso da oralidade e da escrita. Além disso, foram propostas algumas atividades de avaliação mais pontuais: a primeira avaliação contemplou a escrita e reescrita de um conto que remetesse ao medo; a segunda avaliação, por sua vez, abarcou causos populares, com a participação oral de todos; a terceira avaliação foi a produção de uma História em Quadrinhos aos moldes do livro *90 livros clássicos para apressadinhos*, com a história do livro *A casa de Hans Kunst* e do conto *Prisioneiros do cemitério*, a quarta avaliação contou com um seminário sobre o livro de Luana Von Linsinghen; a quinta avaliação foi um seminário com base no *Livro dos Sustos*, com pesquisas sobre os temas sorteados, e por fim, a participação semanal do *blog* criado para esse projeto, com comentários sobre as publicações.

2.9 Quadro-síntese e Planos de Aula

	AULAS	ESTAGIÁRIA	TEMA(S) NORTEADOR(ES)
7/10 Segunda-feira	2 aulas 15h40min às 16h35min 16h35min às 17h30min	Erika	Contos
9/10 Quarta-feira	2 aulas 15h40min às 16h35min 16h35min às 17h30min	Erika	Contos populares/narrativas orais
14/10 Segunda-feira	2 aulas 15h40min às 16h35min 16h35min às 17h30min	Laiana	Edgar Allan Poe: o autor e sua obra de mistério

²⁰ Cipriano Luckesi apud CEREJA, W.R., MAGALHÃES, T.C. **Todos os Textos**: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos, 5ª. série. São Paulo: Atual, 1998.

16/10 Quarta-feira	2 aulas 15h40min às 16h35min 16h35min às 17h30min	Laiana	Edgar Allan Poe: Sessão Pipoca com a exibição do filme <i>O</i> <i>corvo</i> , de James McTeigue
21/10 Segunda-feira	2 aulas 15h40min às 16h35min 16h35min às 17h30min	Erika	<i>Livro dos Sustos</i> : seminário dos temas
23/10 Quarta-feira	2 aulas 15h40min às 16h35min 16h35min às 17h30min	Laiana	Análise Linguística e Reescrita dos contos
30/10 Quarta-feira	2 aulas 15h40min às 16h35min 16h35min às 17h30min	Erika	Histórias em Quadrinhos
4/11 Segunda-feira	2 aulas 15h40min às 16h35min 16h35min às 17h30min	Laiana	Produção de histórias em quadrinhos com base no livro <i>A casa</i> <i>de Hans Kunst</i> , de Luana Von Linsingen, a partir da proposta do livro <i>90 livros clássicos</i> <i>para apressadinhos</i> , de Henrik Lange.
6/11 Quarta-feira	2 aulas 15h40min às 16h35min 16h35min às 17h30min	Erika	<i>A casa de Hans</i> <i>Kunst</i> : dinâmica avaliativa da leitura do livro
11/11 Segunda-feira	2 aulas 15h40min às 16h35min 16h35min às 17h30min	Laiana	Café Literário: visita das escritoras Luana Von Linsingen e Salma Ferraz

Em seguida, seguem os planos de aula que orientaram o período de docência na turma 123, do E. M, no IFSC.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Erika da Silva Costa Agnellino
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 123 – 1ª fase do Ensino Médio
Data da atividade: 7/10/2013 – segunda-feira
Tempo de aula: 2 horas-aula, com 55 minutos cada
Horário: 15h40min às 17h30min

PLANO DE AULA 1

TEMA

Apresentação do Projeto e Contos

OBJETIVOS

- Conhecer o projeto de docência, assim como tomar conhecimento das atividades que serão feitas durante esse período;
- Aproximar-se do gênero conto pela leitura fruição de contos de dois autores, Salim Miguel e Salma Ferraz;
- Reconhecer a temática de suspense e terror nos contos lidos;
- Debater acerca dos textos, a fim de explorá-los quanto ao seu conteúdo;
- Reconhecer o conto como um gênero que circula socialmente, considerando função social, espaços de circulação, forma composicional e recursos estilísticos e linguísticos;
- Identificar as características e especificidades do gênero conto, com base na análise dos contos lidos a partir de um roteiro de estudo.
- Apreender conhecimento referente às narrativas orais.

CONTEÚDO

Leitura informação: da carta convite de apresentação do projeto; **leitura fruição:** dos contos; **leitura estudo:** dos contos (esfera de circulação e função social) estrutura narrativa do gênero conto; **oralidade:** entonação, fluência, expressividade na participação dos debates sobre os textos, **escrita:** no exercício do roteiro.

METODOLOGIA

- Fazer a chamada;
- Entregar a carta convite de apresentação do projeto para os alunos;
- Entregar uma folha para que anotem seus nomes e *e-mails*, a fim de que tenhamos o contato de todos, para eventuais recados/avisos/consultas;
- Apresentar o projeto de docência aos estudantes;
- Verificar a leitura do livro *A Casa de Hans Kunst*, de Luana Von Linsingen e marcar a data para o seminário;
- Distribuir o conto *Prisioneiros do Cemitério*, de Salma Ferraz, para leitura silenciosa;
- Explorar o texto quanto ao seu conteúdo, vocabulário e outras especificidades do gênero conto;
- Distribuir o conto *Mistério no Miramar*, de Salim Miguel, para leitura silenciosa;
- Explorar o texto quanto ao seu conteúdo, vocabulário, como também quanto a outras especificidades do gênero conto;
- Entregar roteiro de leitura a ser respondido;
- Fazer a correção juntamente com a turma, chamando alguns alunos de forma aleatória para que façam a socialização das suas respostas;
- Apresentar PPS sobre os elementos do gênero conto;
- Passar um vídeo com um “causo” da ilha²¹, para que compreendam a atividade seguinte que daremos continuidade na próxima aula (dia 9-10);
- Perguntar se eles conhecem algum caso parecido e solicitar que perguntem aos seus familiares, conhecidos mais velhos, amigos, outros casos com essa temática, a fim de conhecerem algumas histórias assustadoras sobre crenças populares, algumas das quais são passadas oralmente de geração para geração.
- Indicar que tragam essas histórias escritas para socializarem na aula seguinte, dia 9/10 (escrever no quadro a atividade solicitada).
- Orientar que os casos são narrativas breves;
- A atividade de contação de casos deverá ser feita na versão escrita de modo a

²¹ Vídeo: “A Bruxa de Coqueiros” <<http://www.youtube.com/watch?v=HB3-2IbY1VA>> (1’32’’) ou “O Balanço Bruxólico” <<http://www.youtube.com/watch?v=kyYkuLxuAu4&hd=1>> (9’55’’) conforme disponibilidade dos horários para o término da aula.

facilitar a apresentação das mesmas na aula seguinte. (a leitura dos causos organizará melhor o tempo de apresentação)

RECURSOS DIDÁTICOS

Síntese do projeto; contos impressos; projetor multimídia; computador; roteiro; slides para apresentação; quadro branco; caneta para quadro branco, vídeo.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados quanto à compreensão do gênero em seus diversos meios de circulação, assim como, pela expressividade e fluência na participação oral quando provocados, bem como pela adequação das repostas ao roteiro dos elementos do gênero conto e na leitura quanto à compreensão dos contos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BORGATTO, Ana M. T., BERTIN, Terezinha C. H., MARCHEZI, Vera Lúcia de C. **Tudo é Linguagem 6º ano: língua portuguesa**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2009.

FERRAZ, Salma. **O Ateu Ambulante**. Blumenau: Edifurb, 2004.

CARDOZO, Flávio José, MIGUEL, Salim (Org.) **13 Cascaes**. Fpolis: Fundação Franklin Cascaes, 2011.

ANEXOS

Anexo 1: Roteiro de análise dos contos

Universidade Federal de Santa Catarina Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Disciplina: Língua Portuguesa Professor Titular: César Cordeiro Professoras Estagiárias: Erika e Laiana Turma: 123 Roteiro - Contos	
Identifique no conto: Título, autor, fonte (onde foi publicado).	
O (a) personagem é apresentado (a) pelo nome ou pela apresentação de suas características? Identifique de acordo com sua resposta.	
Onde se passa a história? Em que época?	
Identifique o momento de conflito do conto.	
Identifique o momento de clímax do conto.	
Identifique o desfecho do conto.	
Você consegue perceber qual a função social do conto? Dê a sua opinião?	

Anexo 2: Roteiro Respondido.

Universidade Federal de Santa Catarina Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Disciplina: Língua Portuguesa Professor Titular: César Cordeiro Professoras Estagiárias: Erika e Laiana Turma: 123 Roteiro - Contos	
Identifique no conto: Título, autor, fonte (onde foi publicado).	Prisioneiros do Cemitério, Salma Ferraz, Edifurb, "O ateu ambulante". ✓
O (a) personagem é apresentado (a) pelo nome ou pela apresentação de suas características? Identifique de acordo com sua resposta.	Apresentação de suas características, "Uniforme branquíssimo" e "aquela bela senhora de olhos pretos." ✓
Onde se passa a história? Em que época?	Pontal do Sul. Não sabemos bem certo que época, mas sabemos que é recente. ✓
Identifique o momento de conflito do conto.	A história do guarda-roupa e sua explicação. ✓
Identifique o momento de clímax do conto.	Quando a garota é acusada pelos avós. ✓
Identifique o desfecho do conto.	Quando Agata se suicida. ✓
Você consegue perceber qual a função social do conto? Dê a sua opinião?	Entreter, despertar curiosidade nos leitores. ✓

Aluna: Isabela de Paula Walczak
 Turma: 123
 Data: 07/10/13

Jade Lemme
123

Universidade Federal de Santa Catarina Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Disciplina: Língua Portuguesa Professor Titular: César Cordeiro Professoras Estagiárias: Erika e Laiana Turma: 123 Roteiro - Contos	
Identifique no conto: Título, autor, fonte (onde foi publicado).	Prisioneiros do Cemitério, Salma Fonseca Ediurb, 2004 ✓
O (a) personagem é apresentado (a) pelo nome ou pela apresentação de suas características? Identifique de acordo com sua resposta.	Relos características da mulher que deu coroa (olhos briss etc), da maninha pelo nome (Agatha). ✓
Onde se passa a história? Em que época?	Praia do Leste e Ponte Grossa e Ponte Recante, Por causa dos contos ^{contemporâneos} ✓
Identifique o momento de conflito do conto.	Quando o narrador pergunta sobre a guarda-roupa. ✓
Identifique o momento de clímax do conto.	Quando a guarda-roupa cai na água. ✓
Identifique o desfecho do conto.	A garota morre. ✓
Você consegue perceber qual a função social do conto? Dê a sua opinião?	Entretém, assim como eu e meus colegas estamos usufruindo dessa função. ✓

Universidade Federal de Santa Catarina Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Disciplina: Língua Portuguesa Professor Titular: César Cordeiro Professoras Estagiárias: Erika e Laiana Turma: 123 Roteiro - Contos	
Identifique no conto: Título, autor, fonte (onde foi publicado).	Sanguinários do romantismo. Sophia Severina. "O Deus Ambulante" Blumenau: Edelweiss, 2004. ✓
O (a) personagem é apresentado (a) pelo nome ou pela apresentação de suas características? Identifique de acordo com sua resposta.	Pelo seu nome e características. Exemplo: A mulher dos tormentos. Aquela bela senhora de olhos pretos. ✓
Onde se passa a história? Em que época?	Ponta da sul. Em uma época recente. ✓
Identifique o momento de conflito do conto.	A história da guarda roupa. ✓
Identifique o momento de climax do conto.	A parte mais triste é quando ela se preocupa pelos seus ossos, que matou seu pai. ✓
Identifique o desfecho do conto.	A parte onde ela se suicida. ✓
Você consegue perceber qual a função social do conto? Dê a sua opinião?	Contando um caso de alcoolismo tão comum na sociedade. ✓

Aluno: José Antônio de Deus.
 Data: 11/8
 Turma: 123

Lukas Duarte Pest

Universidade Federal de Santa Catarina Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Disciplina: Língua Portuguesa Professor Titular: César Cordeiro Professoras Estagiárias: Erika e Laiana Turma: 123 Roteiro - Contos	
Identifique no conto: Título, autor, fonte (onde foi publicado).	Prisioneiros do Cemitério Ferreira, Salma Editora Valença S/A, Rio de Janeiro, RJ, 1999 ✓
O (a) personagem é apresentado (a) pelo nome ou pela apresentação de suas características? Identifique de acordo com sua resposta.	Pelas características - Enfermeira que branca do escuro - Iguala ✓
Onde se passa a história? Em que época?	Pré-leste. o Atual ✓
Identifique o momento de conflito do conto.	At final na conta A história do guarda roupa ✓
Identifique o momento de clímax do conto.	Após acusarem a menina ✓
Identifique o desfecho do conto.	o Acabamento da depressão da menina ✓
Você consegue perceber qual a função social do conto? Dê a sua opinião?	?

Malditas
Drogas (?)

Maria Eduarda Mendes

123

Universidade Federal de Santa Catarina Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Disciplina: Língua Portuguesa Professor Titular: César Cordeiro Professoras Estagiárias: Erika e Laiana Turma: 123 Roteiro - Contos	
Identifique no conto: Título, autor, fonte (onde foi publicado).	Prisioneiros do cemitério, Salma Farias, Blumemau. ✓
O (a) personagem é apresentado (a) pelo nome ou pela apresentação de suas características? Identifique de acordo com sua resposta.	Pelas suas características. "a enfermeira, um seu uniforme brumquíssimo", "bela senhora de profundos olhos pretos". ✓
Onde se passa a história? Em que época?	Paraná, numa época recente. ✓
Identifique o momento de conflito do conto.	Quando a mulher fala sobre o guarda-cupa. ✓
Identifique o momento de clímax do conto.	A parte que a menina é julgada pelos avós como assassina do pai. ✓
Identifique o desfecho do conto.	Quando a menina vai para Fuzinas, e acaba sua deposição. ✓
Você consegue perceber qual a função social do conto? Dê a sua opinião?	Entreter, dar prazer. ✓

Anexo 3: Carta convite ao projeto



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Departamento de Metodologia de Ensino
Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC
Professoras: Erika Costa Agnellino e Laiana Abdala
Martins



Olá, meninas e meninos,

Temos um convite para fazer a vocês. É com muito prazer que, nós estagiárias, convidamos vocês a fazerem parte de uma viagem. Não falamos com vocês desta viagem? Ah! Logo entenderão.

Preparamos um projeto muito bacana, mas para que ele tenha sucesso vocês precisarão de muita imaginação. Entraremos em um universo ficcional, às vezes não tão perceptível assim. A fronteira entre o real e o imaginário é bem pequena, mas vocês saberão brincar, respeitar e adentrar nesse enredo, porque tudo aqui foi planejado feito pensando em vocês.

O passaporte para essa viagem são textos, vídeos, filmes e histórias em quadrinhos. Vocês perceberão que algumas histórias serão assustadoras, outras darão aquele friozinho na barriga e algumas, ainda, de tão verdadeiras, darão gostinho de quero mais.

Você não tem medo de nada? Ah! Não é possível. Sempre tem algo que nos assusta. Os medos da infância nem todos vão embora, ficam e marcam, você deve ter algo para nos contar sobre eles, não é mesmo?

Eu tenho medo de escuro, assombração, cemitério, filmes de terror e não passo embaixo de escadas. Vocês estão achando graça? É verdade! Já passei alguns sustos.

Estamos ansiosas do tanto de histórias que vocês possam ter para nos contar. Queremos ouvir e ler algumas ‘paradas sinistras’. Estão preparados para essa viagem? Vamos buscar casos e causos lá do século passado e vocês perceberão o quanto são atuais. O que antes causava medo, continua a assustar muita gente ainda.

Casas mal assombradas, bruxas, cemitérios, escuro, lobisomem, sexta-feira 13, vampiros e zumbis não lhes causam medo? Ah! Então você é daqueles que desafiam o medo ou sabe bem como enfrentá-lo? Mesmo assim, vocês devem ter muito para nos contar.

De qualquer forma, já notamos que vocês gostam de falar, mas só na hora certa, combinado?

O convite está feito e agora contamos com a contribuição de vocês, pois o sucesso dessa viagem depende da nossa imaginação. Vamos lá?

Anexo 4: Imagens apresentadas aos alunos.**Figura 2 Miramar no passado.****Figura 3 Réplica do Miramar nos dias de hoje.**

Anexo 5: Slides sobre as especificidades do conto.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO - MEN
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA - IFSC

QUEM CONTA UM CONTO...

Professoras:
Erika Costa Agnellino
Laiana Abdala Martins

O QUE É UM CONTO?

- ❖ O conto geralmente é uma narrativa de curta duração em que as ações ocorrem em tempos e espaços mais reduzidos e o número de personagens é menor que no romance. Mas não é necessariamente menor a densidade ou a intensidade que um conto pode atingir

UM CONTO TEM...

- ❖ MOMENTOS DA NARRATIVA
- ❖ PERSONAGENS
- ❖ TEMPO
- ❖ ESPAÇO

MOMENTOS DA NARRATIVA

Os momentos de uma narrativa podem ser organizados da seguinte maneira:

- ❖ Situação inicial: situação de equilíbrio
- ❖ Conflito: motivos que desencadeiam a ação da história
- ❖ Climax do conflito: momento de maior tensão na história
- ❖ Desfecho: final e resolução do conflito

PERSONAGEM

- ❖ Poucos personagens.
- ❖ Os personagens podem ser identificados por meio de uma característica e não pelo nome próprio.

TEMPO

- ❖ Transcorre em um tempo breve e algumas vezes acabam não sendo localizadas num tempo determinado.

ESPAÇO

- ❖ Devido a brevidade do tempo, os espaços, lugares podem aparecer indeterminados, indefinidos ou localizados em um único lugar.

COMO PODEM SER OS CONTOS...

- ❖ contos de amor,
- ❖ contos de fadas,
- ❖ contos fantásticos,
- ❖ contos de mistério e terror,
- ❖ contos realistas,
- ❖ contos de humor.

POR ONDE ANDAM OS CONTOS?

Livros



Ambiente Escolar



Ambiente virtual.



QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO.

Narrativas Orais e os Contos Populares.

CONTOS POPULARES

❖ Os contos, assim como as lendas, os mitos e as fábulas são tipos de narrativas originárias desde as mais antigas civilizações. Esses povos, através das histórias que contavam, passavam ensinamentos e preservavam sua cultura. Graças à tradição oral e, mais tarde, ao texto impresso, a arte de contar histórias foi passada de geração a geração, constituindo, até os dias de hoje, importante fonte de informações para entendermos a história das civilizações.

Referências:

❖ Sites consultados:

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnica/Aula.html?aula=24189>>

Acesso em 23-9-2013.

<http://atividadeslinguaportuguesamarcia.blogspot.com.br/search/label/Conto>

Acesso em 23-9-2013.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Erika da Silva Costa Agnellino
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 123 – 1ª fase do Ensino Médio
Data da atividade: 9/10/2013 – quarta-feira
Tempo de aula: 2 horas-aula, com 55 minutos cada
Horário: 15h40min às 17h30min

PLANO DE AULA 2

TEMA

Contos populares/narrativas orais

OBJETIVOS

- Perceber o papel que desempenha(ra)m as narrativas orais nas tradições de diferentes povos e culturas;
- Reconhecer a relação oral/escrita a partir dos causos socializados e da leitura do conto *A Vassoura Bruxólica*, de Franklin Cascaes;
- Expressar-se com clareza, expressividade, entonação, ritmo na contação de causos, aprimorando assim as capacidades de uso oral da língua;
- Entrar em contato com a literatura catarinense, através do conto e da apresentação sobre Franklin Cascaes;
- Argumentar sobre a possível veracidade dos casos e causos;
- Compreender a proposta do Seminário dos Sustos, com base no *Livro dos Sustos*;
- Escrever um conto de terror, mistério ou suspense.

CONTEÚDO

Leitura: conto *A Vassoura Bruxólica*, relação escrita/oralidade; **oralidade:** apresentação, adequação, organização e entonação na socialização dos causos; **escrita:** produção dos contos.

METODOLOGIA

- Fazer a chamada;
- Serão distribuídos alguns textos com lendas, crendices populares, de tradição oral: *A vassoura bruxólica*;
- Explorar o texto;
- Apresentar Franklin Cascaes e aspectos da narrativa oral;
- Informar sobre o seminário dos Sustos;
- Com base no *Livro dos Sustos*, sortear temas a serem pesquisados para apresentação no dia 21-10: os grupos poderão ser formados por 3 a 4 pessoas no máximo, de modo que todos conseguirão fazer uma breve apresentação de suas pesquisas. Esses temas serão sorteados através de uma caixa/saco preto(o), confeccionado pelas estagiárias. Dentro estarão objetos que remetem ao tema (o aluno tirará a foto de uma casa antiga, velha, sombria: seu tema será casas mal-assombradas).
- De acordo com o sorteio, entregar para cada grupo um texto extraído do *Livro dos Sustos* correspondente aos temas sorteados por cada um, para que assim iniciem suas pesquisas em casa;
- Organizar as carteiras em círculo para iniciar a “contação dos causos”;
- Socialização dos causos (a apresentação deve ser breve, assim como os causos, portanto não deve ultrapassar 2 minutos para cada um);
- Retornar a organização das carteiras ao modo inicial, a fim de que iniciem a produção de um conto de mistério/terror/suspense a ser entregue no dia 16/10).

RECURSOS DIDÁTICOS

Kit multimídia (projektor e computador), papel para anotação, material escolar básico de uso pessoal (caneta, lápis, caderno, etc.), quadro branco, caneta para quadro branco, saco/caixa preta para sorteio, fotocópia dos textos *A vassoura bruxólica*, fotocópia dos textos com os temas do *Livro dos Sustos*.

AValiação

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com a participação nas atividades propostas, bem como com o comprometimento na contação dos causos. A pontualidade, interação com os colegas e as professoras também serão considerados. A

postura durante a apresentação será analisada, sendo observadas a desenvoltura oral e a adequação à proposta.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 1992.

RIOS, Rosana. **O Livro dos Sustos**. São Paulo: Ática, 2006.

ANEXOS

Anexo 1: Conto

A Vassoura Bruxólica (Franklin Cascaes)

Sempre foi crença do povo hospitaleiro desta ilha dos famosos bois-de-mamão que, na sexta-feira santa, não se deve tomar instrumentos de trabalho para usá-los, seja para qual finalidade for. É também de costume tradicional dos descendentes de colonos açorianos, na sexta-feira santa, a partir de zero hora, banharem-se nas ondas do mar, levando consigo animais domésticos para se purificarem e protegerem de todos os males do corpo físico e espiritual.

As águas colhidas nessa hora servem para todo tipo de cura.

É a fé de tempos longínquos, aliada à superstição, ao medo e ao amor pela conservação do corpo físico, na cura dos males que atacam o homem, em franca vivência espiritual e física com o seu Deus.

As forças atuantes de práticas religiosas freiam os instintos animais do homem, encaminhando-o espiritualmente, para viver com bons modos junto com Deus, com a cultura, na sociedade, e conseqüentemente com o seu próximo.

Entretanto, sempre aparecem, nos meandros desses cenários fantásticos e de cenários moderados, pessoas que se arrojam contra os poderes divinos, maltratando esses conjuntos de sociedades freadoras, veículos insubstituíveis de abrandamento dos sofrimentos que martirizam e açoitam a criatura humana.

Um caso de desrespeito espiritual aconteceu há muitos anos passados, lá pras bandas do sul da Ilha de Santa Catarina.

A Maria Vivina, moradora da Praia dos Naufragados, fez uma aposta com a Carriça, de que, na sexta-feira santa daquele ano, ela tomaria uma vassoura e, com a mesma, varreria o quintal de sua casa e, certeza tinha, nada lhe aconteceria de extraordinário. Apostaram um par de tamancos contra uma botina. E firmaram a promessa da aposta, casando-a.

Na sexta-feira santa daquele ano, de manhã cedo, ela chamou a Carriça, apanhou uma vassoura e foi varrer o quintal “pra mo’de” mostrar a sua coragem contra o poder da fé guardada por seus ancestrais e também para cumprir a promessa da aposta.

Quando a Vivina deu a primeira varredela, a vassoura soltou-se de suas mãos como um relâmpago, metamorfoseou-se em bruxa, ganhou altura sobre o morro do Ribeirão da Ilha e desapareceu, num repente, no espaço sideral das alturas incomensuráveis da quiméria.

A Maria Vivina caiu de joelhos no terreiro, rezou, pediu perdão aos céus pelo ato impensado que havia cometido contra as ordens divinas e chorou copiosamente. A Carriça abraçou-se com ela e ambas choraram e sentiram o amargo do néctar da desobediência humana.

Nenhuma das duas era bruxa, porque a vassoura, que é um instrumento de montaria de bruxas, foi sozinha viajar pelo espaço sideral.

Oh! minha querida Ilha de Santa Catarina de Alexandria, és graciosa sereia que repousa sobre brancas areias de cômoros errantes, sambaquis seculares, banhada pelas ondas acasteladas do oceano, perfumada pela brisa acariciante dos ventos e enxuta com as toalhas felpudas dos raios solares que beijam calorosamente seu corpo mitológico.

Anexo 2: Causos distribuídos para leitura.

Causo 1

As bruxas de Santo Antonio

Quando eu era pequeno, sempre via as bruxas passarem pela estrada a noite, soltando aquela gargalhada fininha de mulher (parecia uma coruja no mato). Isso acontecia aqui em Santo Antônio, em Sambaqui, no Caminho dos Velhacos e até na Barreira lá em cima.

Elas vinham fazendo aquela estripulia a noite toda. A minha mãe naquela época já tinha uns 6 ou 8 filhos, ela costumava ficar fazendo renda (de bilro) até de madrugada. Ela sentava no chão e eu, minhas irmãs e irmãos ficávamos deitados no colo dela. Quando na calada da noite ela escutava aquela risadinha na estrada, naquele tempo ouvia-se tudo que se passava na estrada, pois não tinha luz nem movimento algum durante a noite, ela nos mandava pegar papel ou palha de bananeira para colocar nas frestas das janelas, portas e no buraco da fechadura para que as bruxas não passasse por elas, porque as bruxas costumam passar para dentro da casa desta maneira. Algumas chegam a empurrar o papel para poder passar para o lado de dentro da casa. Aí vinham chupar a gente no pescoço, nos braços e também chupar criancinhas novas. Se acaso alguma passasse para dentro da casa, tínhamos que apagar todas as luzes da casa e acender uma *pomboca* na rua, pois a bruxa vai na luz.

Então a gente voltava para a casa, fechava a porta rápido e botava rolha na fechadura para ela não entrar, ou então, a gente apagava todas as luzes e ia dormir. Era o único jeito delas não trabalharem mais. Minha mãe tinha este cuidado com todos, mas principalmente com as criancinhas de berço, para não deixar que as bruxas a chupassem.

As bruxas são diferentes das mariposas, pois a mariposa tem dois olhos em cima da cabeça e um tendão embaixo, e a bruxa só tem dois olhos sobre a cabeça e não tem o tendão, mas tem um topete sobre a cabeça, para diferenciar uma bruxa duma mariposa é só olhar, a que tiver o topete é a bruxa. A que tem topete pousa na gente e fica pousada por um tempão e a que não tem não pousa ou pousa rapidinho. Por isso a gente tinha que ter todo cuidado na época da farinha para não deixar a bruxa entrar no engenho de farinha. A gente sabia ate quem era as pessoas que eram bruxa, as que se transformavam e saiam, hoje não existe nenhuma mais viva por aqui.

Pesquisa - Velho Bruxo

Fonte: <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Causo016.html>

Causo 2

A lenda do Sete Cuias.

Contaram-me os pescadores de Sambaqui e Ponta Grossa que, no Pontal dos Ratores, por eles considerados como assombrado, em noite velha, se ouvem rufos de misteriosos

tambores e que também costuma aparecer um vulto negro a pedir por aceno na passagem dos canoeiros que se avizinham e perlogam aquela estirada língua de areia . Acontece que , ao embarcar a estranha e silenciosa figura a canoa se torna de tal maneiras sobrecarregada que não mais avança e apesar das fortes e continuas remadas do tripulante, começa a encher d'água e afundar. Nessa ocasião o malvado negro, que é apelidado de "Sete Cuias" da uma pavorosa risada e desaparece, deixando o mísero canoeiro a debater-se nas ondas.

Pesquisa - Velho Bruxo

Fonte: <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Causo001.html>

Causo 3

O Caixão de Defunto da Subida do Rio vermelho

Há uma coisa que sei que ainda aparece aqui na ilha, e eu tenho certeza que aparece. É na Segunda curva da estrada do Rio Vermelho, de quem vai pela Vargem Grande subindo para o Rio Vermelho.

Ali na segunda curva pelo lado direito, aparece, na lua nova (lua escura, bem no dia da lua, um caixão de defunto cheio de velas acesas ao seu redor, e muitas flores em cima. É, ainda aparece isso lá, e chegando na primeira curva lá embaixo já se sente o cheiro de vela queimando.

Nem todas as pessoas vêm, mas é um caixão preto, não sei se aberto ou fechado porque é tapado de flores. Se você tiver coragem é só ir lá!

Pesquisa - Velho Bruxo

Fonte: <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Causo020.html>

Causo 4

Lenda da Praia de Itaguaçu

Onde hoje é a praia de Itaguaçu, existia um lindo gramado onde muita gente ia descansar. Um dia os Elementais resolveram fazer uma linda e grande festa, convidaram todos , os da matas, os dos mares os dos Açores. Lá tinham Bruxas, Boitatá , Saci, Curupira, Lobisomem e outros. Só não convidaram o Tibinga (diabo) pois ele cheira a enxofre e é muito feio.

No dia da festa tudo corria na mais linda paz com bruxas , sacis , lobisomens , todos divertindo-se. Foi quando no meio da festa o Tibinga olha pra baixo e vê aquela festança e se dá conta que não tinha sido convidado.

Então exclamou em alto e bom som.

- Não me convidaram, é?

-Vou transformar todos vocês em pedras e este campo em mar.

E lá ficaram todos os Elementais transformados em pedras. Quem passar por lá pode ver que as pedras têm a forma dos Elementais.

(Gelci José Coelho [Peninha])

Pesquisa - Velho Bruxo

Fonte: <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Causo012.html>

Causo 5

Sobre Bruxas

Os Tipo de Bruxas

Existe 4 tipos básico de Bruxas que estão intimamente

ligada as fases da lua.

A bruxa da Lua Cheia - é a bruxa que trabalha com os feitiços do coração. Esta é a bruxa do amor.

A bruxa da Lua Minguante - é a bruxa que trabalha com os feitiços curativos. Esta é a bruxa da saúde.

A bruxa da Lua Crescente - é a bruxa que trabalha com os feitiços da Riqueza. Esta é a bruxa do dinheiro

A bruxa da Lua Nova - é a bruxa que trabalha para o mau, esta é uma bruxa perigosa, ela não gosta de crianças.

Esta é a bruxa das coisas negativas.

(Bruxa Jussara)

Pesquisa - Velho Bruxo

Fonte: <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Causo015.html>

Nasce uma Bruxa

Quando de um casal nascerem 7 meninas consecutivamente, fatalmente a primeira ou a última será uma bruxa. Para que isso não aconteça a filha mais velha devera batizar a irmã mais moça (caçula).Isso faz com que o encanto seja quebrado.

Pesquisa - Velho Bruxo

Fonte: <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Causo002.html>

Anexo 3: Chamada para Seminário dos Sustos

Seminário dos Sustos.

A apresentação será no dia 21-10. O tema de suas pesquisas tomará como base a figura sorteada. Cada equipe terá no **máximo dez minutos** para apresentar o resultado de suas pesquisas, que poderão ser:

- filmar a realização da pesquisa, como por exemplo, alguém contando casos que remetam ao tema;
- realizar um curta com os integrantes da equipe (poderão encenar a história);
- uma pesquisa sobre as histórias contadas e/ou pesquisadas.

Caso optem pela realização de filmagens alguns cuidados deverão ser tomados: **(i)** procurem não filmar em local com muito vento ou em local com muito barulho, pois pode prejudicar a compreensão no momento da socialização; **(ii)** caso algumas palavras não estejam compreensíveis, poderão fazer a legenda; **(iii)** certifiquem-se que a pessoa filmada autoriza as filmagens e o uso do vídeo para fins escolares.

Anexo 4: Autorização para uso de imagens e de textos.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC
A U T O R I Z A Ç Ã O**

Eu, _____, responsável pelo aluno(a) _____, matrícula nº _____, da turma 323, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Ana Luíza Bazzo da Rosa e Thalita da Silva Coelho, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação das professoras Gizelle Kaminski Corso, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, ____/____/____

Assinatura: _____

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Laiana Abdala Martins
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 123 – 1ª fase do Ensino Médio
Data da atividade: 14/10/2013 – segunda-feira
Tempo de aula: 2 horas-aula, com 55 minutos cada
Horário: 15h40min às 17h30min

PLANO DE AULA 3

TEMA

Edgar Allan Poe: o autor e sua obra de mistério

OBJETIVOS

- Conhecer contos de mistério/suspense do escritor Edgar Allan Poe, bem como aspectos de sua vida como escritor, a partir da leitura de textos desse autor;
- Reconhecer os contos de mistério/suspense como prática de uso da língua, considerando especificidades e singularidades que o distinguem de outras práticas;
- Reconhecer os curtas-metragens como práticas de uso da língua, identificando regularidades que os caracterizam;
- Estabelecer relação entre os contos lidos e os curtas;
- Ler a notícia sobre o caso de assassinato na família Pesseghini;
- Fazer a relação entre o curta de Tim Burton, os contos lidos e a notícia, considerando as diferenças e semelhanças entre realidade e ficção;
- Aprimorar a prática de leitura.

CONTEÚDO

Leitura informação: texto que aborda vida do escritor Edgar Allan Poe; **leitura fruição e leitura estudo:** dos contos apresentados; **oralidade:** apresentação, adequação e organização de ideias na conversa-debate sobre os contos e os curtas, bem como sobre a relação entre ficção e realidade; linguagem verbal e não-verbal.

METODOLOGIA

- Fazer a chamada;
- Recolher os contos que serão retomados no dia 23/10, em aula de análise linguística;
- Distribuir os contos: *O gato preto* e *O retrato oval*;
- Explorar os textos, atentando para as regularidades dos contos, ou seja, para os aspectos discursivos, textuais e linguísticos;
- Entregar aos alunos texto com breve apresentação sobre a vida do escritor dos contos, Edgar Allan Poe;
- Exibir três curtas-metragens produzidos a partir de adaptações dos contos lidos em sala de aula;
- Estabelecer relações entre os contos lidos e os curtas;
- Abordar a relação estreita entre ficção e realidade, a fim de introduzir um caso real;
- Entregar aos alunos notícia sobre o laudo médico de Marcelo Pesseghini, acusado de matar a família e de cometer suicídio, em seguida;
- Conversar com os alunos sobre essa confusão entre realidade e ficção;
- Avisar aos alunos de que a aula seguinte será na sala de aula do LABTEXTO, onde ocorrerá uma Sessão Pipoca, com a exibição do filme *O corvo*, no qual, justamente, um leitor de Edgar Allan Poe, comete crimes se baseando nos contos do autor;
- Entregar um roteiro de observação do filme, para que eles respondam e entreguem na aula do dia 21/10.

RECURSOS DIDÁTICOS

Kit multimídia (projetor e computador), papel para anotação, material escolar básico de uso pessoal (caneta, lápis, caderno, etc.), quadro branco, caneta para quadro branco, curtas-metragens, fotocópia dos textos *O gato preto* e *O retrato oval*.

AValiação

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com a participação nas atividades propostas. A pontualidade, a interação com os colegas e as professoras

também serão consideradas. Durante toda a aula, a postura dos alunos perante as atividades e/ou conversas propostas sobre os assuntos será observada, bem como a desenvoltura oral e a adequação das respostas às questões propostas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANEXOS

Anexo 1: O Gato Preto

3
O gato preto

Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto, bastante doméstica, que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar. Não obstante, não estou louco e, com toda a certeza, não sonho. Mas amanhã posso morrer e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar o meu espírito. Meu propósito imediato é apresentar ao mundo, clara e sucintamente, mas sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Devido a suas consequências, tais acontecimentos me aterrorizaram, torturaram e destruíram. No entanto, não tentarei esclarecê-los. Em mim, quase não produziram outra coisa senão horror – mas, em muitas pessoas, talvez pareçam menos terríveis que grotescos. Talvez, mais tarde, haja alguma inteligência que reduza o meu fantasma a algo comum – uma inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que a minha, que perceba, nas circunstâncias a que me refiro com terror, nada mais do que uma sucessão comum de causas e efeitos muito naturais.

Desde a infância, tornaram-se patentes a docilidade e o sentido humano de meu caráter. A ternura de meu coração era tão evidente que me tornava alvo dos gracejos de meus companheiros. Gostava, especialmente, de animais, e meus pais me permitiam possuir grande variedade deles. Passava com eles quase todo o meu tempo, e jamais me sentia tão feliz como quando lhes dava de comer ou os acariciava. Com os anos, aumentou esta peculiaridade de meu caráter e, quando me tornei

adulto, fiz dela uma das minhas principais fontes de prazer. Aos que já sentiram afeto por um cão fiel e sagaz, não preciso dar-me ao trabalho de explicar a natureza ou a intensidade da satisfação que se pode ter com isso. Há algo, no amor desinteressado, e capaz de sacrifícios, de um animal, que toca diretamente o coração daqueles que tiveram ocasiões frequentes de comprovar a amizade mesquinha e a frágil fidelidade de um simples *homem*.

Casei cedo, e tive a sorte de encontrar em minha mulher disposição semelhante à minha. Notando o meu amor pelos animais domésticos, não perdia a oportunidade de arranjar as espécies mais agradáveis de bichos. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um cão, coelhos, um macaquinho e um *gato*.

Este último era um animal extraordinariamente grande e belo, todo negro e de espantosa sagacidade. Ao referir-se à sua inteligência, minha mulher, que, no íntimo de seu coração, era um tanto supersticiosa, fazia frequentes alusões à antiga crença popular de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas. Não que ela se referisse *seriamente* a isso: menciono o fato apenas porque aconteceu lembrar-me disso neste momento.

Pluto – assim se chamava o gato – era o meu preferido, com o qual eu mais me distraía. Só eu o alimentava, e ele me seguia sempre pela casa. Tinha dificuldade em impedir que me acompanhasse pela rua.

Nossa amizade durou, desse modo, vários anos, durante os quais não só o meu caráter como o meu temperamento – enrubesço ao confessá-lo – sofreram, devido ao demônio da intemperança, uma modificação radical para pior. Tornava-me, dia a dia, mais taciturno, mais irritadiço, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Sofria ao empregar linguagem desabrida ao dirigir-me à minha mulher. No fim, cheguei mesmo a tratá-la com violência. Meus animais, certamente, sentiam a mudança operada em meu caráter. Não apenas deixava de lhes dar atenção, como, ainda, os maltratava. Quanto a Pluto, po-

rém, ainda despertava em mim consideração suficiente que me impedia de maltratá-lo, ao passo que não sentia escrúpulo algum em maltratar os coelhos, o macaco e mesmo o cão, quando, por acaso ou afeto, cruzavam meu caminho. Meu mal, porém, ia tomando conta de mim – que outro mal pode se comparar ao álcool? – e, no fim, até Pluto, que começava agora a envelhecer e, por conseguinte, se tornara um tanto rabugento, até mesmo Pluto começou a sentir os efeitos de meu mau humor.

Certa noite, ao voltar a casa, muito embriagado, de uma de minhas andanças pela cidade, tive a impressão de que o gato evitava a minha presença. Apanhei-o, e ele, assustado ante a minha violência, feriu-me a mão, levemente, com os dentes. Uma fúria demoníaca apoderou-se, instantaneamente, de mim. Já não sabia mais o que estava fazendo. Parecia que, súbitamente, minha alma abandonara o corpo, e uma perversidade mais do que diabólica, causada pelo gim, fez vibrar todas as fibras de meu ser. Tirei do bolso um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos! Enrubesço, estremeço, abraço-me de vergonha ao referir-me, aqui, a essa abominável atrocidade.

Quando, com a chegada da manhã, voltei à razão – dissipados já os vapores de minha orgia noturna – experimentei, pelo crime que praticara, um sentimento que era um misto de horror e remorso; mas não passou de um sentimento superficial e equívoco, pois minha alma permaneceu impassível. Mergulhei novamente em excessos, afogando logo no vinho a lembrança do que acontecera.

Entrementes, o gato se restabeleceu, lentamente. A órbita do olho perdido apresentava, é certo, um aspecto horrendo, mas não parecia mais sofrer qualquer dor. Passeava pela casa como de costume, mas, como bem se poderia esperar, fugia, tomado de extremo terror, à minha aproximação. Restava-me ainda o bastante de meu antigo coração para que, a princípio, sofresse com aquela evidente aversão por parte de um animal

que, antes, me amara tanto. Mas esse sentimento logo se transformou em irritação. E, então, como para perder-me final e irremissivelmente, surgiu o espírito da PERVERSIDADE. Desse espírito, a filosofia não toma conhecimento. Não obstante, tão certo como existe minha alma, creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das faculdades, ou sentimentos primários, que dirigem o caráter do homem. Quem não se viu, centenas de vezes, a cometer ações vis ou estúpidas, pela única razão de que sabia que *não* deveria cometê-las? Acaso não sentimos uma inclinação constante, mesmo quando estamos no melhor do nosso juízo, para violar aquilo que é *Lei*, simplesmente porque a compreendemos como tal? Esse espírito de perversidade, digo eu, foi a causa de minha queda final. O vivo e insondável desejo da alma de atormentar a *si mesma*, de violentar sua própria natureza, de fazer o mal pelo próprio mal, foi o que me levou a continuar e, afinal, a levar a cabo o suplício que infligira ao inofensivo animal. Uma manhã, a sangue-frio, meti-lhe um nó corrediço em torno do pescoço e enforquei-o no galho de uma árvore. Fi-lo com os olhos cheios de lágrimas, com o coração transbordante do mais amargo remorso. Enforquei-o *porque* sabia que ele me amara, e *porque* reconhecia que não me dera motivo algum para que me voltasse contra ele. Enforquei-o *porque* sabia que estava cometendo um pecado – um pecado mortal que comprometia a minha alma imortal, afastando-a, se é que isso era possível, da misericórdia infinita de um Deus infinitamente misericordioso e infinitamente terrível.

Na noite do dia em que foi cometida essa ação tão cruel, fui despertado pelo grito de “fogo!”. As cortinas de minha cama estavam em chamas. Toda a casa ardia. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu conseguimos escapar do incêndio. A destruição foi completa. Todos os meus bens mundanos foram tragados pelo fogo e, desde então, me entreguei ao desespero.

Não pretendo estabelecer relação alguma de causa e efeito – entre o desastre e a atrocidade por mim cometida. Mas estou descrevendo uma sequência de fatos, e não desejo omitir nenhum dos elos dessa cadeia de acontecimentos. No dia seguinte ao do incêndio, visitei as ruínas. As paredes, com exceção de uma apenas, tinham desmoronado. Essa única exceção era constituída por um fino tabique interior, situado no meio da casa, junto ao qual se achava a cabeceira de minha cama. O reboco havia, aí, em grande parte, resistido à ação do fogo – coisa que atribuí ao fato de ele ter sido construído recentemente. Uma densa multidão se reunira em torno dessa parede, e muitas pessoas examinavam, com particular atenção e minuciosidade, uma parte dela. As palavras “estranho!”, “singular!”, bem como outras expressões semelhantes, despertaram-me a curiosidade. Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um *gato* gigantesco. A imagem era de uma exatidão verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em torno do pescoço do animal.

Logo que vi tal aparição – pois não poderia considerar aquilo como outra coisa – o assombro e terror que se apoderaram de mim foram extremos. Mas, finalmente, a reflexão veio em meu auxílio. O gato, lembrei-me, fora enforcado num jardim existente junto à casa. Aos gritos de alarme, o jardim fora imediatamente invadido pela multidão. Alguém deve ter retirado o animal da árvore, lançando-o, através de uma janela aberta, para dentro do meu quarto. Isso foi feito, provavelmente, com a intenção de despertar-me. A queda das outras paredes havia comprimido a vítima de minha crueldade no gesso recentemente colocado sobre a parede que permanecera de pé. A cal do muro, com as chamas e o *amoníaco* desprendido da carcaça, produzira a imagem tal qual eu agora a via.

Embora isso satisfizesse prontamente minha razão, não conseguia fazer o mesmo, de maneira completa, com minha consciência, pois o surpreendente fato que acabo de descrever

não deixou de causar-me, apesar de tudo, profunda impressão. Durante meses, não pude livrar-me do fantasma do gato e, nesse espaço de tempo, nasceu em meu espírito uma espécie de sentimento que parecia remorso, embora não o fosse. Cheguei mesmo a lamentar a perda do animal e a procurar, nos sórdidos lugares que então frequentava, outro bichano da mesma espécie e de aparência semelhante, que pudesse substituí-lo.

Uma noite, em que me achava sentado, meio aturdido, num antro mais do que infame, tive a atenção despertada, subitamente, por um objeto negro que repousava no alto de um dos enormes barris, de gim ou rum, que constituíam quase que o único mobiliário do recinto. Fazia já alguns minutos que eu olhava fixamente o alto do barril, e o que então me surpreendeu foi não ter visto antes o que havia sobre ele. Aproximei-me e toquei-lhe com a mão. Era um gato preto, enorme – tão grande quanto Pluto – e que, sob todos os aspectos, salvo um, se assemelhava a ele. Pluto não tinha um único pelo branco em todo o corpo – e o bichano que ali estava possuía uma mancha larga e branca, embora de forma indefinida, a cobrir-lhe quase toda a região do peito.

Ao acariciar-lhe o dorso, ergueu-se imediatamente, roncando com força e esfregando-se em minha mão como se a minha atenção lhe causasse prazer. Era, pois, o animal que eu procurava. Apressei-me em propor ao dono do lugar a sua aquisição, mas este não manifestou interesse algum pelo felino. Não o conhecia; jamais o vira antes.

Continuei a acariciá-lo e, quando me dispus a voltar para casa, o animal demonstrou disposição de acompanhar-me. Permiti que o fizesse – detendo-me, de vez em quando, no caminho, para acariciá-lo. Ao chegar, sentiu-se imediatamente à vontade, como se pertencesse à casa, tornando-se, logo, um dos bichanos preferidos de minha mulher.

De minha parte, passei a sentir logo aversão por ele. Acontecia, pois, justamente o contrário do que eu esperava. Mas a

verdade é que – não sei como nem por quê – seu evidente amor por mim me desgostava e aborrecia. Lentamente, tais sentimentos de desgosto e fastio se converteram no mais amargo ódio. Evitava o animal. Uma sensação de vergonha, bem como a lembrança da crueldade que praticara, impediam-me de maltratá-lo fisicamente. Durante algumas semanas, não lhe bati nem pratiquei contra ele qualquer violência, mas, aos poucos – muito gradativamente –, passei a sentir por ele inenarrável horror, fugindo, em silêncio, de sua odiosa presença, como se fugisse de uma peste.

Sem dúvida, o que aumentou o meu horror pelo animal foi a descoberta, na manhã do dia seguinte ao que o levei para casa, que, como Pluto, ele também havia sido privado de um dos olhos. Tal circunstância, porém, apenas contribuiu para que minha mulher sentisse por ele maior carinho, pois, como já disse, era dotada, em alto grau, dessa ternura de sentimentos que constituía, em outros tempos, um de meus traços principais, bem como fonte de muitos de meus prazeres mais simples e puros.

No entanto, a preferência que o animal demonstrava pela minha pessoa parecia aumentar em razão direta da aversão que sentia por ele. Seguia-me os passos com uma pertinácia que seria difícil fazer com que o leitor compreendesse. Sempre que me sentava, enrodilhava-se embaixo de minha cadeira, ou me saltava ao colo, cobrindo-me com suas odiosas carícias. Se me levantava para andar, metia-se entre minhas pernas e quase me derrubava, ou então, cravando suas longas e afiadas garras em minha roupa, subia por ela até o meu peito. Nessas ocasiões, embora tivesse ímpetos de matá-lo num só golpe, abstinha-me de fazê-lo devido, em parte, à lembrança de meu crime anterior, mas, sobretudo – apresso-me a confessá-lo – pelo pavor extremo que o animal me despertava.

Esse pavor não era exatamente um pavor de mal físico e, contudo, não saberia defini-lo de outra maneira. Quase me en-

vergonha confessar – sim, mesmo nesta cela de criminoso –, que o terror e o pânico que o animal me inspirava eram aumentados por uma das mais puras fantasias que se possa imaginar. Minha mulher, mais de uma vez, me chamara a atenção para o aspecto da mancha branca a que já me referi, e que constituía a única diferença visível entre aquele estranho animal e o outro, que eu enforcara. O leitor, decerto, se lembrará de que aquele sinal, embora grande, tinha, a princípio, uma forma bastante indefinida. Mas, lentamente, de maneira quase imperceptível – que a minha imaginação, durante muito tempo, lutou por rejeitar como fantasiosa – adquirira, por fim, uma nitidez rigorosa de contornos. Era, agora, a imagem de um objeto cuja menção me faz tremer... E, sobretudo por isso, eu o encarava como a um monstro de horror e repugnância, do qual eu, *se tivesse coragem*, teria me livrado. Era agora, confesso, a imagem de uma coisa odiosa, abominável: a imagem da *forca*! Oh, lúgubre e terrível máquina de horror e de crime, de agonia e de morte!

Na verdade, naquele momento eu era um miserável – um ser que ia além da própria miséria da humanidade. Era uma *besta-fera*, cujo irmão fora por *mim* desdenhosamente destruído... uma *besta-fera* que se engendrara em *mim*, homem feito à imagem do Deus Altíssimo. Oh, grande e insuportável infortúnio! Ai de mim! Nem de dia, nem de noite, conheceria jamais a bênção do descanso! Durante o dia, o animal não me deixava a sós um único momento; e, à noite, despertava de hora em hora, tomado pelo indescritível terror de sentir o hálito quente da *coisa* sobre o meu rosto, e o seu enorme peso – encarnação de um pesadelo que não podia afastar de mim – pousado eternamente sobre o meu *coração*!

Sob a pressão de tais tormentos, sucumbiu o pouco de bondade que restava em mim. Pensamentos perversos converteram-se em meus únicos companheiros – os mais sombrios e os mais perversos dos pensamentos. Minha rabugice habitual

se transformou em ódio por todas as coisas e por toda a humanidade – e, enquanto eu, agora, me entregava cegamente a súbitos, frequentes e irreprimíveis acessos de cólera, minha mulher – pobre dela! – não se queixava nunca, convertendo-se na mais paciente e sofredora das vítimas.

Um dia, acompanhou-me, para ajudar-me numa das tarefas domésticas, até o porão do velho edifício em que nossa pobreza nos obrigava a morar. O gato seguiu-nos e, quase fazendo-me rolar escada abaixo, me exasperou a ponto de perder o juízo. Apanhando uma machadinha e esquecendo o terror pueril que até então contivera minha mão, dirigi ao animal um golpe que teria sido mortal se atingisse o alvo. Mas minha mulher segurou-me o braço, detendo o golpe. Tomado, então, de fúria demoníaca, librei o braço do obstáculo que o detinha e cravei-lhe a machadinha no cérebro. Minha mulher caiu morta instantaneamente, sem lançar um gemido.

Realizado o terrível assassinio, procurei, movido por súbita resolução, esconder o corpo. Sabia que não poderia retirá-lo da casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos. Ocorreram-me vários planos. Pensei, por um instante, em cortar o corpo em pequenos pedaços e destruí-los por meio do fogo. Resolvi, depois, cavar uma fossa no chão da adega. Em seguida, pensei em atirá-lo no poço do quintal. Mudei de ideia e decidi metê-lo num caixote, como se fosse uma mercadoria, na forma habitual, fazendo com que um carregador o retirasse da casa. Finalmente, tive uma ideia que me pareceu muito mais prática: resolvi emparedá-lo na adega, como faziam os monges da Idade Média com as suas vítimas.

Aquela adega se prestava muito bem para tal propósito. As paredes não haviam sido construídas com muito cuidado e, pouco antes, haviam sido cobertas, em toda a sua extensão, com um reboco que a umidade impedira de endurecer. Ademais, havia uma saliência numa das paredes, produzida por alguma chaminé ou lareira, que fora tapada para que se assemelhasse ao resto da

adega. Não duvidei de que poderia facilmente retirar os tijolos naquele lugar, introduzir o corpo e recolocá-los do mesmo modo, sem que despertasse suspeita a ninguém.

E não me enganei em meus cálculos. Por meio de uma alavanca, desloquei facilmente os tijolos e, tendo depositado o corpo, com cuidado, de encontro à parede interior, segurei-o nessa posição, até poder recolocar, sem grande esforço, os tijolos em seu lugar, tal como estavam anteriormente. Arranjei cimento, cal e areia e, com toda a precaução possível, preparei uma argamassa que não se podia distinguir da anterior, cobrindo com ela, escrupulosamente, a nova parede. Ao terminar, senti-me satisfeito, pois tudo correrá bem. A parede não apresentava o menor sinal de ter sido rebocada. Limpei o chão com o maior cuidado e, lançando o olhar em torno, disse para mim mesmo: "Pelo menos aqui, o meu trabalho não foi em vão."

O passo seguinte foi procurar o animal que havia sido a causa de tão grande desgraça, pois resolvera, finalmente, matá-lo. Se, naquele momento, tivesse podido encontrá-lo, não haveria dúvida quanto à sua sorte; mas parece que o esperto animal se alarmara ante a violência de minha cólera, e procurava não aparecer diante de mim enquanto me encontrasse naquele estado de espírito. Impossível descrever ou imaginar o profundo e abençoado alívio que me causava a ausência de tão detestável felino. Não apareceu também durante a noite – e, assim, pela primeira vez, desde sua entrada em casa, consegui dormir tranquila e profundamente. Sim, *dormi* mesmo com o peso daquele assassínio sobre a minha alma.

Transcorreram o segundo e o terceiro dia – e o meu algoz não apareceu. Pude respirar, novamente, como homem livre. O monstro, aterrorizado, fugira para sempre de casa. Não tornaria a vê-lo! Minha felicidade era infinita! A culpa de minha tenebrosa ação pouco me inquietava. Foram feitas algumas investigações, mas respondi prontamente a todas as perguntas. Procedeu-se, também, uma vistoria em minha casa, mas, natu-

ralmente, nada podia ser descoberto. Eu já considerava como coisa certa a minha felicidade futura.

No quarto dia após o assassinato, uma caravana policial chegou, inesperadamente, a casa, e realizou, de novo, rigorosa investigação. Seguro, no entanto, de que ninguém descobriria jamais o lugar em que eu ocultara o cadáver, não experimentei a menor perturbação. Os policiais pediram-me que os acompanhasse em sua busca. Não deixaram de esquadrihar um canto sequer da casa. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram ao porão. Não me alterei o mínimo que fosse. Meu coração batia calmamente, como o de um inocente. Andei por todo o porão, de ponta a ponta. Com os braços cruzados sobre o peito, caminhava, calmamente, de um lado para outro. A polícia estava inteiramente satisfeita e preparava-se para sair. O júbilo que me inundava o coração era forte demais para que pudesse contê-lo. Ardia de desejo de dizer uma palavra, uma única palavra, à guisa de triunfo, e também para tornar duplamente evidente a minha inocência.

– Senhores – disse, por fim, quando os policiais já subiam a escada –, é para mim motivo de grande satisfação haver desfeito qualquer suspeita. Desejo a todos os senhores uma ótima saúde e um pouco mais de cortesia. Diga-se de passagem, senhores, que esta é uma casa muito bem construída... (Quase não sabia o que dizia, em meu insopitável desejo de falar com naturalidade.) Poderia, mesmo, dizer que é uma casa *excelentemente* construída. Estas paredes – os senhores já se vão? – são de grande solidez.

Nessa altura, movido por pura e frenética fanfarronada, bati com força, com a bengala que tinha na mão, justamente na parte da parede atrás da qual se achava o corpo da esposa de meu coração.

Que Deus me guarde e livre das garras de Satanás! Mal o eco das batidas mergulhou no silêncio, uma voz me respondeu do fundo da tumba, primeiro com um choro entrecortado e

abafado, como os soluços de uma criança; depois, de repente com um grito prolongado, estridente, contínuo, completamente anormal e inumano. Um uivo, um grito agudo, metade de horror, metade de triunfo, como somente poderia ter surgido do inferno, da garganta dos condenados, em sua agonia, dos demônios exultantes com a sua condenação.

Quanto aos meus pensamentos, é loucura falar. Sentindo-me desfalecer, cambaleei até à parede oposta. Durante um instante, o grupo de policiais deteve-se na escada, imobilizado pelo terror. Decorrido um momento, doze braços vigorosos atacaram a parede, que caiu por terra. O cadáver, já em adiantado estado de decomposição, e coberto de sangue coagulado, apareceu, ereto, aos olhos dos presentes. Sobre sua cabeça, com a boca vermelha dilatada e o único olho chamejante, achava-se pousado o animal odioso, cuja astúcia me levou ao assassinio e cuja voz reveladora me entregava ao carrasco. Eu havia emparedado o monstro dentro da tumba.

Anexo 2: O retrato oval

O retrato oval²²

Edgar Allan Poe

O castelo em que meu criado se aventurara a forçar entrada, em lugar de deixar-me passar uma noite ao relento, gravemente ferido como eu estava, era um daqueles edifícios mesclados de soturnidade e grandeza que por muito tempo carranquearam entre os Apeninos, tanto na realidade quanto na imaginação da Sra. Radcliffe. Ao que tudo indicava, fora abandonado havia pouco e temporariamente.

Acomodamo-nos num dos quartos menores e menos suntuosamente mobiliados, que ficava num remoto torreão do edifício. Sua decoração era rica, porém esfarrapada e antiga. As paredes estavam forradas com tapeçarias e ornadas com diversos e multiformes troféus heráldicos, juntamente com um número inusual de espirituosas pinturas modernas em molduras de ricos arabescos dourados.

Por essas pinturas, que pendiam das paredes não só de suas principais superfícies, mas de muitos recessos que a arquitetura bizarra do castelo fez necessários, por essas pinturas meu delírio incipiente, talvez, fizera-me tomar interesse profundo; de modo que ordenei a Pedro fechar os pesados postigos do quarto – visto que já era noite –, acender um alto candelabro que se encontrava à cabeceira de minha cama e abrir amplamente as cortinas franjadas de veludo negro que a envolviam. Desejei que tudo isso fosse feito para que pudesse abandonar-me, ao menos alternativamente, se não adormecesse, à contemplação das pinturas e à leitura atenta de um pequeno volume encontrado sobre o travesseiro que se propunha a criticá-las e descrevê-las.

Por longo, longo tempo li, e com devoção e dedicação contemplei-as. Rápidas e gloriosas, as horas voavam e a meia-noite profunda veio. A posição do candelabro desagradava-me, e estendendo a mão com dificuldade, em vez de perturbar meu criado adormecido, ajeitei-o a fim de lançar seus raios de luz mais em cheio sobre o livro. Mas a ação produziu um efeito completamente imprevisto. Os raios das numerosas velas (pois eram muitas) agora caíam num nicho do quarto que até o momento estivera mergulhado em profunda sombra por uma das colunas da cama. Assim, vi sob a luz vívida um quadro não notado antes. Era o retrato de uma jovem, quase mulher feita. Olhei a pintura apressadamente e fechei os olhos. Não foi a princípio claro para minha

²² Disponível em: <http://projetos.unioeste.br/projetos/leitura/arquivos/oficinas/texto02.pdf>

própria percepção por que fiz isso. Todavia, enquanto minhas pálpebras permaneciam dessa forma fechadas, revi na mente a reação de fechá-las. Foi um movimento impulsivo para ganhar tempo para pensar – para certificar-me de que minha vista não me enganara –, para acalmar e dominar minha fantasia para uma observação mais calma e segura. Em poucos momentos, novamente olhei fixamente a pintura. O que agora via, certamente não podia e não queria duvidar, pois o primeiro clarão das velas sobre a tela dissipara o estupor de sonho que me roubava os sentidos, despertando-me imediatamente à realidade.

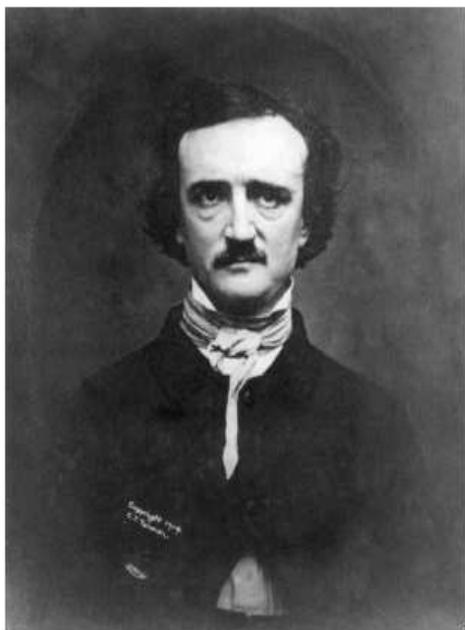
O retrato, já o disse, era o de uma jovem. Uma mera cabeça e ombros, feitos à maneira denominada tecnicamente de vinheta, muito ao estilo das cabeças favoritas de Sully. Os braços, o busto e as pontas dos radiantes cabelos dissolviam-se imperceptivelmente na vaga mas profunda sombra que formava o fundo do conjunto. A moldura era oval, ricamente dourada e filigranada à mourisca.

Como objeto artístico, nada poderia ser mais admirável do que aquela pintura em si. Mas não seria a elaboração da obra nem a beleza imortal daquela face o que tão repentinamente e com veemência comovera-me. Tampouco teria minha fantasia, sacudida de seu meio-sono, tomado a cabeça pela de uma pessoa viva. Vi logo que as peculiaridades do desenho, do vinhetado e da moldura devem ter dissipado instantaneamente tal idéia – e até mesmo evitado sua cogitação momentânea. Pensando seriamente acerca desses pontos, permaneci, talvez uma hora, meio sentado, meio reclinado, com minha vista pregada ao retrato. Enfim, satisfeito com o verdadeiro segredo de seu efeito, caí de costas na cama. Descobrira o feitiço do quadro numa absoluta naturalidade de expressão, a qual primeiro espantou-me e por fim confundiu-me, dominou-me e aterrorizou-me. Com profundo e reverente temor, recoloquei o candelabro em sua posição anterior. Sendo a causa de minha profunda agitação colocada assim fora de vista, busquei avidamente o volume que tratava das pinturas e suas histórias. Dirigindo-me ao número que designava o retrato oval, li as vagas e singulares palavras que se seguem:

“Era uma donzela de raríssima beleza, não mais encantadora do que cheia de alegria. Má foi a hora em que viu, amou e desposou o pintor. Ele, apaixonado, estudioso, austero, e tendo já na sua Arte uma esposa; ela, uma donzela de raríssima beleza, não mais encantadora do que cheia de alegria; toda luz e sorrisos, e travessa como uma corça nova; amando e acarinhando todas as coisas; odiando apenas a Arte, sua rival; temendo só a paleta, os pincéis e outros desfavoráveis instrumentos que aprivavam do

rosto de seu amado. Era, portanto, uma coisa terrível para essa dama ouvir o pintor falar de seu desejo de retratar justo sua jovem esposa. No entanto, ela era humilde e obediente, e posou submissa por muitas semanas na escura e alta câmara do torreão, onde a luz caía somente do teto sobre a pálida tela. Mas ele, o pintor, glorificava-se com sua obra, que continuava de hora a hora, dia a dia. E era um homem apaixonado, impetuoso e taciturno, que se perdia em devaneios; de maneira que não queria ver que a luz espectral que caía naquele torreão isolado debilitava a saúde e a vivacidade de sua esposa, que definhava visivelmente para todos, exceto para ele. Contudo, ela continuava a sorrir imóvel, docilmente, porque viu que o pintor (que tinha grande renome) adquiriu um fervoroso e ardente prazer em sua tarefa, e trabalhava dia e noite para pintar a que tanto o amava, aquela que a cada dia ficava mais desalentada e fraca. E, em verdade, alguns que viam o retrato falavam, em voz baixa, de sua semelhança como de uma poderosa maravilha, e uma prova não só da força do pintor como de seu profundo amor pela qual ele pintava tão insuperavelmente bem. Finalmente, como o trabalho aproximava-se de sua conclusão, ninguém mais foi admitido no torreão, pois o pintor enlouquecera com o ardor de sua obra, raramente desviando os olhos da tela, mesmo para olhar o rosto de sua esposa. Não queria ver que as tintas que espalhava na tela eram tiradas das faces da que posava junto a ele. E quando muitas semanas nocivas passaram e pouco restava a fazer, salvo uma pincelada na boca e um tom nos olhos, o espírito da dama novamente bruxuleou como a chama de uma lanterna. Então, a pincelada foi dada e o tom aplicado, e, por um momento, o pintor deteve-se extasiado diante da obra em que trabalhara. Porém, em seguida, enquanto ainda contemplava-a, ficou trêmulo, muito pálido e espantado, exclamando em voz alta: ‘Isto é de fato a própria Vida!’ Voltou-se repentinamente para olhar sua amada: estava morta!”

Anexo 4: texto sobre a vida de Edgar Allan Poe



Edgar Allan Poe¹

Nasceu em 19 de janeiro de 1809 em Boston, Massachusetts. Ficou órfão aos dois anos de idade e foi enviado à Escócia e à Inglaterra para fazer seus estudos. Na Universidade da Virgínia, se tornou alcoólatra e grande adepto do jogo.

Publicou seu primeiro livro de poesias em 1827. Seus poemas são pouco numerosos, mas compreendem versos de primeira classe, especialmente a admirável composição *O Corvo*, que tanto em prosa como em verso tem sido vertida para várias línguas.

Poe também é autor do romance *O relato de Arthur Gordon Pym* (que inspiraria Melville em seu clássico *Moby Dick*) e de contos antológicos, entre eles, *Assassinato na rua Morgue* e *Histórias extraordinárias*. Suas narrativas de terror, de mistério e policiais são marcos na história da literatura, tendo influenciado grandes autores como Conan Doyle, Agatha Christie, G. K. Chesterton, Jorge Luis Borges etc.

Um espírito desequilibrado e uma alma atribulada fizeram Poe levar sempre uma vida de miséria e de desespero, mas, ao mesmo tempo, da maior figura do romantismo americano e o mais universalmente conhecido dos seus escritores. Sua própria vida foi um desses romances vividos que fornecem alta matéria para os romancistas. Devido aos excessos alcoólicos, Poe morreu em 7 de outubro de 1849 em Baltimore.

Vocês poderão saber mais detalhes da vida de Edgar Allan Poe, além de ler alguns dos seus contos e poemas, no site:

<http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/atores/allan.htm>

¹ Imagem retirada do site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Allan_Poe

² Disponível em: http://www.lpm-atores.com.br/site/default.asp?TruncaID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&TempIate=.livros/layout_autor.asp&AutorID=37

Anexo 5: Notícia laudo caso Pessegini

Laudo aponta doença mental e compara filho de PMs a Dom Quixote²³

Psicopatologia fez Marcelo Pessegini ter delírios e confundir realidade.

Lesão cerebral e jogos violentos contribuíram para crimes, diz documento.

23/09/2013 07h03 - Atualizado em 23/09/2013 09h34

O laudo psiquiátrico sobre o perfil de Marcelo Pessegini aponta que complicações de uma doença mental aliadas a fatores externos levaram o adolescente de 13 anos a matar toda a família e cometer suicídio em 5 de agosto em São Paulo. De acordo com o documento, o estudante sofria de uma “encefalopatia hipóxica” (falta de oxigenação no cérebro) que o fez desenvolver um “delírio encapsulado” (tinha ideias delirantes). E que também foi influenciado por games violentos.

Assinado pelo psiquiatra forense Guido Palomba, o laudo compara essa perda da noção de realidade vivida por Pessegini com a do personagem Dom Quixote. No livro, o personagem de Miguel de Cervantes y Saavedra começa ler romances e perde o juízo. Acredita que as histórias que leu foram reais e decide se tornar um cavaleiro andante e parte pelo mundo para viver seu próprio romance.

O laudo aponta que, durante uma complicação em um procedimento hospitalar aos 2 anos de idade, Marcelo ficou momentaneamente sem oxigênio no cérebro e sofreu uma lesão hospitalar. Após o ocorrido, Marcelo sofreu a encefalopatia e passou a ter delírios, inclusive na adolescência.

De acordo com o laudo, recentemente Marcelo confundiu ficção com realidade e quis se tornar justiceiro. Ele criou um grupo imaginário de assassinos de aluguel e passou a usar um capuz, tudo isso inspirado no personagem de um videogame violento. Para concretizar seu sonho, no entanto, era preciso eliminar alguns “obstáculos”: seus familiares superprotetores, de acordo com o laudo.

Depois disso, como seus amigos de escola não acreditaram que Marcelo assassinou a família e não quiseram fugir com ele, o psiquiatra avalia que ele se matou, “não por arrependimento, mas por fracasso”.

O **G1** teve acesso ao perfil psicológico do adolescente feito a pedido da Polícia Civil. O documento, concluído na quarta-feira (18), tem o objetivo de saber o que levou Marcelo a

²³ Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/09/laudo-aponta-doenca-mental-e-compara-filho-de-pms-dom-quixote.html>

usar a pistola 40 da mãe para executar os pais, que eram policiais militares, a avó materna e a tia-avó, e se matar depois.

O laudo concluiu que “a motivação do crime foi psicopatológica”. O relatório já está com o Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP) para ser anexado ao inquérito, que irá concluir que o adolescente matou a família e se suicidou.

[...]

Veja abaixo trechos e detalhes da "perícia psiquiátrica":

Encefalopatia hipóxica

De acordo com o laudo, Marcelo, que havia nascido com fibrose cística (doença genética que afeta o funcionamento de secreções do corpo, levando a problemas nos pulmões e no sistema digestivo; ela não tem cura e pode levar à morte precoce), teve pneumotórax (ar na cavidade pleural) perto dos 2 anos de idade durante um procedimento hospitalar. Em decorrência disso, teve encefalopatia hipóxica, que o deixou sem oxigênio no cérebro, “lesando os neurônios”.

“Cérebro lesado em tenra idade é sinônimo de psiquismo com transtorno. As lesões cerebrais em tenra idade, por hipóxia, causam a chamada encefalopatia”, relata o laudo.

“Marcelo era encefalopata”, informa o laudo. Encefalopatas costumam apresentar frieza afetiva, insensibilidade moral, indiferença, ausência de sentimentos (piedade, compaixão, remorso), premeditação doentia, conservam outras esferas sociais, obsessão etc.

'Delírio encapsulado'

Ainda segundo o documento, essa lesão cerebral na infância, a encefalopatia hipóxica, que privou o cérebro de Marcelo de oxigenação, desencadeou tempos depois ideias delirantes “nas quais a imaginação e a realidade se misturam morbidamente”, mesmo na adolescência. O nome disso, segundo o laudo, é “delírio encapsulado”. A inteligência dele, no entanto, não foi afetada, tanto é que era considerado um bom aluno.

Games

O laudo aponta que, neste ano, esse quadro de delírios se agravou quando Marcelo quis se tornar um justiceiro, um matador de aluguel de corruptos, inspirado no game "Assassin's Creed". Um mês antes dos crimes, o estudante passou a usar a imagem do assassino do jogo no seu perfil do Facebook, e começou a usar um capuz como o personagem Desmond Miles - um barman que volta no tempo na pele de seus ancestrais. Com isso, encarna o matador Altair e se envolve na guerra entre assassinos e templários ao longo de diversos eventos históricos.

“Aí vieram os games, em uma época em que já tinha familiaridade com as armas de verdade. Nasceu o desejo de tornar-se um herói, mais importante que seus próprios pais”, informa o laudo. “Assim, despontou a sua realidade, não mais fictícia como nos videogames, cujos atores sempre retornam à vida, mas um mundo real que lhe satisfazia o sentimento de ser um justiceiro de verdade”, aponta o laudo.

Os Mercenários

O laudo indica que Marcelo também começou a convidar amigos para fazer parte de um grupo criado por ele: **Os Mercenários**. “Seus membros seriam justiceiros, matadores de corruptos”, informa o laudo. “Nesse contexto lhe era familiar o conceito de justiceiro, pois seus pais eram policiais, que falavam em prisão, de cujo tipo de ação Marcelo se vangloriava, tanto é que contava aos amigos da escola”.

Os pais tinham ensinado Marcelo a atirar com uma arma de verdade e dirigir carros. Há relatos de testemunhas de que ele atirava bem. Chegou a ter espingarda de chumbinho, mas ela foi retirada pela mãe porque atirava em animais e não num alvo de isopor. Antes do crime, o garoto também relatou a amigos que ficou triste por não ter conseguido matar a avó com uma **flechada**.

[...]

Dom Quixote

O laudo psiquiátrico compara Marcelo ao personagem Dom Quixote de La Mancha, do escritor espanhol Miguel de Cervantes y Saavedra. O documento aborda que o adolescente e o herói da obra literária viviam num “mundo imaginado”.

No livro, Dom Quixote é um velho que começa ler romances e perde o juízo. Acredita que as histórias que leu foram reais e decide se tornar um cavaleiro andante e parte pelo mundo para viver seu próprio romance.

“Ao matar os familiares viu-se livre para o mundo imaginado, tornou-se de fato um justiceiro (seus pais o superprotegiam) e forneceu a mochila com perfume, uma calça, uma faca, um pequeno revólver e alguns rolos de papel higiênico – isso porque sabia que sem medicação (sua mochila não tinha remédios) sofreria diarreias e secreções, dadas as graves lesões pancreática e pulmonar – e saiu para dar andamento ao seu ideal quixotesco, na acepção exata do termo”, diz o laudo.

“Recordando, Dom Quixote perdeu a razão depois de ler muitos livros de cavalaria (Marcelo depois de muitos videogames) e partiu para se tornar um cavaleiro errante (Marcelo, justiceiro errante). O automóvel de Marcelo no lugar do cavalo Rocinante; a faca e o revólver em vez da lança e do escudo; Sancho Pança (o escudeiro) seria os amigos da escola, convidados no

dia seguinte; a saída de Dom Quixote de um lugar de La Mancha, tal qual Marcelo de casa. E em ambos, a empreitada que daria realidade a um ideal justiceiro e andante, com a diferença de que Dom Quixote tinha por amada Dulcineia de El Tobos e Marcelo nunca namorara”, diz o trecho do laudo.

Em outro trecho, ainda sobre a comparação entre Marcelo e Dom Quixote, o laudo informa outra coisa em comum. “E ainda mais, o fim de ambos é igual em um ponto: ao retornarem ao lugar de origem, sentiram-se fracassados; porém, o cavaleiro andante morreu de tristeza e o justiceiro andante se suicidou, como se verá na sequência”.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Laiana Abdala Martins
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 123 – 1ª fase do Ensino Médio
Data da atividade: 16/10/2013 – segunda-feira
Tempo de aula: 2 horas-aula, com 55 minutos cada
Horário: 15h40min às 17h30min

PLANO DE AULA 4

TEMA

Edgar Allan Poe: Sessão Pipoca com a exibição do filme *O corvo*, de James McTeigue.

OBJETIVOS

- Atribuir sentidos à fala do outro pela escuta atenta e ativa do filme *O corvo*;
- Estabelecer relações entre os contos *O gato preto*, *O retrato oval* e *O corvo* e o filme *O corvo*;
- Reconhecer o gênero filme como prática de uso da língua, considerando especificidades e singularidades que o distinguem de outras práticas de linguagem.

CONTEÚDO

Conhecimentos já apropriados sobre os contos de Poe e sobre o autor, os quais serão acionados durante a exibição do filme; linguagem verbal e não verbal.

METODOLOGIA

- Fazer a chamada;
- Exibir o filme *O corvo*;
- No final da exibição, orientar os alunos a responderem as questões do roteiro, bem como a entregá-las na aula do dia 21/10;
- Sanar dúvidas dos alunos, caso haja.

RECURSOS DIDÁTICOS

Kit multimídia (computador e projetor); filme; quadro branco e caneta para quadro branco.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com a participação nas atividades propostas. A pontualidade e a interação com os colegas e com as professoras também serão consideradas. Durante a exibição do filme, a postura dos alunos, bem como a atitude atenta e ativa serão avaliadas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANEXOS

Anexo 1: Roteiro do Filme.

<p style="text-align: center;"> Universidade Federal de Santa Catarina Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Disciplina: Língua Portuguesa Professor Titular: César Cordeiro Professoras Estagiárias: Erika e Laiana Turma: 123 Roteiro - Filme </p>	
<p>Identifique: Título, ano de lançamento e direção.</p>	
<p>Quem são os personagens principais do filme.</p>	
<p>Onde se passa a história?</p> <p>Em que época?</p>	
<p>Quais os nomes dos contos de Edgar Allan Poe que são citados no filme?</p>	
<p>Qual o momento de maior tensão no filme?</p>	
<p>Como se dá o desfecho do filme?</p>	
<p>O filme toma o fim da vida de Poe para justificar a ficção, que outro filme você conhece que mistura realidade com ficção? Identifique as histórias.</p>	
<p>Você conhece outras histórias que tomam a ficção para justificar alguns atos? Comente.</p>	

Anexo 2: Roteiro do filme respondido

BEATRIZ MORAIS BORGES.

Universidade Federal de Santa Catarina Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Disciplina: Língua Portuguesa Professor Titular: César Cordeiro Professoras Estagiárias: Erika e Laiana Turma: 123 Roteiro - Filme	
Identifique: Título, ano de lançamento e direção.	Título: O Corvo Ano de lançamento: 2012 Direção: James McTeigue ✓
Quem são os personagens principais do filme?	Edgar Allan Poe, Detetive Emmett Fields, Emily Hamilton, Colonel Hamilton, John Cantrell, Reagan, Doutor Clements, Percy. ✓
Onde se passa a história? Em que época?	A história se passa em Baltimore, Maryland. Em 1849. ✓
Quais os nomes dos contos de Edgar Allan Poe que são citados no filme?	"Assassinatos na rua Morgue" "O Poço e o Pendulo" "A máscara da morte escarlata" "O mistério de Marie Rogêt" "O barril de Armatillado" e "O coração delator" ✓
Qual o momento de maior tensão no filme?	Edgar Allan Poe, procurando por Emily. (H) ✓
Como se dá o desfecho do filme?	Edgar salva Emily. Ele morre pelo efeito que o veneno de sua bebida causou. Ivan mata Emmett, o homem que emvenenou a bebida de Edgar. ✓
O filme toma o fim da vida de Poe para justificar a ficção. Que outro filme você conhece que mistura realidade com ficção? Identifique as histórias.	"Ereptulo", o filme conta a história de uma jovem, que tem os pais separados e após alguns anos morando com a mãe, ela vai passar um tempo na casa de seu pai, e na escola nova conhece um misterioso garoto, por quem ela apaixona-se e descobre que ele é um vampiro. ✓
Você conhece outras histórias que tomam a ficção para justificar alguns atos? Comente.	Não. ✓

Realidade e Ficção

Universidade Federal de Santa Catarina Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Disciplina: Língua Portuguesa Professor Titular: César Cordeiro Professoras Estagiárias: Erika e Laiana Turma: 123 Roteiro - Filme	
Identifique: Título, ano de lançamento e direção.	O Corvo - 2012 Direção por James McTeigue ✓
Quem são os personagens principais do filme?	Edgar Allan Poe, inspetor Emmett Fields, Emily Hamilton, Charles Hamilton, Ivan ✓
Onde se passa a história? Em que época?	Baltimore - Maryland 1849 ✓
Quais os nomes dos contos de Edgar Allan Poe que são citados no filme?	Contos delatador, o papo e o pêndulo, o assassino na rua Morgue, a máscara da morte escarlata, o mistério de Marie Rogêt, o barul de amantelado, o Corvo os fatos que envolvem o caso de Mr. Valdemar ✓
Qual o momento de maior tensão no filme?	Quando Poe descobre que o assassino trabalha no jornal e vai para lá e eles se acharam a corpo de (+) um assassino ✓
Como se dá o desfecho do filme?	Poe descobre o assassino, se encontra a Emily. Poe, mal, encontra em um banco e fica falando que Reynolds é o assassino. Emmett mata o assassino com um tiro em uma chaveta um Paris ✓
O filme toma o fim da vida de Poe para justificar a ficção. Que outro filme você conhece que mistura realidade com ficção? Identifique as histórias.	O Enigma da Pirâmide, que mostra a homenagem de Sherlock Holmes mostrando para retratar o fato dele nunca ter casado. ✓
Você conhece outras histórias que tomam a ficção para justificar alguns atos? Comente.	Não, mas conheço histórias que misturam a realidade com a ficção para retratar o fato dele nunca ter casado. ✓

Batistina Letícia Binotto

Caio Rosa

Universidade Federal de Santa Catarina Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Disciplina: Língua Portuguesa Professor Titular: César Cordeiro Professoras Estagiárias: Erika e Laiana Turma: 123 Roteiro - Filme	
Identifique: Título, ano de lançamento e direção.	The Raven; 2012; James Metzger
Quem são os personagens principais do filme?	Edgar Allan Poe, Det. Emmett Fields Emily, Coloneu Hamilton, John Cantrell
Onde se passa a história? Em que época?	Em Baltimore; 1849
Quais os nomes dos contos de Edgar Allan Poe que são citados no filme?	"O Passo e o penúlo", "o coração delator", "o mistério de Marie Roget", "a máscara da morte escarlate", "Assassinatos na rua Morgue" e "o barril de Amantillado"
Qual o momento de maior tensão no filme?	Quando Emily foi sequestrada e colocada dentro de um "caixão"
Como se dá o desfecho do filme?	Edgar consegue salvar sua amada e encontrar o assassino, mas já é tarde demais, ele foi envenenado e passou seus últimos momentos em um banco público
O filme toma o fim da vida de Poe para justificar a ficção. Que outro filme você conhece que mistura realidade com ficção? Identifique as histórias.	Alice no país das Maravilhas, Fantástica Fábrica de Chocolate X
Você conhece outras histórias que tomam a ficção para justificar alguns atos? Comente.	Claro, como a história do sapo que deu coroa para o escorpião atravessar o rio, mas a sua natureza falou mais alto; ele picou o sapo e os dois morreram. X

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Erika da Silva Costa Agnellino
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 123 – 1ª fase de Ensino Médio
Data da atividade: 21/10/2013 – quarta-feira
Tempo de aula: 2 horas-aula, com 55 minutos cada.
Horário: 15h40min às 17h30min

PLANO DE AULA 5

TEMA

Livro dos Sustos: seminário dos temas

OBJETIVOS

- Compartilhar o resultado das pesquisas realizadas em relação a uma determinada nuance que envolve o tema susto;
- Conhecer diferentes histórias sobre sustos e medos;
- Aprimorar a prática de uso da língua na modalidade oral em situações mais formais de interação, como no caso da participação em um seminário;
- Expressar-se com clareza, boa entonação, ritmo e fluência na apresentação oral do resultado das pesquisas em seminário.

CONTEÚDO

Apresentação dos resultados das pesquisas sobre os seguintes temas do *O Livro dos Sustos*: Aranha, Bruxa, Casa Mal Assombrada, Cemitério, Escuro, Falar em público, Lobisomem, Monstros, Provas e testes, Sexta-feira 13, Lendas Urbanas, Vampiro e Zumbi; **oralidade**: entonação, fluência, expressividade, ritmo, e clareza no momento das apresentações; **escrita**: na produção dos slides; relação entre oral e escrita.

METODOLOGIA

- Fazer a chamada;
- Conduzir os alunos a se organizarem de modo que a apresentação se dê em ordem alfabética dos temas;

- Serão nove grupos apresentando seus trabalhos (8 grupos com 3 integrantes e 1 grupo com quatro (4) integrantes, somando os vinte e oito (28) alunos matriculados na turma);
- Cada grupo terá no máximo dez minutos para apresentação;
- Informar que todos estarão sendo avaliados no momento da apresentação dos grupos e que poderão fazer perguntas após todas as apresentações.
- Iniciar a socialização das pesquisas baseadas nos temas do Livro dos Sustos.

RECURSOS DIDÁTICOS

Kit multimídia (computador e projetor); slides para apresentação, elaborados pelos próprios alunos, material escolar básico de uso pessoal (caneta, lápis, caderno, etc.).

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com a participação nas atividades propostas. A pontualidade, interação com os colegas e as professoras também serão considerados. A postura durante a apresentação será analisada, sendo observadas a desenvoltura oral e a adequação dos resultados das pesquisas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Laiana Abdala Martins
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 123 – 1ª fase do Ensino Médio
Data da atividade: 23/10/2013 – quarta-feira
Tempo de aula: 2 horas-aula, com 55 minutos cada.
Horário: 15h40min às 17h30min

PLANO DE AULA 6

TEMA

Análise linguística

Reescritura dos contos.

OBJETIVOS

- Refletir sobre aspectos textuais e linguísticos que se mostraram inadequadas nas produções dos alunos, a fim de que haja melhor adequação de suas produções textuais;
- Reescrever os contos, concebendo a análise linguística em favor do desenvolvimento das habilidades de escrita.

CONTEÚDO

Conhecimentos dados sobre o gênero *conto*, os quais serão acionados e/ou utilizados pelos alunos no processo de reescritura dos contos de mistério/terror/suspense.

METODOLOGIA

- Fazer a chamada;
- Iniciar apresentação de slides com análise linguística de aspectos dos contos dos alunos que se mostraram inadequados, tanto no que se refere ao gênero como em relação à modalidade formal escrita da língua portuguesa;
- Devolver os contos aos alunos para iniciarem a reescrita;

- Solicitar aos alunos que pesquisem desenhos, gravuras, pinturas ou fotos que ilustrem seus contos, a fim de que possamos colocar juntamente com as produções no *blog* do projeto;
- Ao fim da aula, solicitar que os alunos digitem os contos, para que possamos publicá-los no blog, e enviem para nossos endereços eletrônicos (a versão manuscrita será recolhida quando todos tiverem digitado seus textos).

RECURSOS DIDÁTICOS

Kit multimídia (computador e projetor); slides para apresentação, quadro branco e caneta para quadro branco.

AValiação

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com a participação nas atividades propostas. A pontualidade, interação com os colegas e as professoras também serão consideradas. Durante toda a aula, a postura dos alunos perante as atividades e/ou conversas propostas sobre os assuntos será observada. Outro aspecto a ser considerado será a adequação dos textos reescritos em relação ao gênero e às normas da variedade padrão escrita.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANEXOS

Anexo 1: Apresentação de análise linguística

DISCUSSÃO DOS CONTOS E REESCRITURA

1

Professoras

Erika da Silva Costa Agnellino (UFSC)

Laiana Abdala Martins (UFSC)

23/10/2013

O que é um conto?

2

Narrativa de curta duração em que as ações ocorrem em tempos e espaços mais reduzidos, e o número de personagens é menor que no romance. Mas não é necessariamente menor a densidade ou a intensidade que um conto pode atingir.

Um conto tem:

- Momentos da narrativa
- Tempo
- Personagens
- Espaço

23/10/2013

O que são momentos da narrativa?

3

Situação inicial: situação de equilíbrio; início da história; introdução; o narrador apresenta os fatos iniciais, as personagens e, muitas vezes, o tempo e o espaço.

Conflito: motivos que desencadeiam a ação da história; é o momento em que algo começa a acontecer, o "algo" que vai dar sentido a história.

Clímax do conflito: momento de maior tensão na história.

Desfecho: final da história, é onde encontra-se a solução do conflito.

23/10/2013

E as personagens?

4

No conto, há poucas personagens.

Nem sempre são apresentadas na história pelo seu nome, podendo ser referenciadas por alguma característica mais marcante.

23/10/2013

O tempo...

5

Transcorre em um tempo breve e, algumas vezes, os acontecimentos não são localizados num tempo determinado.

"Há alguns anos..."

"Num tempo não muito distante..."

"Em meados de 1970..."

"Essa história aconteceu há muito tempo..."

23/10/2013

O espaço...

6

Devido à brevidade do tempo, os espaços ou lugares podem aparecer indeterminados, indefinidos ou localizados em um único lugar.

23/10/2013

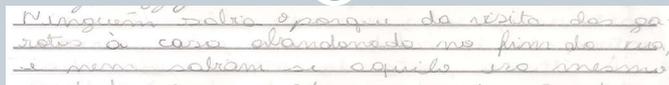
TÍTULO

7

Fator componente da construção textual

23/10/2013

8



Transcrição: "Ninguém sabia o porque da visita das garotas à casa abandonada no fim da rua, e nem sabiam se aquilo era mesmo..."

23/10/2013

Por que... /Porque /Por quê? /Porquê

9

*Por que você não vai ao cinema?
Não sei por que não quero ir.*

Por (preposição) + que (conjunção)
Troque por "por qual razão", "por qual motivo"

*Vocês não comeram tudo? Por quê?
Andar cinco quilômetros por quê? Vamos de carro!*

Note que continua com o significado de "por qual motivo", "por qual razão". Mas, aqui, ele se deslocou para o final da frase.

Não fui ao cinema porque tenho que estudar para a prova.
Conjunção que exprime causa ou explicação. Pode ser trocada por outras conjunções de mesma função: pois, uma vez que...

Diga-me o porquê de não fazer isso.
É substantivo e pode ser trocado por o motivo, a razão, um motivo, uma razão.

23/10/2013

Redundância ou pleonismo

10

É a presença de palavras supérfluas na frase. Ou seja, é a **repetição de palavras** ou **expressões** de significado semelhante que nada lhe acrescentam. As mais faladas são *entrar para dentro, sair para fora, subir lá em cima, descer lá embaixo*.

"Ninguém sabia o porquê da visita das garotas à casa abandonada no fim da rua, **e nem sabiam** se aquilo era mesmo..."

Sugestão: "Ninguém sabia o **porquê** da visita das garotas à casa abandonada no fim da rua **e nem** se aquilo era mesmo..."

"Ninguém sabia o **porquê** da visita das garotas à casa abandonada no fim da turma, **tampouco** se aquilo era mesmo..."

23/10/2013

11

"**Depois que já haviam se passado 2 meses** ele retornou as ligações, mas **dessa** vez foi definitivo, ele descobriu quem era e o que queria."

Sugestão: "**Depois de dois meses**, ele retornou as ligações, mas dessa vez..."

23/10/2013

12

direção do carro, **ele** trazia um saco plástico nas costas, o que supostamente seriam peças para **concertar** o carro, mas a alegria de Elizabeth durou pouco. Após alguns segundos, ela soltou um grito de gelar até o mais corajoso dos homens ao ver que a camisa do homem não

Consertar ou concertar?

Levei minha guitarra para **consertar**, pois preciso dela para o **concerto**.

23/10/2013

Era para ser uma noite normal, como outra qualquer. Mas não foi isso que aconteceu. Tudo começou quando minha mãe pediu para eu ir até a casinha do Max, meu cachorro, dar-lhe comida enquanto ela tomava banho. Estava tudo escuro, só tinha a luz do poste acesa, mas nada fora do normal, já estava acostumada com a escuridão daquela hora, pois sempre ia dar comida para ele.

Do nada a luz do poste começa a piscar e o Max começa a ficar nervoso e latir muito. Comecei a conversar com ele, na tentativa dele se acalmar, mas não tive nenhum sucesso. Max começou a puxar a coleira, tentando se soltar, quando via que não estava conseguindo puxava com mais força. Até que ele se solta e sai correndo para o fundo do quintal. Meio que fui atrás dele, mas como estava muito assustada com a agressividade dele, procurei ficar observando de longe. Quando do nada aparece um vulto e começou rodeá-lo e fazia um barulho muito estranho e assustador. Depois disso só lembro-me da coisa estranha, a qual não

Confusão de tempos... Qual o tempo, afinal?

Anexo 2: Nas duas versões - Escrita e Reescrita.

Caio Rosa

DATA / /

Onde está o título?

Mathieu e Gabriel gostam de jogos em vídeo-game. Jogavam todo dia, quase o dia inteiro. Ficaram tão viciados que decidiram trazer o jogo para a vida real.

Por que não durou essa linha?

Instalaram um metrô abandonado, instalaram os computadores, colocaram as câmeras, compraram as armas e foram atrás dos robôs. Eles haviam planejado capturar um ônibus escolar cheio de estudantes dentro dele. Assim fizeram, mataram o motorista e levaram eles para o metrô.

Lá cada um escolheu sua equipe: Mathieu escolheu Cafesiro, Thiesen, Luíza, Paula, Duda e Ihamy. Gabriel escolheu Scoy, João, Maria, Lúcia, João e Fabiana.

Os dois grupos foram presos em dois barcos separados. O jogo consistia em um de cada time montar uma arma rápida, passar pelos obstáculos e matar o oponente. Cada pessoa estava com uma cabeça no pescoço, e caso descolasse sua cabeça punha com um choque dado por Mathieu ou Gabriel, os líderes.

O jogo começou e os dois primeiros dos escolhidos foram Thiesen contra Fabiana. Thiesen foi muito lento pois matava muita aula de química. Fabiana foi rápida, conseguiu montar a arma, se machucou ao passar pelo obstáculo, mas conseguiu acabar com o Thiesen, que

 PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

credeal

DATA

morreu dizendo "Adieu LOL". O próximo a ser escolhido foi Paulo, mas enquanto isso, Cáfido com seu conhecimento desativou a sala coletiva e foi pedir ajuda. Na sua encomenda um rapaz que parecia esperto e corajoso, seu nome era Caio, e planejava: Caio era amigo Gabriel e Mathew, enquanto Cáfido desativava as coletivas.

Caio chegou à sala de controle e bateu na cabeça dos dois, enquanto isso, Cáfido desativou as câmeras nas pessoas que estavam no banheiro, mas haviam duas pessoas que continuavam batalhando, eram Jade e Luiz, Caio viu na câmera e foi salvar a linda jovem, Ela não foi muito esperta e acabou com o pente de lala, quando Luiz foi para matá-la, Caio deu uma pedrada em sua cabeça, ~~ainda~~ salvando. Foi amor à primeira vista, e até hoje estão juntos.

Quando Cáfido saltou todos das coletivas, foram ver quem estava vivo e viu quem que apenas Cáfido, Duda, Jade, João e Luiz que estava inconsciente haviam sobrevivido.

a polícia foi chamada, mas os corpos de Gabriel e Mathew sumiram, nunca mais foram achados, até hoje são procurados.

PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

credeal

Figura 4: 1ª versão aluno C.

21/10/13

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

JOGOS Escolares

Matheus e Gabriel eram viciados em vídeo-game, jogavam todo dia, quase o dia inteiro. Ficaram tão viciados que decidiram trazer o jogo para a vida real.

Invasiram um metrô abandonado, instalaram os computadores, colocaram as câmeras, compraram as armas e foram atrás dos reféns. Eles haviam planejado rap-
tar um ônibus escolar, cheio de estudantes (dentro dele). Assim fizeram, mataram o motorista e leva-
ram eles para o metrô.

Cada um escolheu a sua equipe: Matheus escolheu Cafiera, Thiesen, Lizi, Paula, Duda e Thamy; Gabriel por sua vez escolheu Scoz, João, Duarte, Leticia, Jade e Fabiana.

Os dois grupos foram presos em dois ambientes separados. O jogo consistia em um de cada time montar uma arma rápida, passar pelos obstáculos e matar o oponente. Cada pessoa estava com uma colônia no pescoço, e, caso desobedecesse seria punida com um choque dado por Matheus ou Gabriel, os líderes.

O jogo começou e os dois primeiros escolhidos foram Thiesen contra Fabiana. Thiesen foi muito lento, pois matava muita aula de física. Fabiana foi esparta, conseguiu montar a arma, machucou-se ao passar pelos obstáculos, mas conseguiu acabar com Thiesen, que morreu dizendo "Adios LOL". A próxima a ser

Figura 5: 2ª versão aluno C.

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

EM/ON/26

escolhida foi Paula, mas enquanto isso, Cafiera com o seu conhecimento desativou a sua coléria e foi pedir ajuda. Na sua procura encontrou um rapaz que parecia esperto e corajoso, seu nome era Caio, o plano Cafiera desativava as colérias.

Caio chegou à sala de controle e bateu na cabeça dos dois. Enquanto isso, Cafiera desativou as correntes nas pessoas que estavam no banheiro, mas haviam duas pessoas que continuavam batalhando, eram Jade e Luiz. Caio viu nas câmeras e foi salvar a linda jovem. Ela não foi muito esperta e acabou com o seu pente de bala, quando Luiz foi para matá-la, Caio deu ~~uma~~ uma pedrada em sua cabeça salvando-a. Foi amor à primeira ^{vista}, e até hoje estão juntos.

Quando Cafiera setou todas as colérias, foram ver quem estava vivo e viram que apenas Cafiera, Duda, Jade, João e Luiz que estava inconsciente haviam sobrevivido.

A polícia foi chamada, mas os corpos de Gabriel e Mathews sumiram, nunca mais foram achados, até hoje são procurados.

Caio,

Seu conto está muito bom e bem escrito.

Parabéns!!

Conceito: P



Instituto Federal de Santa Catarina
 Professoras: Erika e Laiana
 Unidade Curricular: Língua Portuguesa
 Aluna: Beatriz Letícia Binotto
 Curso: Edificações

Cartas do Além

Havia, mais ou menos, ⁷ ^{se} semanas que tudo começou: Joey, um jornalista bem sucedido, não parava de receber cartas estranhas. Em todas, não era possível visualizar o nome e endereço do remetente, ^{pois} ~~que~~ era escrito com uma letra incompreensível, vermelha, assemelhando-se a sangue. Todas falavam que ele havia ganhado uma casa de herança de um tio distante, em uma cidade vizinha. E ~~se~~ ^{caso} ele não se mudasse para lá, iriam acontecer coisas horríveis.

Todas quem? se não estiver se referindo a todo mundo, não escreva "todas"

~~N~~ Nas primeiras cartas, Joey ignorou, mas cada vez foi ficando mais intenso. Chegavam em torno de 45 cartas semanalmente, e a assinatura e o remetente começavam a ficar com um tom mais ~~vermelho~~. ^{vermelhadão}

O jornalista, com medo, resolveu ~~ir~~ dar uma olhada na casa, ~~que~~ ^{a qual} pretendia vender logo em seguida.

Era uma casa grande, estilo vitoriano, cheia de portas e janelas, com um tom de vermelho desbotado. Parecia misteriosa e abandonada, mas no passado era feliz e bem cuidada.

Logo no portão, enferrujado e antigo, havia uma carta, que o parabenizava por estar ali e que ^{alguém} estava o esperando lá dentro. Joey queria fugir, afinal, quem estaria o esperando? Ao entrar na casa, no tapete vermelho e dourado, ~~estava~~ outra carta: "Encontre-me no escritório, que se localiza a sua frente".

Havia marcas de solas de sapato no piso, ~~marcadas~~ com sangue, e a porta do escritório estava chamuscada em algumas partes. Joey teve uma sensação estranha e ouviu uma voz, uma voz grossa, mandando-o entrar.

Foi a pior coisa que Joey fez, ~~logo~~ ^{logo} que entrou deparou-se com um senhor de aparência horrorosa, coberto de sangue e cheio de cortes,

Sugiro: "...um papel, uma última carta, na qual estava escrito..."

segurando uma caneta e um papel. Nesta última carta, ele escreveu "E aqui morre mais uma vítima das cartas do além, uma vítima que nasceu na família errada, ~~onde~~ lanço uma maldição eterna".

^{Troque "onde" por "na qual"}
Ao ler a frase, Joey sentiu um calor intenso em seu corpo. Viu uma caneta, a mesma daquele senhor diabólico, em sua ^{ou} mão e morreu em meio à fumaça e fogo. ^{propr}

Figura 6: 1ª versão da aluna B.L.



Instituto Federal de Santa Catarina
 Professoras: Erika e Laisma
 Unidade Curricular: Língua Portuguesa
 Aluna: Beatriz Letícia Binotto
 Curso: Edificações

Cartas da Alemã

Havia, mais ou menos, sete semanas que tudo come-
 çou: Joey, um jornalista bem sucedido, não parava de
 receber cartas estranhas. Em todas, não era possível
 identificar o nome e endereço do remetente, pois era
 escrita com uma letra incompreensível, vermelha, as-
 semelhando-se a sangue. Todas as cartas falavam que
 ele havia ganhado uma casa de herança de um tio
 distante, em uma cidade vizinha. E, caso ele não se
 mudasse para lá, viriam acontecer coisas horríveis.

As primeiras cartas, Joey ignorou, mas cada vez foi
 ficando mais intenso. Chegaram em torno de 45 cartas
 semanalmente e a assinatura e o remetente começaram
 a ficar com um tom mais avermelhado.

O jornalista, com medo, resolveu dar uma olhada na ca-
 xa, a qual pretendia vender logo em seguida.

Era uma casa grande, estilo vitoriano, cheia de por-
 tões e janelas, com um tom de vermelho desbotado. Pa-
 recia misteriosa e abandonada, mas no porão ela
 feliz e bem cuidada.

Logo no porão, enfeitado e antigo, havia uma ca-
 xa, que a portaria levava por estar ali e que estava a es-
 crever lá dentro, escrita pela mesma remetente. Joey

credeal



Aluna: Fabiana Lehmkuhl Turma: 123

Amor Inesquecível

Em um certo dia, em uma cidade pequena, uma menina se apaixonou por um garoto, porém ele queria apenas aproveitar-se dela, ela ^{estava} iludida e ^{em volta-se mais} entrava a cada dia mais ^{com ele e} ele apenas aproveitou-se da situação. Ela sempre foi fiel a ele, mas ele jamais se importou com o sentimento dela, ^{aprimas} andava com todas ^{a menina} elas, mas ela não via. Em um certo dia, ^{amigueta} ela viu ele ^{arrastou} rir e ele ficou com ~~outros~~ outra menina, eles se apaixonaram. Ela se matou desde ~~então~~ então todas ^{os dias} as noites, antes de dormir, ele vê a imagem dela com uma faca no peito.

↳ desfecho em outro parágrafo

Fabiana;

seu texto está muito curto, desenvolva mais os elementos de um conto, como: o início, o clímax e o desfecho. Considere também as nossas observações.

Conceito: I



loves milk loves fish

FOXY

credeal

Figura 8: 1ª versão da aluna F.


 Aluna: Fabiana Lehmkuhl Turma: 123

Amor Inesquecível

Em um certo dia, em uma pequena cidade, uma menina doce e inocente se apaixonou por um garoto de mais idade que ela e com intenções não muito boas. Porém ele queria aproveitar-se dela, ela estava iludida e cada dia envolvia-se mais. O garoto aproveitou-se da situação. Ela sempre foi fiel a ele e ele jamais importou-se com seus sentimentos, e andava com todas. Apenas a garota não via. Em um certo dia, a menina viu ele ficando com outra menina, então eles se afastaram.

Ela, algum tempo após assistir aquela cena, que não fora muito agradável para seus sentimentos, resolveu se matar. Então pega uma faca e a coloca no peito, atingindo seu coração.

Deste dia em diante, todas as noites antes de dormir, ele vê a imagem da menina, no momento que ela morre. Esse arrepende de tudo o que fez a ela.

Fabiana,

Você fez só as correções que havíamos lhe sugerido, algumas indicações nossas não foram observadas nessa nova versão.

Seu texto está muito reduzido e com problemas textuais.

Concerto: I.


 loves milk loves fish

Figura 9: 2ª versão aluna F.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Erika da Silva Costa Agnellino
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 123 – 1ª fase do Ensino Médio
Data da atividade: 30/10/2013 – quarta-feira
Tempo de aula: 2 horas-aula, com 55 minutos cada
Horário: 15h40min às 17h30min

PLANO DE AULA 7

TEMA

Histórias em Quadrinhos – HQ's e Tirinhas.

OBJETIVOS

- Reconhecer o gênero HQ's, suas características e especificidades.
- Compreender os meios de circulação e função social das HQ's e tirinhas;
- Perceber nas HQ's e tirinhas as figuras de linguagem;
- Responder um roteiro sobre as HQ's e figuras de linguagem.

CONTEÚDO

Leitura: de histórias diversas de suspense em quadrinhos e tirinhas, dos slides sobre HQ's; **oralidade:** entonação, fluência, expressividade nas participações no momento solicitado; **escrita:** nos exercícios sobre os HQ's e figuras de linguagem (conceitos que serão selecionados com base nos textos), bem como conceitos de linguagem verbal e não verbal.

METODOLOGIA

- Fazer a chamada;
- Iniciar com as HQ's: indicação de HQ's, como *The Walking Dead* e livro *Histórias para não dormir*, de Pedro Rodriguez (contos clássicos de terror e suspense, adaptados para quadrinhos);
- Distribuir algumas HQ's e pedir leitura silenciosa;
- Iniciar discussão: costumam ler histórias em quadrinhos e o que sabem sobre

elas?;

- Apresentar algumas curiosidades sobre o gênero;
- Apresentar slides com elementos/especificidades das HQ's;
- Exercícios sobre os elementos das HQ's;
- Linguagem verbal e não verbal. Semântica: sinonímia, antonímia e polissemia; ambiguidade. Figuras de linguagem: ironia, comparação e metáfora, metonímia, antítese, paradoxo, prosopopeia, hipérbole, eufemismo (de acordo com aquilo que os textos apresentarem);
- Exercícios de identificação das figuras de linguagem nos HQ's.

RECURSOS DIDÁTICOS

Kit multimídia (computador e projetor); slides para apresentação, materiais escolares básicos de uso pessoal (caneta, lápis, caderno, etc.); fotocópias de HQ's; livros com HQ's e gibis; folha preparada para os exercícios.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com a participação nas atividades propostas. A interação com os colegas e as professoras também será considerada. A escrita será analisada tendo como critérios, a criatividade, a coerência, a coesão, o domínio da língua e do gênero HQ's de acordo com a adequação aos exercícios propostos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARBOSA, Alexandre. RAMOS, Paulo. VILELA, Túlio. RAMA, Ângela. VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

THE WALKING DEAD: A HQ que deu origem ao seriado.. 2012: Hqm, n. 1, out. 2012.

ANEXOS

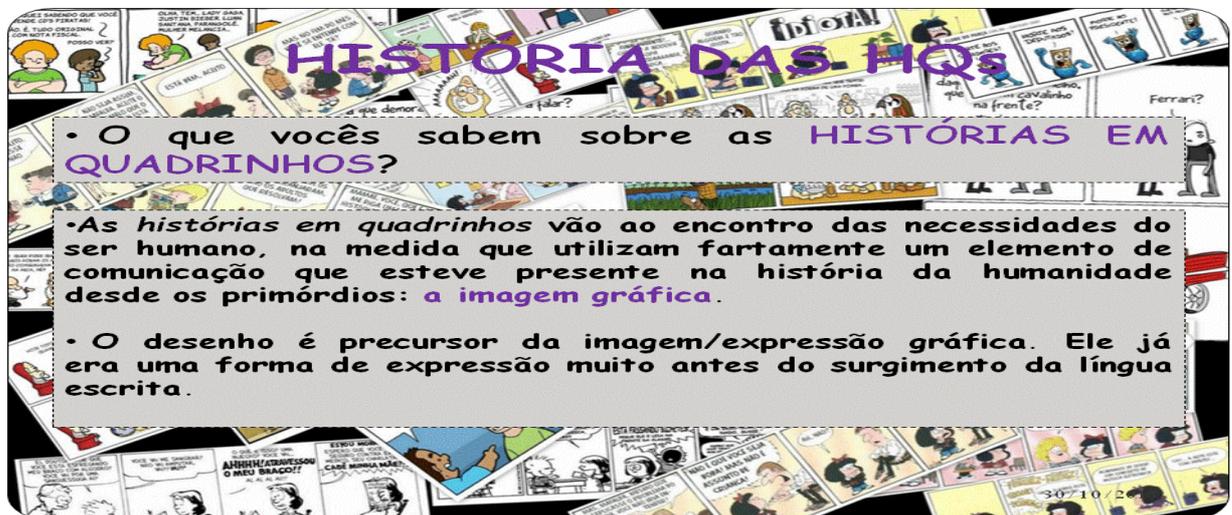
Anexo 1: Slides sobre HQ's.



HISTÓRIA EM QUADRINHOS



PROFESSORAS
ERIKA DA S. C. AGNELLINO
E
LAIANA ABDALA MARTINS
ISFC- INSTITUTO FEDERAL DE SANTA
CATARINA
TURMA 123



• O que vocês sabem sobre as **HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**?

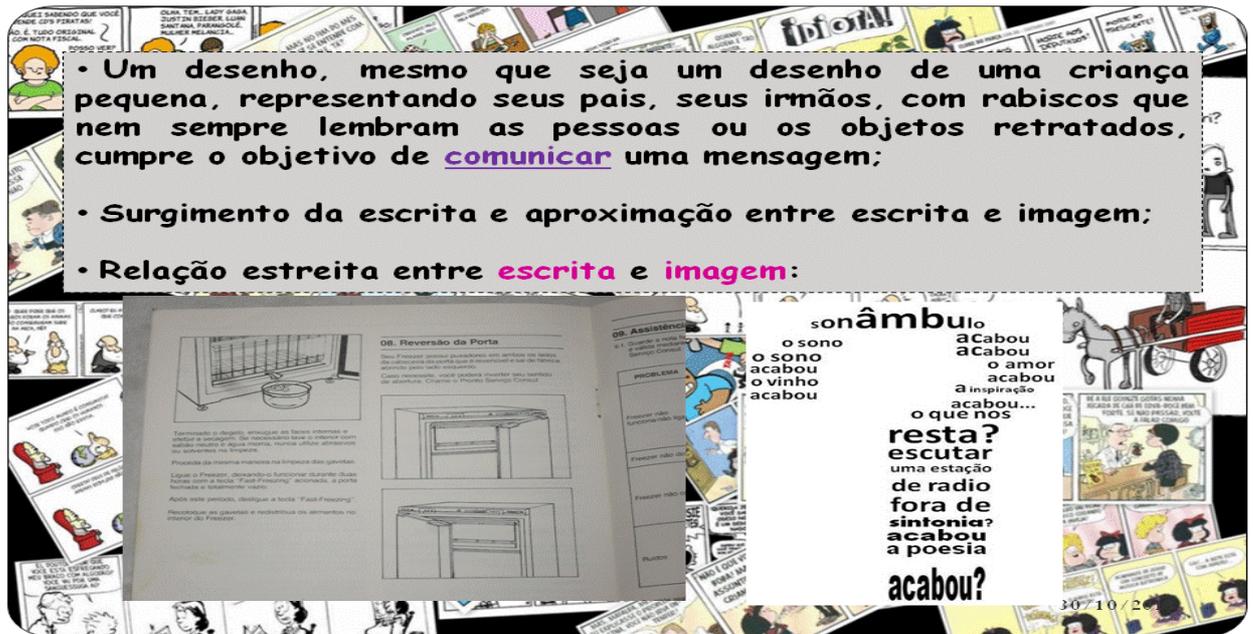
• As histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: **a imagem gráfica**.

• O desenho é precursor da imagem/expressão gráfica. Ele já era uma forma de expressão muito antes do surgimento da língua escrita.



• Os desenhos que o homem primitivo fazia nas paredes das cavernas contava sempre uma **história**, continha sempre uma **informação**: o relato de uma caçada bem sucedida, a informação da existência de animais selvagens em uma determinada região, a indicação de seu paradeiro, etc.;

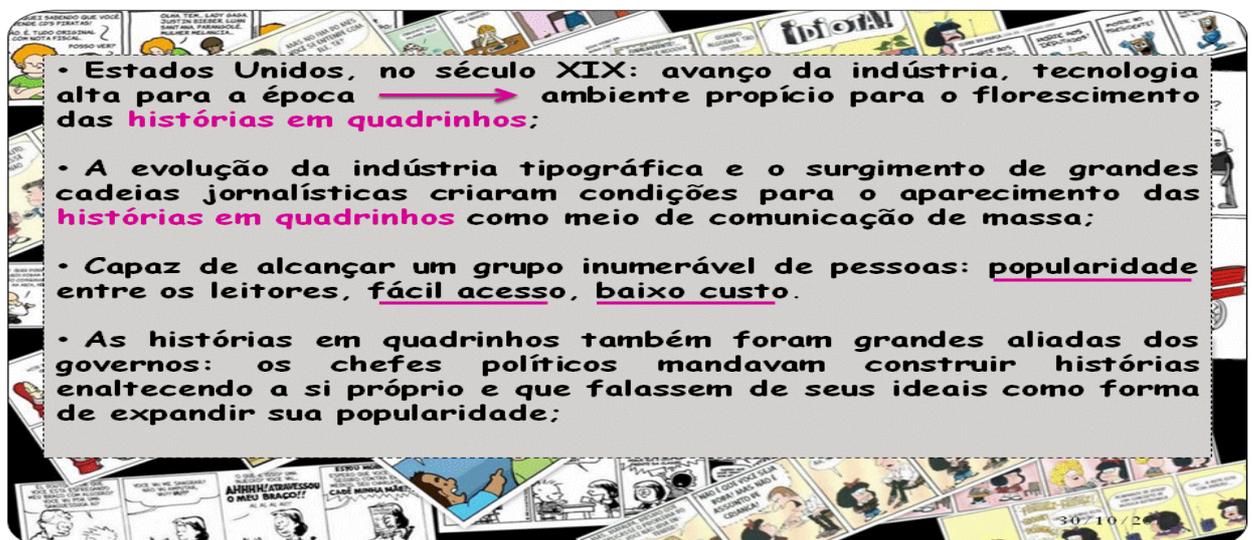
• Estas imagens formam um **quadro** muito semelhante ao que modernamente se conhece como **história em quadrinhos**;



- Um desenho, mesmo que seja um desenho de uma criança pequena, representando seus pais, seus irmãos, com rabiscos que nem sempre lembram as pessoas ou os objetos retratados, cumpre o objetivo de **comunicar** uma mensagem;
- Surgimento da escrita e aproximação entre escrita e imagem;
- Relação estreita entre **escrita e imagem**:

sonâmbulo
o sono acabou
o vinho acabou
o amor acabou
a inspiração acabou...
o que nos resta?
escutar uma estação de rádio fora de sintonia?
acabou a poesia
acabou?

30/10/20



- Estados Unidos, no século XIX: avanço da indústria, tecnologia alta para a época → ambiente propício para o florescimento das **histórias em quadrinhos**;
- A evolução da indústria tipográfica e o surgimento de grandes cadeias jornalísticas criaram condições para o aparecimento das **histórias em quadrinhos** como meio de comunicação de massa;
- Capaz de alcançar um grupo inumerável de pessoas: **popularidade entre os leitores, fácil acesso, baixo custo**.
- As histórias em quadrinhos também foram grandes aliadas dos governos: os chefes políticos mandavam construir histórias enaltecendo a si próprio e que falassem de seus ideais como forma de expandir sua popularidade;

30/10/20



DEFINIÇÃO DE HQ'S

- É um gênero textual que usa a linguagem visual (desenhos), frequentemente associada à linguagem verbal, para narrar um caso ou um episódio qualquer.
- **Linguagem Não Verbal:**
- **Linguagem Verbal:**

30/10/20

ONDE ENCONTRAMOS AS HQS?

- Bancas;
- farmácias com seção de revistas;
- supermercados;
- armazéns;
- papelarias;
- livrarias;
- em diversos locais.

TIPOS DE BALÕES

Balões de fala

WE ARE THE WALKING DEAD!

HOJE VOCÊ PROMETEU CONSERTAR O TELHADO, CAPINAR O JARDIM, CORTAR LENHA, CONSTRUIR UM GALPÃO E LIMPAR O CURRAL ... O QUE VOCÊ TÁ FAZENDO NA CAMA ATÉ AGORA ?

REZANDO POR UMA CHUVA

©2006 by King Features Syndicate, Inc.







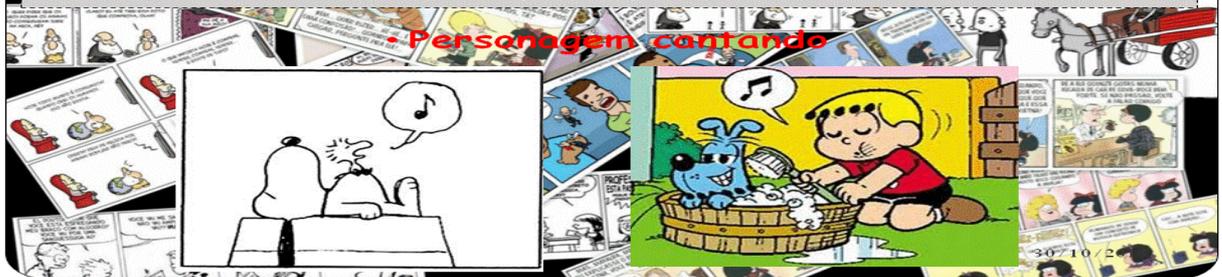
Balões que representam a fala de mais de uma personagem



Metáforas Visuais

- Além da forma dos balões, outros elementos podem nos dar pistas do que está acontecendo.
 - Metáforas em desenhos para indicar um **sentimento** ou um **acontecimento**.
- Ex: um coração soltando do peito como sinal de paixão; notas musicais indicando um assvio, raiva, etc.

- Personagem cantando



- Personagem dormindo



- Personagem com dúvida





Em geral, as **onomatopeias** são grafadas independentemente dos balões, em caracteres grandes, perto do local em que ocorre o som que representam. Elas **variam de idioma para idioma** e podem, também, variar de autor para autor.

30/10/2013



TIRINHAS

As tirinhas são quadrinhos de desenhos muito parecidos com as histórias em quadrinhos, só que são bem menores e costumam provocar risadas em quem as lê.



Anexo 2: Slides sobre Figuras de Linguagem.



FIGURAS DE LINGUAGEM

Professoras:
Erika da S. C. Agnellino
e
Laiana Abdala Martins

O QUE SÃO?

- As figuras de linguagem são recursos usados na fala ou na escrita para tornar mais expressiva a mensagem transmitida.
- É muito importante saber identificar as diversas figuras de linguagem, porque desta forma é possível compreender melhor diferentes textos.



IRONIA

E dizer uma coisa querendo dizer outra.

Ex: "Claro que perdooo, mulher. Sou um homem razoável..." (POE, p.91)

"Sou um homem razoável, não?! Muito razoável..." (POE, p.92)

HIPÉRBOLE

Acontece quando aplicamos intencionalmente uma expressão exagerada.

Ex: "Estou **MORTO** de preocupação com o meu também. Entendo você." (TWD, p.17?)

Anexo 3: Exercício de HQ's

BEATRIZ MORAIS BORGES.

Depois de vermos as especificidades de uma HQ, agora é a sua vez de trabalhar. Preste atenção no desenho de cada balão para criar os diálogos. Utilize os conteúdos dados na aula de hoje e, o mais importante, sua criatividade!



BEATRIZ MORAIS BORGES.

Depois de vermos as especificidades de uma HQ, agora é a sua vez de trabalhar. Preste atenção no desenho de cada balão para criar os diálogos. Utilize os conteúdos dados na aula de hoje e, o mais importante, sua criatividade!



Depois de vermos as especificidades de uma HQ, agora é a sua vez de trabalhar. Preste atenção no desenho de cada balão para criar os diálogos. Utilize os conteúdos dados na aula de hoje e, o mais importante, sua criatividade!



Beatriz Letícia Binotto

Depois de vermos as especificidades de uma HQ, agora é a sua vez de trabalhar. Preste atenção no desenho de cada balão para criar os diálogos. Utilize os conteúdos dados na aula de hoje e, o mais importante, sua criatividade!



Beatriz Letícia Binette

Depois de vermos as especificidades de uma HQ, agora é a sua vez de trabalhar. Preste atenção no desenho de cada balão para criar os diálogos. Utilize os conteúdos dados na aula de hoje e, o mais importante, sua criatividade!



GABRIEL GARÇEZ TURMA 12:

Depois de vermos as especificidades de uma HQ, agora é a sua vez de trabalhar. Preste atenção no desenho de cada balão para criar os diálogos. Utilize os conteúdos dados na aula de hoje e, o mais importante, sua criatividade!



GABRIEL GARCEZ
TURMA 123

Depois de vermos as especificidades de uma HQ, agora é a sua vez de trabalhar. Preste atenção no desenho de cada balão para criar os diálogos. Utilize os conteúdos dados na aula de hoje e, o mais importante, sua criatividade!



Depois de vermos as especificidades de uma HQ, agora é a sua vez de trabalhar. Preste atenção no desenho de cada balão para criar os diálogos. Utilize os conteúdos dados na aula de hoje e, o mais importante, sua criatividade!



FEZ ESSE BOLO DE CENOURA DEIXA EU VER SE FICOU GOSTOSO!

AI! AI! ESSA MAGALI TA SEM PRE QUERENDO EXPRESSAR TUDO!

Yanka Cordeiro
123

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Laiana Abdala Martins
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 123 – 1ª fase do Ensino Médio
Data da atividade: 4/11/2013 – segunda-feira
Tempo de aula: 2 horas-aula, com 55 minutos cada
Horário: 15h40min às 17h30min

PLANO DE AULA 8

TEMA

Produção de histórias em quadrinhos.

OBJETIVOS

- Conhecer a proposta de histórias em quadrinhos do livro *90 livros clássicos para apressadinhos*;
- Reconhecer o gênero história em quadrinhos como prática de uso da língua;
- Aprimorar a prática de leitura e escrita de histórias em quadrinhos;
- Estabelecer relação entre o livro *A casa de Hans Kunst* e a história em quadrinho.

CONTEÚDO

Leitura: das histórias em quadrinhos presentes no livro; conhecimentos dados sobre o gênero história em quadrinhos, os quais serão acionados e/ou utilizados pelos alunos no processo de elaboração de uma história em quadrinhos; linguagem verbal e não verbal;
escrita: produção de HQ's.

METODOLOGIA

- Fazer a chamada;
- Apresentar aos alunos o livro *90 livros clássicos para apressadinhos*, fazendo a leitura de algumas HQ's escolhidas: *Drácula*, *O Senhor dos Anéis*, *O guia dos mochileiros da galáxia*, *A Bíblia Sagrada*, *Os Três Mosqueteiros*, *As Aventuras de Aline no País das Maravilhas*, *O Coração Denunciador*, *A*

Fantástica Fábrica de Chocolate, Odisseia, O Código da Vinci, As Viagens de Gulliver, O Cemitério, O Corcunda de Notre-Dame e Frankenstein;

- Iniciar produção de histórias em quadrinhos com base no livro *A casa de Hans Kunst*, de Luana Von Linsingen, a partir da proposta do livro *90 livros clássicos para apressadinhos*, de Henrik Lange, e informar que essas HQ's serão expostas no dia 11/11, na ocasião da visita das escritoras;
- Recolher as produções.

RECURSOS DIDÁTICOS

Fotocópia das histórias em quadrinhos; quadro branco e caneta para quadro branco; material escolar básico de uso pessoal (caneta, lápis, etc.).

AValiação

Os alunos serão avaliados de forma continuada, de acordo com a participação nas atividades propostas. A pontualidade, interação com os colegas e as professoras também serão consideradas. Durante toda a aula, a postura dos alunos perante as atividades e/ou conversas propostas sobre os assuntos será observada, bem como a adequação da HQ à proposta, tanto no que se refere aos aspectos relativos ao gênero como em relação às regras de variedade formal escrita da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANEXOS

Anexo 1: Histórias retiradas do livro 90 livros clássicos para apressadinhos

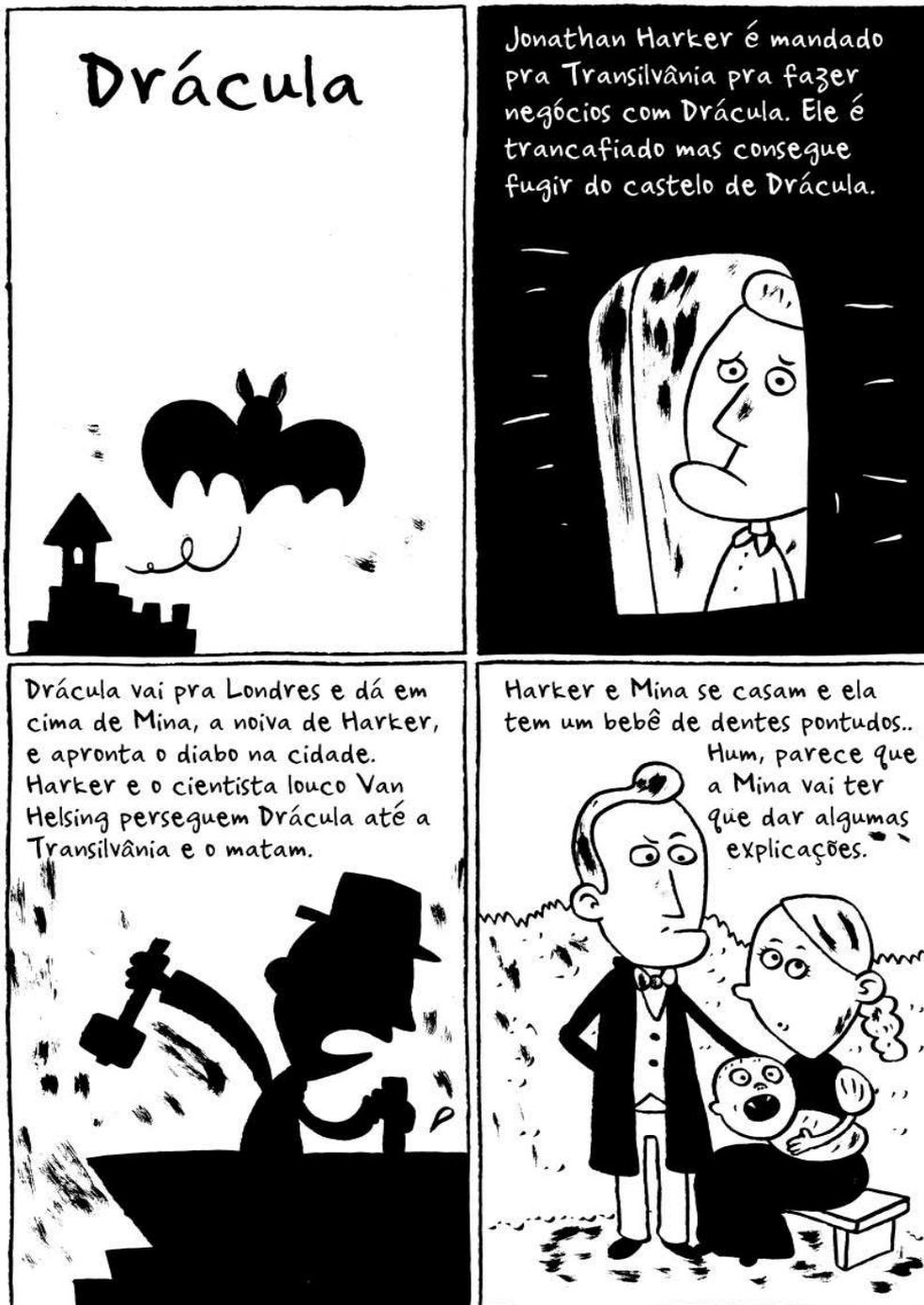


Figura 1: Drácula, de Bram Stoker

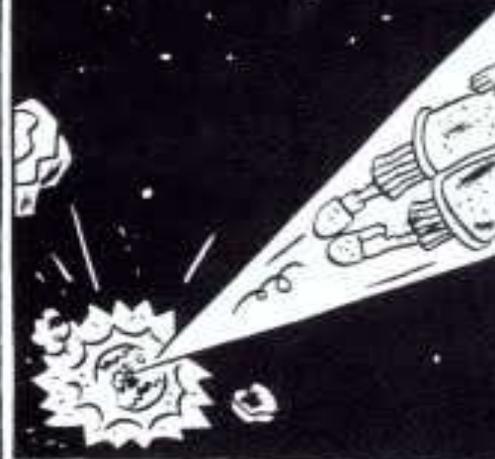


Figura 2: O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien

O Guia do Mochileiro das Galáxias



Arthur Dent e Ford Perfect conseguem fugir da Terra (que, a propósito, é um computador gigante) segundos antes dos Vogons destruírem ela.



Eles pegam carona pelo universo em busca da Pergunta Fundamental da Vida e pelo caminho encontram uma porrada de criaturas espaciais maneiras.



Alguns livros depois, os Vogons assumem o controle e finalmente destroem a Terra... de novo.

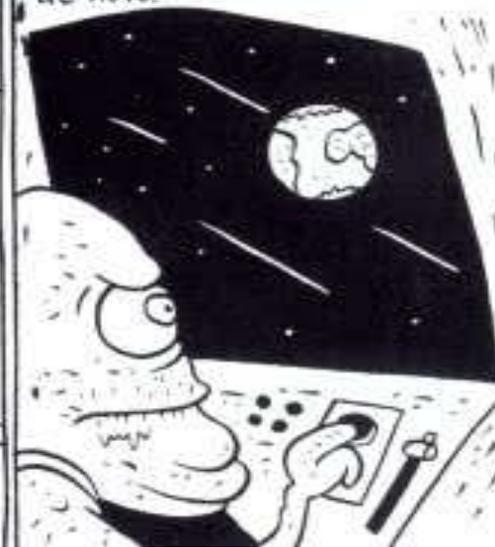


Figura 3: O Guia do Mochileiro das Galáxias, de Douglas Adams



Figura 4: Bíblia Sagrada



Figura 5: Os Três Mosqueteiros, de Alexandre Dumas



Figura 6: Alice no País das Maravilhas, de Charles Lutwidge Dodgson, sob o pseudônimo de Lewis Carroll



Figura 7: O Coração Denunciador, de Edgar Allan Poe



Figura 8: A Fantástica Fábrica de Chocolate, de Roald Dahl



Figura 9: Odisseia, de Homero

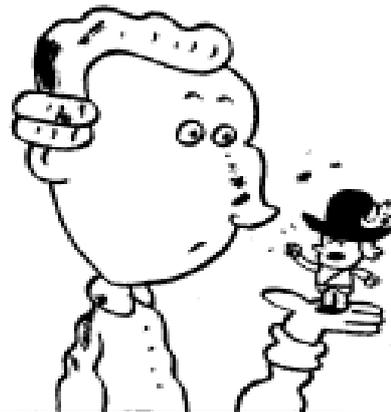


Figura 10: O Código da Vinci, de Dan Brown

As Viagens de Gulliver



Gulliver é um cara que adora viajar. Quando seu barco naufraga, ele vai parar em Lilliput, onde as pessoas são pequenininhas. Mas ele volta pra Inglaterra numa boa.



Só que ele resolve viajar de novo e acaba indo parar em Brobdingnag onde todo mundo é gigante. Mas, é claro, ele consegue escapar de lá.



Após mais algumas viagens e naufrágios ele vai dar em Houyhnhnms onde os cavalos são inteligentes e as pessoas terríveis. Mister Ed é de lá. Gulliver volta e passa a falar com cavalos.



Figura 11: As Viagens de Gulliver, de Jonatan Swift

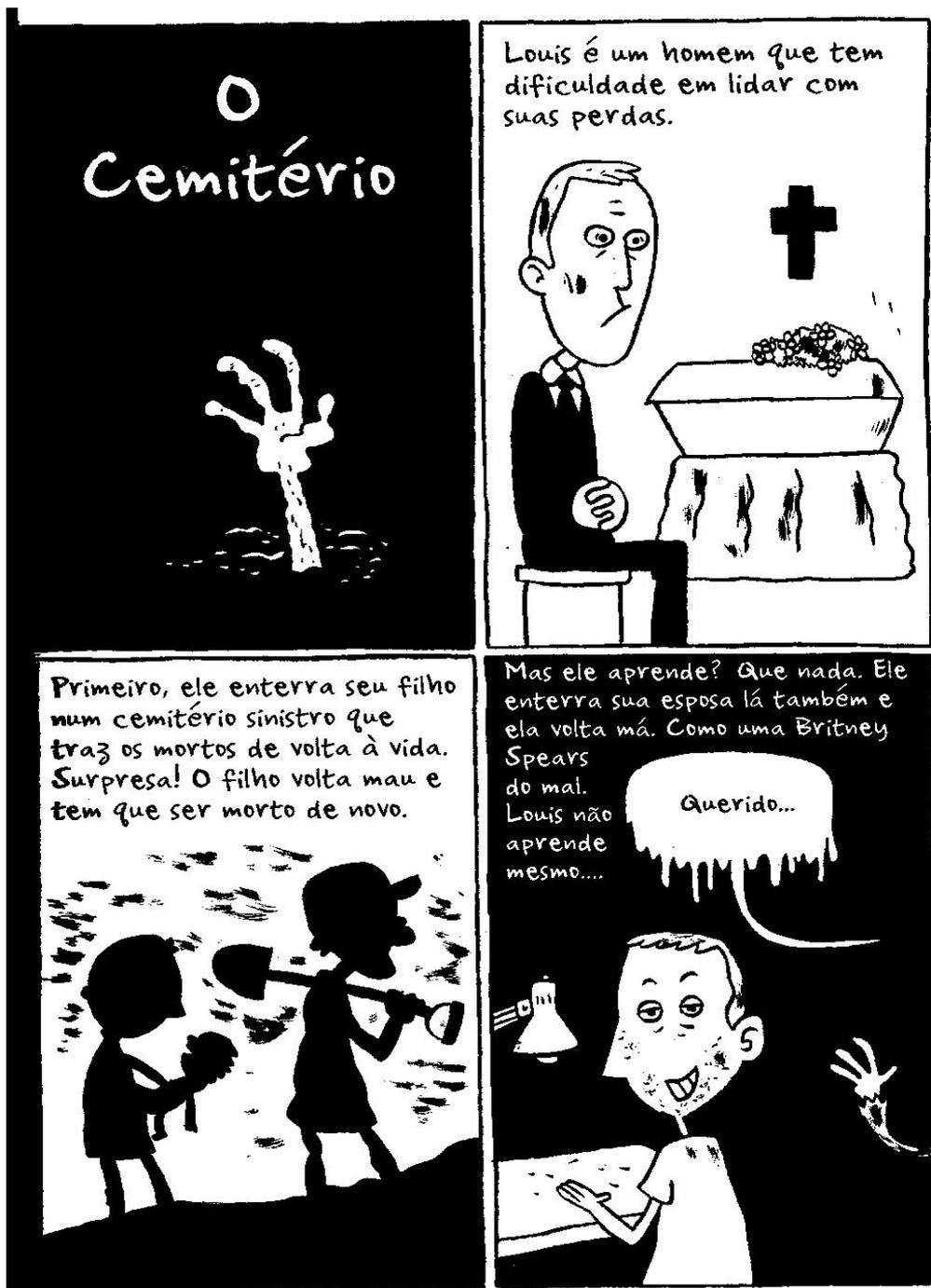


Figura 12: O Cemitério, de Stephen King



Figura 13: O Corcunda de Notre-Dame, de Victor Hugo



Figura 14: Frankenstein, de Mary Shelley

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Erika da Silva Costa Agnellino
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 123 – 1ª fase do Ensino Médio
Data da atividade: 6/11/2013 – quarta-feira
Tempo de aula: 2 horas-aula, com 55 minutos cada
Horário: 15h40min às 17h30min

PLANO DE AULA 9

TEMA

A casa de Hans Kunst: dinâmica avaliativa da leitura do livro

OBJETIVOS

- Assistir ao vídeo *Estranhos em Casa*;
- Estabelecer relação entre o tema do vídeo assistido com o do livro *A casa de Hans Kunst*;
- Expressar-se com clareza, coerência e objetividade em relação à compreensão da obra quando solicitado na dinâmica de discussão do livro *A casa de Hans Kunst*;
- Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa da manifestação de cada um dos colegas em relação à compreensão do livro *A casa de Hans Kunst*;
- Compreender a sequência da narrativa do livro *A casa de Hans Kunst* a partir da dinâmica do seminário.

CONTEÚDO

Sequência narrativa da história de um livro; vídeo de casa mal-assombrada; livro *A casa de Hans Kunst*; **oralidade**: entonação, fluência, expressividade, ritmo, e clareza no momento das apresentações.

METODOLOGIA

- Iniciar a aula com o vídeo *Estranhos em casa*, da série *Casos e Causos*²⁴, que

²⁴ Episódio de ficção produzido pela GP7 Cinema para a RPCTV (Globo-PR) para o programa Revista RPC (quadro Casos e Causos).

conta a história²⁵ de uma casa mal- assombrada. Na verdade um causo que virou um curta, assim como a história do livro: <http://www.youtube.com/watch?v=lZtoBMDA-fE> (10'06'')

- Iniciar o seminário sobre o livro de *A casa de Hans Kunst* (será feita uma roda e com a dinâmica da "gosma verde" os alunos contarão a história do livro. Cada um dos colegas escolherá quem será o próximo a contar a sequência do livro passando a "gosma verde");
- Recolher a figura para o blog para quem não enviou para o *e-mail* - como os desenhos;
- Lembrá-los de que na aula seguinte será a visita das escritoras Luana Von Linsingen e Salma Ferraz e provocá-los a fazerem perguntas para elas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Kit multimídia (computador e projetor); vídeo; material escolar básico de uso pessoal (caneta, lápis, caderno, etc.); “gosma verde”.

AValiação

Os alunos serão avaliados de forma continuada, observando o comportamento dos alunos diante do que lhes será proposto e apresentado, bem como de seu empenho na atividade do seminário, sua participação e comprometimento. A pontualidade e interação respeitosa com colegas e as professoras também serão aspectos que levaremos em conta durante toda a aula e em especial no momento da dinâmica da “gosma verde”. Na oralidade, o domínio da linguagem e adequação ao gênero seminário, assim como, na apresentação de forma coerente e coesa, relacionada com a obra.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

LINSINGEN, Luana Von. **A casa de Hans Kunst**. São Paulo: Saraiva, 1998.

ANEXOS

²⁵ Baseado em fatos reais, traz os relatos do casal de agricultores "José e Dionizia Boachuck" que moravam numa fazenda mal assombrada na década de 60. Barulhos, vultos e fantasmas. A família precisou encarar o medo para continuar na fazenda misteriosa.

Anexo 1: Seminário**Figura 10 Dinâmica da "gosma verde"****Figura 11 Dinâmica de contação da história do livro.**

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Laiana Abdala Martins
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 123 – 1ª fase do Ensino Médio
Data da atividade: 11/11/2013 – segunda-feira
Tempo de aula: 2 horas-aula, com 55 minutos cada
Horário: 15h40min às 17h30min

PLANO DE AULA 10

TEMA

Café literário: visita das escritoras Luana Von Linsingen e Salma Ferraz

OBJETIVOS

- Propiciar aos alunos um momento de aproximação com a escritora do livro que leram, Luana Von Linsingen, bem como com a escritora e contista Salma Ferraz, da qual leram um conto de suspense;
- Aprimorar as práticas de leitura e de oralidade.
- Expressar-se oralmente de forma clara, coerente e coesa, adequando a linguagem à situação comunicativa.
- Utilizar a linguagem oral em situações que exijam maior grau de formalidade.
- Suscitar a reflexão dos alunos em relação à produção, à distribuição e à utilização de livros e contos de ficção.

CONTEÚDO

Oralidade: entonação, fluência, expressividade, ritmo, e clareza no momento das apresentações; postura de escuta atenta e ativa nos momentos em que isso se fizer necessário durante o seminário com as autoras.

METODOLOGIA

- Fazer a chamada;
- Organizar as carteiras em forma de meia lua, a fim de que as escritoras fiquem defronte aos alunos;

- Iniciar breve apresentação das escritoras (nome completo, formação acadêmica, livros e contos publicados, etc.);
- Iniciar rodada de perguntas às escritoras;
- Ao fim, proporcionar momento de descontração, com comes e bebes, juntamente com comemoração do fim do projeto e despedida das estagiárias Erika e Laiana.

RECURSOS DIDÁTICOS

Material escolar básico de uso pessoal (lápiz, papel, caneta, etc.); livro *A casa de Hans Kunst*; quadro branco e caneta para quadro branco.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de forma continuada, observando o comportamento dos alunos diante de todo o encontro com as escritoras. A pontualidade e a interação respeitosa com os colegas, as professoras e as escritoras também serão aspectos que levaremos em conta durante toda a aula. Na oralidade, o domínio da linguagem e adequação à proposta: participação em um seminário.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANEXOS

Anexo 1: Fotos do Café Literário - Encerramento da Docência.









Anexo 3: Produção dos alunos.



Figura 12: 1º lugar

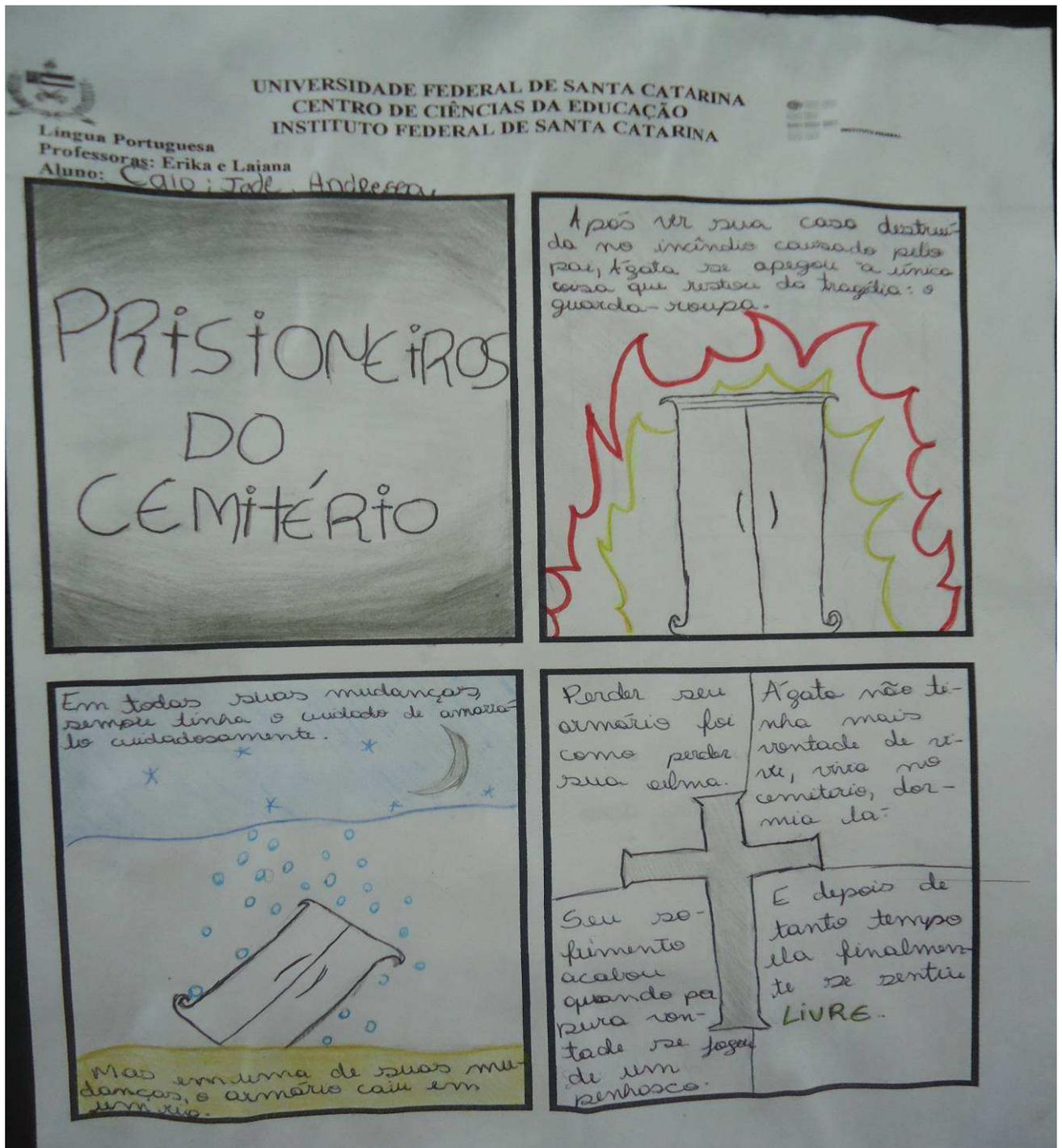


Figura 13: 2º lugar



Figura 14: 3º lugar

3 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

O nosso projeto compreendeu três momentos distintos e indissociáveis, que integram as disciplinas de estágio I e II. O primeiro momento dessas etapas de formação docente foi um período destinado à observação dos sujeitos, da turma e da prática docente do professor regente. Em um segundo momento, destinamos nossos tempos para a elaboração do projeto de docência, dos planos de aula e preparação dos materiais para cada aula, para então adentrarmos em um espaço, tão gentilmente cedido, para a prática de nossa docência e execução do projeto. Após essa etapa, um terceiro momento, a derradeira fase destinada às reflexões, para repensarmos sobre nossas ações, os problemas enfrentados, as soluções encontradas, a fim de avaliarmos o período de nossas experiências acadêmicas. Por fim, a oportunidade de um momento de socialização da nossa docência, no II Simpósio de Formação Docente e Práticas Pedagógicas, realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Sobre o nosso projeto, algumas considerações a serem feitas, pois no decorrer das aulas algumas intercorrências ocorreram, alguns acertos foram necessários a fim de "acertarmos os ponteiros" de acordo com o planejamento inicial, sem, no entanto, prejudicar o andamento das aulas seguintes.

Nossa intenção, quando elaboramos e executamos o projeto de docência, era fomentar a leitura e a escrita dentro e fora de sala de aula. Para tanto, construímos planos de aulas interativos, lúdicos, sem deixar de lado alguns aportes teóricos sobre uma concepção de ensino que levam em conta as funções sociais do uso da linguagem. Buscamos trabalhar a linguagem na sala de aula porque ela existe fora dela, no meio social, e, mais além, a linguagem situada em contextos de uso e em práticas socioculturais específicas.

Os recursos didáticos (caixa preta misteriosa, baratinha, Amoeba, Gosma Verde e um concurso de HQs), utilizados por nós, procurava mesclar ensino com entretenimento, em uma concepção que contribuem, segundo Vygostky²⁶, para o sucesso da aprendizagem, uma vez que o lúdico é, por excelência, cultural. Jean

²⁶Apud ANDRADE; SANCHES (2005)

Piaget²⁷, na mesma linha, afirma que alguns jogos e brincadeiras contribuem para o enriquecimento intelectual, fazendo com que os alunos tenham plena participação e mais entusiasmo, agindo e interagindo com o professor, com os colegas e com o conteúdo ministrado.

No entanto, não deixamos de trabalhar conteúdos essenciais, levando em conta as relações dialógicas de interação e de trocas de conhecimentos, buscando abordá-los em situações de aprendizagem que possibilitassem o uso efetivo da língua em suas modalidades escrita, oral e de leitura. Sendo assim, as aulas apresentadas contemplaram elementos da escrita e leitura de textos dos gêneros conto e histórias em quadrinhos associados com outras linguagens, tais como, filmes, músicas, imagens e curtas-metragens. Ainda aproveitamos o conteúdo sobre os causos para trabalhar e avaliar a oralidade de todos.

A temática do *Medo* na literatura foi outro fator que contribuiu para o sucesso das aulas. Trabalhando com o *desconhecido*, o *sobrenatural*, o *perverso*, o *suspense*, o *gato preto*, as *bruxas*, os *zumbis*, os *casos* e *causos* permitimos uma total integração da turma. Percebemos um crescimento da turma no engajamento nas aulas e nos trabalhos propostos. O comprometimento com os prazos dados para a finalização das tarefas, porém, não foi seguido na maioria das vezes. No conjunto das aulas ministradas, percebemos que seus olhos já não se fechavam de cansaço ou de sono, pois agora eles mantinham olhos e ouvidos atentos, participando ativamente das atividades propostas. Encontramos alunos bem criativos, assim como outros que faziam timidamente algumas atividades. Na escrita e reescrita dos contos e na apresentação do seminário dos sustos, percebemos o quanto de conhecimento sobre a temática cada um trazia consigo. As histórias dos contos e a qualidade dos materiais apresentados no seminário foi um retorno positivo para nós sobre a escolha do tema *Medo* dentro de sala de aula.

Trabalhamos a reescrita dos contos de forma orientada, com duas aulas de análise linguística. Utilizamos trechos dos próprios textos dos alunos para apresentar reflexões sobre o uso correto e adequado da língua na modalidade escrita formal e reforçar as especificidades do gênero *conto*. Em seguida, as produções foram encaminhadas para a reescrita que, segundo os PCNs de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 77),

faz parte do processo de escrita: durante a elaboração de um texto, se releem trechos para prosseguir a redação, se reformulam passagens. Um texto pronto

²⁷ idem. ibidem.

será quase sempre produto de sucessivas versões. Tais procedimentos devem ser ensinados e podem ser aprendidos.

Geraldi, em *O Texto na Sala de Aula*, no artigo *Prática da Leitura na Escola*, defende que, para que o ensino de língua portuguesa tenha seu objetivo alcançado, é preciso uma prática efetiva, composta de três elementos, em sala de aula. Essas práticas são: a *leitura de textos*, a *produção de textos* e a *análise linguística*. Ele acredita que o que vem sendo feito nas escolas no ensino da língua é ensinar metalinguagem de análise da língua e com alguns exercícios. Desse modo, procuramos executar um planejamento pautado em seus pressupostos, fugindo daquilo que vinha sendo feito até pouco tempo nas instituições de ensino.

As alterações ocorridas nos planos de aulas se deram em função de alguma inexperiência docente. A previsibilidade entre 'tempo X conteúdo', nem sempre foi exata, assim como as falhas tecnológicas, que foram solucionadas oportunamente e sem prejuízo no andamento das aulas subsequentes.

Contudo, o uso do *blog* não foi de aceitação unânime, alguns esperavam ansiosamente pelas postagens e participavam ativamente, outros só efetivavam a participação mediante cobrança ou por terem conhecimento de que as atividades no espaço virtual também eram avaliativas. O *blog* entrou em nosso projeto com o intuito de aliar tempo de lazer com atividades de leituras e escrita, pois de acordo com o questionário aplicado tivemos conhecimento de que todos tinham acesso à internet e faziam uso do computador para atividades escolares e de entretenimento.

No período em que estivemos em estágio, construímos um aprendizado contínuo sobre a prática docente. A vivência na instituição de ensino permitiu-nos a participação no conselho de classe, reunião de professores e reunião com os pais. Atividades que nos possibilitaram um contato maior e conhecimento mais aprofundado sobre os alunos, pois o tempo que tivemos com eles em sala não foi muito grande. A aproximação com as estagiárias foi ocorrendo gradativamente e aos poucos fomos sendo muito bem aceitas.

Refletir sobre a prática pedagógica é perceber, acima de tudo, que o grande desafio dos professores de Língua Portuguesa está em como encaminhar as aulas sobre o estudo da língua mesmo quando encontramos sujeitos desmotivados, e, algumas vezes, alguns questionamentos sobre o ensino a partir dos textos.

A DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRACLASSE

4 O PROJETO DE DOCÊNCIA: O PLANO DE TRABALHO

4.1 Introdução

É de responsabilidade dos professores vinculados ao DALTEC, além do exercício docente em sala de aula, a realização de outras atividades tais como, a participação em reuniões, a oferta de apoio pedagógico e a realização de oficinas para os alunos do IFSC e/ou abertas à comunidade em geral.

Sendo assim, o entendimento foi de que tão importante quanto a participação em sala de aula, nós estagiárias, deveríamos ter participação em todo o processo do fazer docente dos profissionais daquela unidade escolar, entre elas, também, a realização das oficinas.

Uma das etapas de nosso estágio foi, portanto, a oferta de uma oficina, como atividade de docência extraclasse. O tema deste projeto extraclasse foi escolhido pelas professoras-estagiárias juntamente com a professora orientadora e os professores do IFSC, levando em consideração as necessidades dos alunos.

A nossa proposta de oficina nasceu de uma necessidade diagnosticada durante a etapa de observação, que, em posse de alguns textos dos alunos, percebemos a ausência de uma segunda leitura, a fim de revisá-los e corrigi-los sempre que necessário. Sendo assim, optamos pela realização de uma oficina de *Revisão Textual e Edição de Textos*, com a finalidade de mostrar a importância de um texto bem escrito e organizado, livre de erros ortográficos e gramaticais, prolixidades e redundâncias, que se colocam como obstáculos para a sua compreensão, como também, orientá-los na edição de textos, tais como *banners* e pôsteres.

4.2 Reflexão Teórica

Durante toda a experiência de estágio, estivemos ancoradas na reflexão bakhtiniana sobre a linguagem, o diálogo, a interação e os gêneros do discurso, por acreditarmos que o ideário sócio-histórico-cultural, discutido largamente entre o Círculo de Bakhtin, contribuiu ricamente para os estudos da linguagem. Sendo assim, tanto na discussão de fundamentação teórica do projeto de docência quanto na elaboração deste

projeto extraclasse, aportamo-nos nessa teoria por acharmos que ela responde muitas questões teóricas sobre o ensino e apropriação dos usos da linguagem. Como essa compreensão já foi apresentada e discutida na Seção 2.3 – Fundamentação teórica –, entendemos que não se faz necessário repeti-la aqui.

4.3 Objetivos

Desenvolver atividades que envolvam leitura e interpretação de textos, a fim de refletir sobre a língua e seu uso, com base nas regras da modalidade escrita formal da língua portuguesa, produzindo, por conseguinte, sentidos e saberes. Serão utilizados textos preponderantemente acadêmicos, a fim de promover a compreensão e apropriação de conhecimentos, com base nas regras de um texto bem escrito, proporcionando a compreensão por todos.

Orientar os alunos quanto à formatação do texto, segundo as normas da ABNT. Nesse sentido, nossas orientações contribuirão para que eles possam produzir textos, finalizando, assim, suas pesquisas, projetos e qualquer texto que venham a ser produzidos e/ou revisados durante o seu percurso de formação e, posteriormente, na atividade profissional que venham a exercer..

Ao longo dos quatro encontros, pretendemos desenvolver atividades relativas à compreensão da produção escrita, a fim de que os alunos possam perceber os objetivos da revisão textual e edição de textos.

Compreender a ideia de circulação dos textos revisados e produzidos é outro objetivo de nossa ação docente, na intenção de incentivar os alunos no momento da escrita, pois saberão previamente que suas produções não ficarão restritas à leitura do professor para a atribuição de uma nota. Desse modo, esperamos que, posteriormente à participação nessa oficina, eles possam produzir textos bem escritos e organizados, livres de erros ortográficos e gramaticais, prolixidades e redundâncias, impedindo a compreensão do texto.

4.4 Conhecimentos trabalhados

- Noções gramaticais, tais como: vícios de linguagem (arcaísmo, ambiguidade, cacófato, colisão, eco, hiato, pleonasma, solecismo – desvios sintáticos, sendo de concordância, de regência ou de colocação pronominal, plebeísmo e obscuridade);

- Pontuação: especialmente, uso de vírgulas, dois pontos, ponto e vírgula e travessão;
- Coerência e coesão textuais;
- Crase;
- Regras da ABNT: referências, citações, sessões obrigatórias dos textos;
- Formatação da apresentação gráfica de trabalhos acadêmicos: formato de impressão, fontes, tamanhos, espaçamentos, margens, parágrafos, paginação, abreviaturas e siglas;
- Estrutura do trabalho acadêmico: elementos textuais, elementos pré-textuais, elementos pós-textuais;
- Regras e orientações para a produção de *banners*/pôsteres.

4.5 Metodologia

Partimos do pressuposto de que a aula de língua portuguesa, assim como, uma oficina, que leve em conta as regras da modalidade escrita formal da língua portuguesa, deve se pautar no desenvolvimento de habilidades para que os alunos possam transitar socialmente nas esferas públicas e privadas de uso da linguagem. Assim, este projeto possibilitou a análise e produção de textos acadêmicos bem escritos, levando em conta a esfera de circulação e produção nos quais se inserem.

Iniciamos os encontros com a leitura da crônica Cuidado com os revizores, de Luís Fernando Veríssimo, a qual nos mostra, de maneira divertida, a importância dos revisores, de um texto bem redigido, livre de redundâncias e prolixidades, bem como a importância de lermos e corrigirmos nossos próprios textos. Promovemos a discussão de normas da modalidade escrita formal com aporte em trabalhos acadêmicos (elementos pré-textuais, elementos textuais, elementos pós-textuais), em notícias de jornais, revistas, sites e textos de blogs, especificamente nos dois primeiros encontros. No terceiro dia de oficina, tratamos de apresentação gráfica dos trabalhos acadêmicos quanto à formatação gráfica (formato de impressão, margens, fontes, espaçamentos, parágrafos, paginação e notas de rodapé). Enfim, finalizamos com uma aula na qual indicamos como produzir banners/pôsteres, conforme as regras de formatação do gênero em questão, segundo o Seminário de Iniciação Científica – SIC (regras essas que valem para a maioria das exposições de pesquisas acadêmicas, no entanto, ressaltamos que

devem seguir as normas de apresentação do evento para o qual seus trabalhos serão apresentados).

4.6 Cronograma

DATA	DURAÇÃO	CONTEÚDO	ESTAGIÁRIA
8/10	1h30min	Apresentação da oficina; técnicas de revisão; atividades de leitura, interpretação e reflexão; atividades de revisão.	Laiana
15/10	1h30min	Atividades de leitura, interpretação e reflexão; atividades de revisão.	Laiana
22/10	1h30min	ABNT e Referências	Erika
29/10	1h30min	Banners e Pôsteres	Erika

4.7 Planos

A seguir, apresentamos os planos de aula de cada um dos encontros desta oficina.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Laiana Abdala Martins
Oficina Revisão Textual e Edição de Textos
Data da atividade: 8/10/2013 – terça-feira
Tempo de aula: 1h30min
Horário: 17h45min às 19h15min

PLANO DE AULA 1

TEMA

Discussão de transgressões nas regras da modalidade escrita formal da língua portuguesa, encontradas nos textos ou excertos apresentados.

OBJETIVOS

- Ampliar conhecimentos referentes às regras da modalidade escrita formal da língua portuguesa;
- Reconhecer em seus próprios textos inadequações em relação às regras da modalidade escrita formal da língua portuguesa;
- Identificar a ocorrência de ambiguidade e o fator que a ocasiona em excertos de textos a serem analisados;
- Identificar a ocorrência de pleonismo ou redundância em excertos de textos a serem analisados;
- Identificar a ocorrência de cacófato, eco e colisão, que empobrecem o texto;
- Identificar e suprimir desvios sintáticos e falsos elementos de coesão em excertos de textos a serem analisados;
- Aprimorar habilidades de escrita de textos acadêmicos.

CONTEÚDO

Noções gramaticais, tais como: ambiguidade, pleonismo ou redundância, cacófato, eco, colisão, certos desvios sintáticos e falsos elementos de coesão (enquanto, como um todo e a nível de).

METODOLOGIA

- Apresentar a oficina: qual a metodologia adotada nos quatro encontros, bem como conteúdos a serem trabalhados;
- Entregar a crônica *Cuidado com os revizores*, de Luís Fernando Veríssimo, a fim de apresentar o trabalho de um revisor;
- Fazer breves considerações, acerca do texto;
- Entregar para cada aluno folha contendo os conteúdos da aula e atividades específicas para cada um deles;
- Discutir separadamente cada um dos conteúdos e fazer a atividade pertinente em seguida, com apoio de apresentações de Power Point que contenham as respostas corretas;
- Pedir aos alunos para que na aula seguinte, 15/10, tragam excertos de jornais, revistas, textos acadêmicos, que eles considerem haver algum tipo de inadequação gramatical como as apresentadas nesta aula, a fim de discutirmos mais sobre esses desvios, bem como revisar o conteúdo trabalhado nesta aula.

RECURSOS DIDÁTICOS

Projetor multimídia; apresentações em *Power Point*; gramática; computador; atividades fotocopiadas; quadro branco e caneta para quadro branco.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados considerando o interesse pela aula com base nos questionamentos à professora-estagiária e com base nas respostas aos questionamentos da professora-estagiária e o cumprimento das atividades propostas, pela adequação das respostas.

REFERÊNCIAS

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48 ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

FLÔRES, Lúcia Locatelli; OLÍMPIO, Lúcia Maria Nassib; CANCELIER, Natália Lobor. **Redação**. 2. Ed. Florianópolis: EDUFSC, 1994.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Cuidado com os revizores**. Disponível em: <http://revisaoparaque.com/blog/off/a-importancia-da-revisao-textual>

ANEXOS

Anexo 1: Crônica de Luís Fernando Veríssimo

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Departamento de Metodologia de Ensino
Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC
Professoras: Erika Agnellino e Laiana Abdala Martins

Cuidado com os revizores²⁸

Todo escritor convive com um terror permanente: o do erro de revisão. O revisor é a pessoa mais importante na vida de quem escreve. Ele tem o poder de vida ou de morte profissional sobre o autor. A inclusão ou omissão de uma letra ou vírgula no que

sai impresso pode decidir se o autor vai ser entendido ou não, admirado ou ridicularizado, consagrado ou processado. Todo texto tem, na verdade, dois autores: quem o escreveu e quem o revisou. Toda vez que manda um texto para ser publicado, o autor se coloca nas mãos do revisor, esperando que seu parceiro não falhe. Não há escritor que não empregue palavras como, por exemplo: “ônus” ou “carvalho” e depois fique metaforicamente de malas



feitas, pronto para fugir do país se as palavras não saírem impressas como no original, por um lapso do revisor. Ou por sabotagem.

Sim, porque a paranoia autoral não tem limites. Muitos autores acreditam firmemente que existe uma conspiração de revisores contra eles. Quando os revisores não deixam passar erros de composição (hoje em dia, de digitação), fazem pior: não corrigem os erros ortográficos e gramaticais do próprio autor, deixando-o entregue às consequências dos seus próprios pecados de concordância, das suas crases indevidas e pronomes fora do lugar. O que é uma ignomínia. Ou será ignomia? Enfim, não se faz.

²⁸ Disponível em: <http://revisaoparaque.com/blog/off/a-importancia-da-revisao-textual>

Pode-se imaginar o que uma conspiração organizada, internacional, de revisores significaria para a nossa civilização. Os revisores só não dominam o mundo porque ainda não se deram conta do poder que têm. Eles desestabilizariam qualquer regime com acentos indevidos e pontuações maliciosas, além de decretos oficiais ininteligíveis. Grandes jornais seriam levados à falência por difamações involuntárias, exércitos inteiros seriam imobilizados por manuais de instrução militar sutilmente alterados, gerações de estudantes seriam desencaminhadas por cartilhas ambíguas e fórmulas de química incompletas. E os efeitos de uma revisão subversiva na instrução médica são terríveis demais para contemplar.

Existe um exemplo histórico do que a revisão desatenta – ou mal-intencionada – pode fazer. Uma das edições da Versão Autorizada da Bíblia, publicada na Inglaterra por iniciativa do rei James I, no século XVII, ficou conhecida como a “Bíblia Má”, porque a injunção “Não cometerás adultério” saiu, por um erro de impressão, sem o “não”. Ninguém sabe se o volume de adultérios entre os cristãos de fala inglesa aumentou em decorrência dessa inesperada sanção bíblica até descobrirem o erro, ou se o impressor e o revisor foram atirados numa fogueira juntos, mas o fato prova que nem a palavra de Deus está livre do poder dos revisores.

A mesma bíblia do rei James serve como um alerta (ou como o incentivo, dependendo de como se entender a história) para a possibilidade que o revisor tem de interferir no texto. O objetivo de James I era fazer uma versão definitiva da Bíblia em inglês, com aprovação real, para substituir todas as outras traduções da época, principalmente as que mostravam uma certa simpatia republicana nas entrelinhas (como a Bíblia de Genebra, feita por calvinistas e adotada pelos puritanos ingleses, e que é a única Bíblia da História em que Adão e Eva vestem calções). Para isso, James reuniu um time dividido entre os que cuidariam do Velho e do Novo Testamento, das partes proféticas e das partes poéticas, etc. Especula-se que as traduções dos trechos poéticos teriam sido distribuídas entre os poetas praticantes da época, para revisarem e, se fosse o caso, melhorarem, desde que não traissem o original.

Entre os poetas em atividade na Inglaterra de James I estava William Shakespeare. O que explicaria o fato de o nome de Shakespeare aparecer no Salmo 46 – “shake” é a 46ª palavra do salmo a contar do começo, “spear” a 46ª a contar do fim. Na tarefa de revisor, e incerto sobre a sua permanência na História como sonetista ou dramaturgo, Shakespeare teria inserido seu nome clandestina e disfarçadamente numa obra que sem dúvida sobreviveria aos séculos. (Infelizmente, diz Anthony Burgess, em

cujo livro *A mouthful of air* a encontrei, há pouca probabilidade de esta história ser verdadeira. De qualquer maneira, vale para ilustrar a tentação que todo revisor deve sentir de deixar sua marca, como grafite, na criação alheia).

Não posso me queixar dos revisores. Fora a vontade de reuni-los em algum lugar, fechar a porta e dizer “Vamos resolver de uma vez por todas a questão da colocação das vírgulas, mesmo que haja mortos”, acho que me têm tratado bem. Até me protegem. Costumo atirar os



pronomes numa frase e deixá-los ficar onde caíram, certo de que o revisor os colocará no lugar adequado. Sempre deixo a crase ao arbítrio deles, que a usem se acharem que devem. E jamais uso a palavra “medra”, para livrá-los da tentação.

Luís Fernando Veríssimo

Anexo 2: conteúdo e atividades referentes à aula



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
 Departamento de Metodologia de Ensino
 Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
 Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
 Professoras: Erika Agnellino e Laiana Abdala Martins

Ambiguidade

É a propriedade que têm certas frases de apresentarem mais de um sentido. Pode ser léxica ou sintática.

Léxica – quando esta propriedade deriva de certos morfemas léxicos, como em:

(1) *Ele estava em minha companhia.*

Em (1), podemos entender que *ele estava junto a mim*, mas também que *ele estava em minha empresa*.

Sintática – quando a estrutura frasal suscita várias interpretações, como por exemplo:

(2) *O magistrado julga as crianças culpadas.*

Em (2), é possível entender que *o magistrado julga que as crianças são culpadas*, mas também que *as crianças culpadas são julgadas pelo magistrado*.

(3) *Eles se olham.*

Para (3), podemos dizer que *eles se olham mutuamente* ou que *cada um olha a si próprio no espelho*.

Outros exemplos de ambiguidade:

(4) *Em cidade pequena, a qualquer hora podem encontrar-se pessoas conhecidas.*

(5) *É proibido entrar na loja de bonés.*

(6) *Vi o mendigo sentado na varanda.*

(7) *Abandonei meu irmão contrariado.*

(8) *Pedro pediu a José para sair.*

(9) *O advogado disse ao réu que suas palavras convenceriam o juiz.*

Exercício

Desfaça a ambiguidade das frases a seguir:

(10) *Os jurados julgaram o rapaz doente.*

(11) *O psicólogo examinou o paciente preocupado.*

(12) *É preciso introduzir um cateter através de um corte numa área do pescoço, cuja ponta caminhará para o fundo do coração. (Veja, 2/10/96, p. 54)*

(13) *Os docentes de nível auxiliar que dispõem de 20 horas na UFSC e desenvolvem outras atividades fora da Universidade sentem-se envergonhadas em dizer o quanto ganham para a família [...].*

Pleonasma ou redundância

É a presença de palavras supérfluas na frase. Ou seja, é a repetição de palavras ou expressões de significado semelhante que nada lhe acrescentam. As mais faladas são *entrar para dentro, sair para fora, subir lá em cima, descer lá embaixo*.

No texto literário, porém, o pleonasma pode ser usado como recurso de estilo, como meio de conferir à mensagem mais vigor e clareza. Contudo, quando o pleonasma reafirma o óbvio, deixa de ser um recurso linguístico e passa a se constituir em vício da linguagem.

(14) *A dissertação deve ter a seguinte estrutura:*

a) introdução: a introdução juntamente com o título, representa o primeiro contato do leitor [...];

b) desenvolvimento: o desenvolvimento é a argumentação sobre os aspectos, as ideias centrais (enfoques) referidas na introdução;

c) conclusão: a conclusão é o desfecho do trabalho.

O sujeito é da oração é repetido em cada alínea. Além disso, o autor colocou que o desenvolvimento é a argumentação dos *aspectos*, das *ideias centrais (enfoques)*. Aspectos e ideias centrais não são sinônimos perfeitos, mas, neste contexto, o autor usou-os para significar a mesma coisa, numa repetição que visa a um reforço desnecessário de ideias.

(15) *Há algumas décadas atrás, quando havia mais terra disponível, o boi corria solto pelos escampados.*

Há indica tempo decorrido, denotando tempo passado, o que dispensa o advérbio *atrás*. Outra redundância: se o boi corria *pelo escampado*, obviamente *corria solto*.

(16) Vimos, através deste, informar V. Sa. que, em virtude do II Encontro do CELSUL [...].

Dizer *vimos, através deste* é dizer o óbvio, visto o ofício ser o meio visível e palpável da presença simbólica e indireta do emissor junto ao receptor. E o óbvio é indesejável no texto, por se constituir em redundância.

Exercício

Desfaça a redundância nas frases a seguir:

(17) *Em seguida, trabalharemos concepções de trabalho como uma inegável importante atividade para o ser humano.*

(18) *É vedado:*

I – afixar cartazes ou anúncios, fazer inscrições ou sinais de qualquer natureza na fachada, nas escadarias, nos corredores, terraços e elevadores, ou em qualquer outra dependência de uso comum, assim como instalar anúncios de qualquer natureza.

(19) *A cerveja industrializada, consumida em grande quantidade, há anos atrás, era feita em casa, à base de gengibre e ananás.*

Cacófato ou cacofonia

“Som desagradável ou palavra de sentido ridículo ou torpe, resultantes da contiguidade de certos vocábulos na frase.” (CEGALLA, 2010, p. 634).

É o vício de linguagem que consiste na formação de palavra inadequada ao contexto, por ser ridícula ou inconveniente, que resulta da junção de duas palavras ou da parte final da anterior, com inicial da posterior.

As gramáticas exemplificam esse fenômeno com *boca dela, ela tinha, por cada, alma minha*.

(20) *O galope caracteriza-se pelas batidas regulares, espaçadas executadas alternadamente por cada par diagonal de patas.*

Além da cacofonia provocada pela junção das palavras *por* e *cada*, essa frase apresenta as palavras *alternadamente* e *cada*.

(21) *Se não voltares e Esmeralda sofrer, hei de procurar-te até os confins da terra e juto que te farei pagar. Já te tinha avisado. Se Esmeralda sofrer por sua causa...*

A cacofonia está em *já te tinha*, podendo ser facilmente desfeita trocando o pronome oblíquo de lugar: *Já tinha te avisado*.

Exercício

Elimine a cacofonia nos excertos abaixo:

(22) *Os dados serão analisados por cada grupo de respostas separadamente.*

(23) *Como diretor de ópera, Fo deu sua visão para o Barbeiro de Sevilha.* (Veja, edição nº 1517, ano 30, nº 41, 5 out. 1997, p. 138; legenda de fotografia).

Eco

No discurso não literário, a concorrência de palavras próximas que têm a mesma terminação não é desejável.

Colisão

“É a sucessão desagradável de consoantes iguais ou idênticas: o rato roeu a roupa; o que se sabe sobre o sabre; viaja já; aqui caem cacos.” (CEGALLA, 2010, p. 635).

Exercício

Elimine o eco nas frases a seguir.

(24) *O ambiente social, de maneira geral foi relatado como bom pelos entrevistados.*

(25) *Muitos simplificam a questão (da criminalidade), argumentando que a solução se resume na implantação da pena de morte.*

(26) *Os famosos corredores da morte estão superlotados e a cada dia novos condenados para lá são encaminhados.*

Falsos elementos de coesão: enquanto, como um todo e a nível de

O emprego vicioso desses três elementos, na tentativa de estabelecer coesão do texto, constitui-se num modismo que já vem de algum tempo.

(29) *Eu, enquanto professora de Língua Portuguesa, considero que o ensino a nível de gramática deve ser revisto como um todo.*

(30) *A Universidade, enquanto lugar gerador de saber, deve passar por uma avaliação a nível administrativo como um todo.*

Enquanto é corretamente empregado para indicar fatos simultâneos: (27) *Enquanto os adultos participavam do debate, as crianças eram mantidas em sala próprias, com atividades de lazer.* E, também, embora raramente, para indicar contradição: (28) *Jorge saiu-se muito bem no trabalho, enquanto Paulo teve desempenho medíocre.* É equivocadamente empregado para introduzir uma caracterização, constituindo-se ora um aposto, ora um adjunto adnominal: em (29) e (30) a palavra enquanto pode ser facilmente permutada por *como, considerado (a) como, tido (a) como.*

Como um todo é uma expressão empregada para significar total ou totalmente, integral ou integralmente, completo ou completamente, referindo-se ao ser na íntegra ou a totalidade de uma categoria. Mas o emprego dessa expressão constitui redundância com o termo a que se refere, como pode ser visto nos exemplos acima.

A nível de: o uso adequado dessa expressão apresenta a preposição “em” e deveria ser empregada para significar a instância de ocorrência do fato expresso na frase. Observando mais uma vez os exemplos acima, pode-se ver que o emprego desse elemento é desnecessário ou impróprio, além de apresentar o uso errôneo da preposição a em lugar de em.

Exercício

Resolva o problema do emprego vicioso dos elementos de coesão *enquanto, como um todo e a nível de*.

(31) *Nessa área, a atuação do Estado, enquanto assistência social, tem-se restringido sobretudo ao financiamento direto e indireto de asilos.*

(32) *Somente a partir do Cristianismo é que a caridade, enquanto forma de ajuda, revestiu-se de sentido e valor.*

(33) *No final do ano, a turma como um todo obteve índice de aprovação de 76%.*

(34) *Para a mudança organizacional é necessário uma intervenção global, interativa e simultânea ao nível de cultura e sistemas de valores da organização.*

REFERÊNCIAS

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48 ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

FLÔRES, Lúcia Locatelli; OLÍMPIO, Lúcia Maria Nassib; CANCELIER, Natália Lobor. **Redação**. 2. Ed. Florianópolis: EDUFSC, 1994.

ANEXOS

Anexo 3: apresentação de Power Point

OFICINA DE REVISÃO TEXTUAL E EDIÇÃO DE TEXTOS

Erika da Silva Costa Agnellino (UFSC)
Laiana Abdala Martins (UFSC)

Vícios de linguagem

“Vícios de linguagem são incorreções e defeitos no uso da língua falada ou escrita. Originam-se do descaso ou do despreparo linguístico de quem se expressa. São os principais vícios de linguagem: **ambiguidade**, barbarismo, **cacofonia ou cacófato**, estrangeirismo, hiato, **colisão**, **eco**, obscuridade, **pleonismo ou redundância**, solecismo, preciosismo ou rebuscamento e, por fim, plebeísmo.” (CEGALLA, 2010, p. 634).

Ambiguidade

É a propriedade que têm certas frases de apresentarem mais de um sentido. Pode ser **léxica** ou **sintática**.

Léxica – quando esta propriedade deriva de certos morfemas léxicos, como em:

(1) *Ele estava em minha companhia.*

Em (1), podemos entender que *ele estava junto a mim*, mas também que *ele estava em minha empresa*.

Sintática – quando a estrutura frasal suscita várias interpretações, como por exemplo:

(2) *O magistrado julga as crianças culpadas.*

Em (2), é possível entender que *o magistrado julga que as crianças são culpadas*, mas também que *as crianças culpadas são julgadas pelo magistrado*.

(3) *Eles se olham.*

Para (3), podemos dizer que *eles se olham mutuamente* ou que *cada um olha a si próprio no espelho*.

Outros exemplos de ambiguidade:

(4) Em cidade pequena, a qualquer hora podem encontrar-se pessoas conhecidas.

(5) É proibido entrar na loja de bonés.

(6) Vi o mendigo sentado na varanda.

(7) Abandonei meu irmão contrariado.

(8) Pedro pediu a José para sair.

(9) O advogado disse ao réu que suas palavras convenceriam o juiz.



Boletim **operamundi**

Empresa de trem acidentado em Buenos Aires avalia hipótese de erro humano

Como arrumar uma coroa.

Assistência Personal 0800-323281

Esta é a página que o usuário está visualizando.

Principal Minha Opção Comentários Imagens Galerias e Clips Favoritos

Gratuito para baixar

24.441 Downloads

Resposta: Solução Corporativa

“Esta é a dúvida quanto à configuração da sua máquina? Então acabe com ela agora mesmo!”

Em dúvida quanto à configuração de sua máquina e hora de contar com o Autopilot System? Então acabe com ela agora mesmo! Este sistema oferece uma interface intuitiva e fácil de usar, com uma interface moderna e uma compreensão intuitiva das informações, permitindo que você obtenha o máximo de produtividade de sua máquina.

Aurus

Adesivos ao FTL Alta Produtividade.



PRESO ACUSADO DE SUICÍDIO ENCONTRADO MORTO NA CELA

FÁTIMA ABANDONA BONNER E VAI FAZER PROGRAMA

BRIGA PELA INTERNET ACABA EM FACEDAS

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

RA

HOJE

15 0,70

Preso acusado de suicídio encontrado morto na cela

Fátima abandona Bonner e vai fazer programa

Briga pela internet acaba em facedadas

Jovem de 16 anos foi espancado 9 vezes após discutir com um colega por não ter qualificação

Ator irregular

Preso acusado de suicídio encontrado morto na cela

Fátima abandona Bonner e vai fazer programa

Briga pela internet acaba em facedadas

Jovem de 16 anos foi espancado 9 vezes após discutir com um colega por não ter qualificação

Ator irregular



Veja essa

“Sinto falta da galinha da minha mãe, do peixe do meu pai e da energia do povo brasileiro.”

Chico Buarque, *o top model*, na coluna de Mônica Bergamo, na Folha de S.Paulo

MÓVEIS POR ESTES PREÇOS NÃO VÃO DURAR NADA!

1.399,00

Grátis

Ricardo eletro

MESAS

OPORTUNIDADE ESPECIAL EM 10x R\$ 139,90

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Laiana Abdala Martins
Oficina Revisão Textual e Edição de Textos
Data da atividade: 15/10/2013 – terça-feira
Tempo de aula: 1h30min
Horário: 17h45min às 19h15min

PLANO DE AULA 2

TEMA

Discussão de transgressões nas regras da modalidade escrita formal da língua portuguesa, encontradas nos textos ou excertos apresentados.

OBJETIVOS

- Ampliar conhecimentos referentes às regras da modalidade escrita formal da língua portuguesa;
- Ampliar conhecimentos de produção textual;
- Identificar em quais situações o emprego da vírgula é adequado e em quais ele se torna equivocado, em excertos de textos a serem analisados;
- Identificar em quais situações há o uso da crase, em excertos de textos a serem analisados;
- Identificar elementos de coerência e coesão em excertos de textos a serem analisados.

CONTEÚDO

Pontuação (vírgulas, dois pontos, ponto e vírgula e travessão); crase; coerência e coesão.

METODOLOGIA

- Entregar para cada aluno folha contendo os conteúdos da aula e atividades específicas para cada um deles;

- Discutir separadamente cada um dos conteúdos;
- Discutir separadamente cada um deles e fazer a atividade pertinente em seguida, com apoio de apresentações de Power Point que contenham as respostas corretas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Projetor multimídia; computador; quadro branco e caneta para quadro branco.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados considerando o interesse pela aula com base nos questionamentos à professora estagiária e com base nas respostas aos questionamentos da professora-estagiária e o cumprimento das atividades propostas, pela adequação das respostas.

REFERÊNCIAS

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48 ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

FLÔRES, Lúcia Locatelli; OLÍMPIO, Lúcia Maria Nassib; CANCELIER, Natália Lobor. *Redação*. 2. Ed. Florianópolis: EDUFSC, 1994.

ANEXOS

Anexo 1: apresentação de Power Point

<p style="text-align: center;">OFICINA DE REVISÃO TEXTUAL E EDIÇÃO DE TEXTOS</p> <p style="text-align: center;">Erika da Silva Costa Agnellino (UFSC) Laiana Abdala Martins (UFSC)</p> <p>1 Revisão Textual e Edição de Textos 22/10/2013</p>	<p style="text-align: center;">Exercícios</p> <p>Ambiguidade</p> <p>(12) É preciso introduzir um cateter através de um corte numa área do pescoço, cuja ponta caminhará para o fundo do coração. (Veja, 2/10/96, p. 54)</p> <p>(12a) Através de um corte numa área do pescoço, é preciso introduzir um cateter cuja ponta caminhará para o fundo do coração.</p> <p>(12b) É preciso introduzir, através de um corte numa área do pescoço, um cateter cuja ponta caminhará para o fundo do coração.</p> <p>(13) Os docentes de nível auxiliar que dispõem de 20 horas na UFSC e desenvolvem outras atividades fora da Universidade sentem-se envergonhados em dizer o quanto ganham para a família [...].</p> <p>(13a) Os docentes de nível auxiliar [...] sentem-se envergonhados em dizer para a família o quanto ganham [...].</p> <p>2 Revisão Textual e Edição de Textos 22/10/2013</p>
<p>Redundância ou pleonasmos</p> <p>(17) Em seguida, trabalharemos concepções de trabalho como uma inegável importante atividade para o ser humano.</p> <p>(17a) Em seguida, analisaremos concepções de trabalho que o consideram atividade importante para o ser humano.</p> <p>(19) A cerveja industrializada, consumida em grande quantidade, há anos atrás, era feita em casa à base de gengibre e ananás.</p> <p>(19a) Há anos, a cerveja industrializada, consumida em grande quantidade, era feita em casa, à base de gengibre e ananás.</p> <p>3 Revisão Textual e Edição de Textos 22/10/2013</p>	<p>Cacófono ou cacofonia</p> <p>(23) Como diretor de ópera, Fo deu sua visão para o Barbeiro de Sevilha. (Veja, edição nº 1517, ano 30, nº 41, 5 out. 1997, p. 138; legenda de fotografia)</p> <p>(23a) Como diretor de ópera, Fo apresentou (mostrou, revelou) sua visão [...].</p> <p>Eco e colisão</p> <p>(24) O ambiente social, de maneira geral foi relatado como bom pelos entrevistados.</p> <p>(24ª) O ambiente social foi genericamente descrito como bom pelos entrevistados.</p> <p>4 Revisão Textual e Edição de Textos 22/10/2013</p>
<p>Falsos elementos de coesão (enquanto, como um todo e a nível de)</p> <p>(32) Somente a partir do Cristianismo é que a caridade, enquanto forma de ajuda, revestiu-se de sentido e valor.</p> <p>(32a) Somente a partir do Cristianismo é que a caridade, tida como/como forma ajuda, revestiu-se de sentido e valor.</p> <p>(33) No final do ano, a turma como um todo obteve índice de aprovação de 76%.</p> <p>(33a) No final do ano, toda a turma obteve índice de aprovação de 76%</p> <p>5 Revisão Textual e Edição de Textos 22/10/2013</p>	<p style="text-align: center;">Vírgula</p> <p>Emprega-se a vírgula:</p> <ul style="list-style-type: none"> • para separar palavras ou orações justapostas: A terra, o mar, o céu, tudo apregoa a glória de Deus. Os passantes chegam, olham, perguntam e prosseguem. • para separar vocativos: <i>Mãe</i>, está chovendo. <i>Renata</i>, asse o pão. Ele não veio hoje, <i>filha</i>. • para separar apostos, predicados, orações intercaladas e outras de caráter explicativo: São Marcelino Champagnat, <i>fundador da Congregação dos Irmãos Maristas</i>, destaca-se entre os grandes educadores. D. Pedro II, <i>imperador do Brasil</i>, foi um monarca sábio. "No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, <i>herói de nossa gente</i>." (Mário de Andrade) <i>Lentos e tristes</i>, os retirantes iam passando. <p>6 Revisão Textual e Edição de Textos 22/10/2013</p>
<p>A História, <i>dit</i>; <i>Cícero</i>, é a mestra da vida. <i>Segundo afirmam</i>, há no mundo 396.000 espécies vivas de animais.</p> <ul style="list-style-type: none"> • para separar as expressões explicativas ou retificativas <i>isto é, a saber, por exemplo, ou melhor</i>. O amor, <i>isto é</i>, o mais forte e sublime dos sentimentos humanos, tem seu princípio em Deus. No Pântano do Sul, <i>por exemplo</i>, existe uma vasta área junto à praia. • para separar adjuntos adverbiais: "Eis que, <i>aos poucos, lá para as bandas do oriente</i>, clareia um cantinho no céu." (Visconde de Taunay) "Com mais de <i>setenta anos</i>, andava a pé." (Graciliano Ramos) • para indicar a elipse de um termo: Uns diziam que se matou, <i>outros</i>, que fora para o Acre. "Às vezes sobe aos ramos da árvore; <i>outras</i>, remexe o uru de palha matizada." (José de Alencar) <p>7 Revisão Textual e Edição de Textos 22/10/2013</p>	<ul style="list-style-type: none"> • para separar as expressões <i>porém, contudo, pois, entretanto, portanto: Vens, pois, anunciar-me uma desventura</i>. As pessoas delicadas, <i>contudo</i>, haviam desde a véspera abandonado a cidade. • para separar nas datas o nome do lugar: <i>Rio de Janeiro</i>, 10 de maio de 2000. <p>Não emprega-se a vírgula:</p> <ul style="list-style-type: none"> • entre sujeito e o verbo, quando juntos: Atletas de várias nacionalidades participarão da grande maratona. <p><u>A não ser que, entre o sujeito e o verbo, ocorra adjunto ou oração intercalada: Meus olhos, devido à fumaça, ardiam e lacrimejavam muito.</u></p> <p>8 Revisão Textual e Edição de Textos 22/10/2013</p>

Ponto e vírgula

“O ponto e vírgula denota uma pausa mais sensível que a vírgula.” (CEGALLA, 2010, p. 430)

Emprega-se o ponto e vírgula:

- para separar orações de certa extensão:
“Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.” (José de Alencar)
Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; suas tentativas, porém, foram infrutíferas.
- para separar os considerandos de um decreto, de uma sentença, de uma petição.
- para separar os itens de um artigo de lei, de um regulamento.

Evite pensar no ponto e vírgula como “pausa mais forte que a da vírgula e menos forte que a do ponto”. Para driblar o erro, pense nela como item de enumeração!

9

Revisão Textual e Edição de Textos

22/10/2013

Enumeração de *itens*, de *orações*, de *termos*...

Dilma reúne-se com ministros; Obama, com governadores.

Em São Paulo, chove; em Goiás, faz sol.

“Durante o governo Lula, defendeu-se largamente a liberdade de expressão; no governo Dilma, o povo literalmente saiu às ruas.”

“Nossos protestos preveem:

- Respeito ao patrimônio público;
- Humanismo;
- Compromisso Social.”

10

Revisão Textual e Edição de Textos

22/10/2013

Dois pontos

Emprega-se os dois pontos:

- para anunciar a fala de personagens:
“O Baixinho retomou o leme, dizendo: - Olha, menino, veja a Bahia.”
- antes de uma citação:
Repetia as palavras do pai: O mundo, sem selva, será triste e mau.
Bem diz o ditado: Vento ou ventura, pouco dura.
- antes de certos apostos, principalmente nas enumerações:
Tudo ameaça as plantações: vento, enchentes, geadas, insetos daninhos, bichos, etc.
Duas coisas lhe davam superioridade: o saber e o prestígio.

11

Revisão Textual e Edição de Textos

22/10/2013

Travessão

Usa-se o travessão:

- nos diálogos, para indicar mudança de interlocutor ou, simplesmente, no início da fala de personagem:
“– Você é daqui mesmo? Perguntei.
– Sou, sim senhor, respondeu o garoto.”
- para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas:
Um bom ensino básico – diga-se mais uma vez – exige a valorização do professor.
- quando for para substituir os parênteses e mesmo a vírgula e os dois pontos:
Uma das glórias – e tantas são elas! – da Ordem Beneditina no Brasil é D. Frei Antônio do Desterro.
O que o colono do Maranhão pretendia era isso – fazer entradas livres.

12

Revisão Textual e Edição de Textos

22/10/2013

Crase

A crase é a contração da preposição *a* com:

- o artigo *a* ou *as*:
Fomos *à* cidade e assistimos *às* festas.
- o *a* inicial dos pronomes *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo*:
Refiro-me *àquele* fato. Poucos vão *àquela* ilha.

Crase da preposição *a* com os artigos *a*, *as*

Fomos a a praia → Fomos *à* praia.
Estavam junto a a porta → Estavam junto *à* porta.
Compareci a a reuniões → Compareci *às* reuniões.

Regra geral: o uso do acento grave só tem cabimento diante de palavras femininas determinadas pelo artigo *a* ou *as* subordinadas a termos que exigem a preposição *a*.

13

Revisão Textual e Edição de Textos

22/10/2013

Usa-se a crase

- nas locuções adverbiais: *à direita*, *à esquerda*, *à força*, *à milanesa*, *à oriental*, *à mesa*, *à noite*, *à solta*, *à vontade*, *à uma hora*, *às sete horas*, *às vezes*, *à toa*, *às claras*, *às pressas*;
- nas locuções prepositivas: *à custa de*, *à procura de*, *à vista de*;
- nas locuções conjuntivas: *à medida que*, *à proporção que*.

É desnecessário o uso do acento grave no *a* ou *as* depois de até: Chegou *até a* praia; Andei *até a* igreja.

É vetado o uso da crase em locução formada por substantivo masculino: *a cavalo*, *a pé*, *a gás*, *a nado*, *a mando de*, *a pedido de*.

14

Revisão Textual e Edição de Textos

22/10/2013

Anexo 2: Proposta de atividade

Um homem muito rico, sentindo-se à morte, pediu caneta e papel para escrever um testamento, nos seguintes termos:

“DEIXO OS MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO A MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA CONTA DO ALFAIATE NADA DAREI AOS POBRES”.

Pontue o texto como se você fosse a irmã do falecido.

Um homem muito rico, sentindo-se à morte, pediu caneta e papel para escrever um testamento, nos seguintes termos:

“DEIXO OS MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO A MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA CONTA DO ALFAIATE NADA DAREI AOS POBRES”.

Pontue o texto como se você fosse o sobrinho do falecido.

Um homem muito rico, sentindo-se à morte, pediu caneta e papel para escrever um testamento, nos seguintes termos:

“DEIXO OS MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO A MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA CONTA DO ALFAIATE NADA DAREI AOS POBRES”.

Pontue o texto como se você fosse o alfaiate.

Um homem muito rico, sentindo-se à morte, pediu caneta e papel para escrever um testamento, nos seguintes termos:

“DEIXO OS MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO A MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA CONTA DO ALFAIATE NADA DAREI AOS POBRES”.

Pontue o texto como se você fosse o pobre.

Anexo 3: Resposta da atividade

Apareceu a irmã e fez o seguinte:

“DEIXO OS MEUS BENS À MINHA IRMÃ! NÃO, A MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA CONTA DO ALFAIATE, NADA DAREI AOS POBRES”.

O sobrinho revoltou-se e apresentou nova cópia do original:

“DEIXO OS MEUS BENS À MINHA IRMÃ? NÃO! A MEU SOBRINHO. JAMAIS SERÁ PAGA CONTA DO ALFAIATE, NADA DAREI AOS POBRES”.

Apareceu, então, o alfaiate, que também pretendia a herança:

“DEIXO OS MEUS BENS À MINHA IRMÃ? NÃO! A MEU SOBRINHO, JAMAIS. SERÁ PAGA CONTA DO ALFAIATE! NADA DAREI AOS POBRES”.

Apareceram os pobres a quem o homem rico eventualmente ajudava e assim pontuaram o texto:

“DEIXO OS MEUS BENS À MINHA IRMÃ? NÃO! A MEU SOBRINHO, JAMAIS. SERÁ PAGA CONTA DO ALFAIATE? NADA! DAREI AOS POBRES”.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Erika da S. Costa Agnellino
Oficina Revisão Textual e Edição de Textos
Data da atividade: 22/10/2013 – terça-feira
Tempo de aula: 1h30min
Horário: 17h45min às 19h15min

PLANO DE AULA 3

TEMA

Normas da ABNT para citações e referências e para a formatação de textos acadêmicos.

OBJETIVOS

- Ampliar os conhecimentos referentes às regras da ABNT para referências, citações, formatação da apresentação gráfica de trabalhos acadêmicos (formato de impressão, fontes, tamanhos, espaçamentos, margens, parágrafos, paginação, abreviaturas e siglas) e à estrutura do trabalho acadêmico (elementos textuais, elementos pré-textuais, elementos pós-textuais);
- Reconhecer nos textos adequações e inadequações quanto às regras da ABNT no que se refere à formatação da apresentação gráfica de trabalhos acadêmicos (formato de impressão, fontes, tamanhos, espaçamentos, margens, parágrafos, paginação, abreviaturas e siglas) e quanto à estrutura do trabalho acadêmico (elementos pré-textuais, elementos textuais, elementos pós-textuais);
- Exercitar a formatação de um texto, tomando como referência as regras da ABNT para formatação da apresentação gráfica de trabalhos acadêmicos (formato de impressão, fontes, tamanhos, espaçamentos, margens, parágrafos, paginação, abreviaturas e siglas) e estrutura do trabalho acadêmico (elementos pré-textuais, elementos textuais, elementos pós-textuais).

CONTEÚDO

Regras da ABNT: formato de impressão, fontes, tamanhos, espaçamentos, margens, parágrafos, paginação, abreviaturas e siglas, bem como sobre a estrutura do

trabalho acadêmico, tais como, elementos pré-textuais, elementos textuais, elementos pós-textuais.

METODOLOGIA

- Iniciaremos com uma conversa sobre a necessidade de formatação dos textos acadêmicos;
- Apresentaremos um slide com as regras da ABNT para referências e citações;
- Distribuiremos um texto impresso com as regras da ABNT quanto à formatação da apresentação gráfica de trabalhos acadêmicos (formato de impressão, fontes, tamanhos, espaçamentos, margens, parágrafos, paginação, abreviaturas e siglas) e quanto à estrutura do trabalho acadêmico (elementos pré-textuais, elementos textuais, elementos pós-textuais);
- Um texto desformatado será, previamente, instalado nos computadores dos alunos com a intenção de que todos possam formatar os textos quanto às regras indicadas na apostila e nos slides.

RECURSOS DIDÁTICOS

Projektor multimídia; computador; apostila; texto desformatado; quadro branco e caneta para quadro branco.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados considerando o interesse pela aula com base nos questionamentos à professora estagiária e com base nas respostas aos questionamentos da professora-estagiária e o cumprimento das atividades propostas, pela adequação das respostas, em especial a adequada formatação do texto.

REFERÊNCIAS

Disponível em:

<http://newton.newtonpaiva.br//NP_conteudo/file/Manual_aluno/Manual_Normalizacao_Newton_2011.pdf> Acesso em 25-9-2013.

Disponível em: <<http://www.slideshare.net/isanete/aprenda-a-fazer-um-pster-ou-banner>> Acesso em 25-9-2013.

ANEXOS

Anexo 1: apresentação de Power Point

13 de junho de 2013
Língua Portuguesa
Professora-estagiária: Rafaela Miliorini

Citações e Referências

COMO FAZER CITAÇÕES. Biblioteca Universitária. Disponível em:
<<http://www.bu.ufsc.br/design/Citacao1.htm>>. Acesso em: 12 jun 2013.

1. Citação Direta

É a transcrição ou cópia de um parágrafo ou de uma frase, usando exatamente as mesmas palavras usadas pelo autor do trabalho consultado. Nesse caso, repete-se palavra por palavra e estas devem vir, obrigatoriamente entre “aspas duplas”, seguidas da referência (SOBRENOME, ano, página)

Exemplo:
Compagnon (2001, p. 44)
ou
(COMPAGNON, 2001, p. 44)

a) Citações com **até três linhas**: devem ser inseridas entre “aspas duplas,” no texto. As aspas simples são utilizadas para indicar citação dentro de citação.

b) Citações com **mais de três linhas**: devem ser destacadas com recuo de 4 cm com um tipo de letra menor do que a utilizada no texto, sem aspas e com espaçamento simples.

3. Supressões:

indicam interrupção ou omissão da citação sem alterar o sentido do texto. São indicadas pelo uso de reticências entre colchetes, no início, meio ou final da citação. [...].

Exemplo:
“A cultura skinheads da década de 60 ficou famosa por promover confrontos nos estádios de futebol (**confronto entre as torcidas dos times rivais, conhecido na Inglaterra como hooliganismo**) e por alguns skins demonstrarem animosidade para com os paquistaneses e asiáticos. Mesmo tendo apatia por essas duas culturas, os skins dessa época eram contra os grupos neonazistas e não aceitavam o racismo contra negros, já que muitos desses skins eram descendentes de negros.”

↓

“A cultura skinheads da década de 60 ficou famosa por promover confrontos nos estádios de futebol [...] e por alguns skins demonstrarem animosidade para com os paquistaneses e asiáticos. Mesmo tendo apatia por essas duas culturas, os skins dessa época eram contra os grupos neonazistas e não aceitavam o racismo contra negros, já que muitos desses skins eram descendentes de negros.”
(Disponível em: <http://www.brasilescola.com/Sociologia/Skinheads.html>)

4. Citação de citação:

É a citação de um texto que tivemos acesso a partir de outro documento.

Exemplo:
Leedy (1988 *apud* RICHARDSON, 1991, p. 417) compartilha deste ponto de vista ao afirmar “os estudantes estão enganados quando acreditam que eles estão fazendo pesquisa, quando de fato eles estão apenas transferindo informação factual [...]”.

5. Regras gerais de apresentação

As indicações de autoria incluídas no texto devem ser feitas em letras maiúsculas e minúsculas, indicando-se a data e as páginas entre parênteses.

Exemplos:

Um autor: Segundo Moraes (1993).

Dois autores: Segundo Moraes e Souza (1997).

Três autores: Dudziak, Gabriel e Villela (2000, p. 12).

Mais de três autores: Belkin et al. (1982).

As indicações de autoria entre parênteses devem vir em letras maiúsculas, seguidas da data e da página.

Exemplos:

Um autor: (MCGREGOR, 1999).

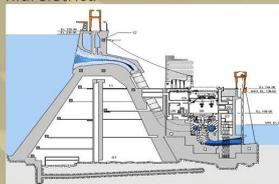
Dois autores: (MORAES; SOUZA, 1997).

Três autores: (DUDZIAK; GABRIEL; VILLELA, 2000).

Mais de três autores: (BELKIN et al., 1982, p. 76).

6. Como citar imagens no corpo do texto

Figura 1: O funcionamento de uma usina hidrelétrica



Fonte: Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), (2013).

Obs.: incluir fonte do site nas referências!

Referências

COMO FAZER REFERÊNCIAS: bibliográficas, eletrônicas e demais formas de documentos. Biblioteca Universitária. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/home982.PDF>>. Acesso em: 12 jun 2013.

1. Um ou mais autores

Um Autor

SCHÜTZ, Edgar. *Reengenharia mental: reeducação de hábitos e programação de metas.* Florianópolis: Insular, 1997. 104 p.

Dois Autores

SÖDERSTEN, Bo; GEOFFREY, Reed. *International economics.* 3. ed. London: MacMillan, 1994. 714 p.

Três Autores

NORTON, Peter; AITKEN, Peter; WILTON, Richard. *Peter Norton: a biblia do programador.* Tradução: Geraldo Costa Filho. Rio de Janeiro: Campos, 1994. 640 p.

Mais de três Autores

BRITO, Edson Vianna, et al. *Imposto de renda das pessoas físicas: livro prático de consulta diária.* 6. ed. atual. São Paulo: Frase Editora, 1996. 288 p.

2. Fascículos

TÍTULO DO PERIÓDICO. Local de publicação (cidade): Editora, volume, número, mês e ano.

Exemplo:

VEJA. São Paulo: Editora Abril, v. 31, n. 1, jan. 1998.

3. Partes de publicações periódicas

Artigo de Revista

AUTOR DO ARTIGO. Título do artigo. **Título da Revista**, (abreviado ou não) Local de Publicação, Número do Volume, Número do Fascículo, Páginas inicial-final, mês e ano.

Exemplo:

ESPOSITO, I. et al. Repercussões da fadiga psíquica no trabalho e na empresa. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 8, n. 32, p. 37-45, out./dez. 1979.

4. Entrevistas

NOME DO ENTREVISTADO. **Título**. Referência da publicação. Nota de entrevista.

Exemplo:

MELLO, Evaldo Cabral de. **O passado no presente**. Veja, São Paulo, n. 1528, p 9-11, 4 set. 1998. Entrevista concedida a João Gabriel de Lima.

5. Homepage

AUTOR. **Título**. Informações complementares (Coordenação, desenvolvida por, apresenta..., quando houver etc...). Disponível em: <Endereço>. Acesso em: data.

Exemplo:

ETSnet. **Toefl on line**: Test of english as a foreign language. Disponível em: <<http://www.toefl.org>>. Acesso em: 19 maio 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Universitária. Serviço de Referência. **Catálogos de Universidades**. Apresenta endereços de Universidades nacionais e estrangeiras. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br>>. Acesso em: 19 maio 1998.

4. Entrevistas

NOME DO ENTREVISTADO. **Título**. Referência da publicação. Nota de entrevista.

Exemplo:

MELLO, Evaldo Cabral de. **O passado no presente**. Veja, São Paulo, n. 1528, p 9-11, 4 set. 1998. Entrevista concedida a João Gabriel de Lima.

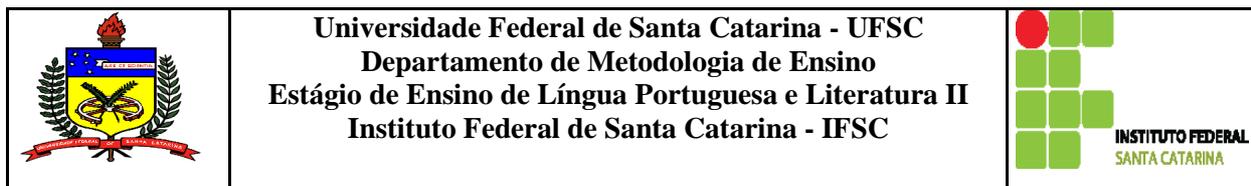
5. Homepage

AUTOR. **Título**. Informações complementares (Coordenação, desenvolvida por, apresenta..., quando houver etc...). Disponível em: <Endereço>. Acesso em: data.

Exemplo:

ETSnet. **Toefl on line**: Test of english as a foreign language. Disponível em: <<http://www.toefl.org>>. Acesso em: 19 maio 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Universitária. Serviço de Referência. **Catálogos de Universidades**. Apresenta endereços de Universidades nacionais e estrangeiras. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br>>. Acesso em: 19 maio 1998.

Anexo 2: texto de apoio entregue aos alunos**Aula de Edição de Textos.**

Professoras: Erika Costa Agnellino

e

Laiana Abdala Martins

Primavera de 2013.

Edição de Textos.

1 Trabalhos Acadêmicos

Trabalho acadêmico de acordo com a NBR-14724(2011, p.4) é:

documento que apresenta o resultado de estudo, devendo expressar conhecimento do assunto escolhido, que deve ser obrigatoriamente emanado da disciplina, módulo, estudo independente, curso, programa, e outros ministrados. Deve ser feito sob a coordenação de um orientador.

Os trabalhos acadêmicos dividem-se da seguinte forma:

- **Trabalhos relativos à graduação:** Trabalho de conclusão de curso- TCC;
- **Trabalhos relativos à pós-graduação:** aperfeiçoamento, especialização, mestrado e doutorado.

2 Estrutura dos Trabalhos Acadêmicos

A estrutura do trabalho acadêmico compreende parte interna e parte externa.

Elementos Pré-Textuais	Elementos Textuais	Elementos Pós-Textuais
Capa, folha de rosto, errata, dedicatória, agradecimentos, epígrafe, resumo na língua do texto, resumo em língua estrangeira, listas (ilustrações, tabelas, abreviaturas e siglas, símbolos) e sumário.	Texto, Introdução, Desenvolvimento, Considerações Finais.	Referências, Glossário, Apêndice e anexos, Índice.

Observe o esquema abaixo:

3 Apresentação Gráfica dos Trabalhos Acadêmicos

O aspecto visual dos trabalhos apresentados, a estética e a correta utilização de capas, papel, impressão, margens, diagramação, espaçamentos e numerações constituem elementos importantes para a avaliação do trabalho, tanto quanto o conteúdo propriamente dito.

3.1 Formatação gráfica

Suporte físico/impressão e cópia do trabalho

Formato Impresso

Tipo de papel → → → A4 (21X29,7), branco ou reciclado

Anverso (frente) e verso da folha.

Margens

Superior → 3cm Inferior → 2cm

Esquerda → 3cm Direita → 2cm

Fonte**Formatação da Fonte**

Fonte → Arial

Estilo da fonte → Normal

Tamanho da fonte na capa → 14 para o título (**CAIXA ALTA e NEGRITO**)

12 para as demais informações (**NEGRITO**)

Tamanho da fonte na folha de rosto:

- 14 para o título (**CAIXA ALTA e NEGRITO**)
- 14 para subtítulo (minúsculo, negrito e centralizado)
- 12 para as demais informações
- 10 para a nota de rodapé

Tamanho da fonte na ficha catalográfica → 10

Tamanho da fonte no texto → 12

Tamanho da fonte em → 10

- citação, com mais de três linhas;
- nota de rodapé;
- paginação;
- Legenda das ilustrações e/ou das tabelas.

Cor da fonte (texto) → preta

Espaçamento

Entrelinhas em todo o texto → espaço de **1,5 entrelinhas**

(inclusive capa, folha de rosto, folha de aprovação, etc)

Usar espaço simples entrelinhas em:

- Resumo do trabalho;

- Nas citações com mais de três linhas;
- Notas de rodapé;
- Entre as linhas de uma referência;
- Legendas das ilustrações e tabelas;
- Ficha catalográfica;
- Natureza do trabalho, objetivo, nome da instituição a que é submetida e a área de concentração.

Entre as referências → espaço simples entre linhas e um espaço simples para separar as referências.

Entre os títulos das seções primárias → Devem começar na parte superior da mancha e devem ser separados por um espaço de 1,5 do texto que os sucede.

Veja:

Parágrafo

Há duas opções de parágrafos para o trabalho, segundo a ABNT, o tradicional e o moderno. Deve-se utilizar a mesma margem para todo o texto. O espaçamento entre os parágrafos deve ser de 1,5 entre eles.

O parágrafo moderno é todo digitado justificado e no parágrafo tradicional inserimos um recuo de 1,25 cm a partir da margem esquerda. O espaçamento entre os parágrafos é de um espaço de 1,5 entre eles.

Para mais informações sobre apresentação gráfica de trabalhos acadêmicos e normas da ABNT, visitem os sites:

http://newton.newtonpaiva.br/NP_conteudo/file/Manual_aluno/Manual_Normalizacao_Newton_2011.pdf

http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2011/09/NBR_14724_atualizada_abr_2011.pdf

4 Citações

Segundo Flôres e Olímpio (2004), na produção de textos técnicos, é muito comum os autores valerem-se do recurso da intertextualidade, através da citação formal direta, da forma indireta e da paráfrase. A prática desses procedimentos interdiscursivos pode lhe dificultar o trabalho pela sua insegurança e imprecisão no uso de normas sintáticas, semânticas, argumentativas e técnicas.

5 Referências

Referência é um conjunto de elementos essenciais e complementares apresentados em uma sequência padronizada, que permite a identificação de um documento (livros, periódicos, artigos, mapas, fitas de vídeo, publicações eletrônicas etc.) citado ou consultado para a elaboração de um trabalho.

Referências

FLÔRES, Lúcia Locatelli; OLÍMPIO, Lúcia Maria Nassib; CANCELIER, Natália Lobor. **Redação**. 2. Ed. Florianópolis: EDUFSC, 1994.

NÚCLEO de bibliotecas. **Manual para elaboração e apresentação dos trabalhos acadêmicos**: padrão Newton Paiva. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva. 2011. Disponível em:
<http://newton.newtonpaiva.br/NP_conteudo/file/Manual_aluno/Manual_Normalizacao_Newton_2011.pdf> Acesso em: 14-10-2013.

Anexo 3: texto desformatado

LEITURA E ESCRITA NA GRADUAÇÃO – O TEXTO CIENTÍFICO

Dra. Rosimeiri Darc Cardoso (FAP/FUNPESQ)

Resumo

O presente artigo vem demonstrar o desenvolvimento de um projeto de ensino realizado na Faculdade de Apucarana com acadêmicos da instituição; cujo objetivo é capacitar os participantes à realização da leitura em profundidade, desenvolvendo a percepção, o senso de análise, reflexão e crítica acerca do que lê, possibilitando a melhoria no processo de produção textual, em especial a escrita do texto científico. O trabalho teve início no segundo semestre de 2007 com a leitura de textos teóricos, seguidos de ampla discussão e análise. Após essa fase, passou-se para a realização dos projetos individuais para escrita de um artigo científico de revisão bibliográfica, estabelecendo uma relação entre a área de conhecimento do acadêmico e a Educação, visto que todas as áreas de estudo apresentam forte ligação com o tema escolhido. No primeiro semestre de 2008, os acadêmicos apresentaram uma primeira versão dos artigos, sendo necessária a intervenção de outros professores na indicação de leitura e levantamento para leitura. O projeto encerra-se em julho de 2008 com seis artigos completos e outros oito em fase de finalização. Considera-se que o trabalho tenha sido frutífero, embora não tenham sido poucos os obstáculos neste percurso.

Palavras-Chave: Leitura e escrita – Educação Superior – Texto Científico

Considerações iniciais

A sociedade contemporânea tem vivido sob a égide das mudanças tecnológicas sugerindo que os processos educacionais também devam acompanhar a velocidade com que as demais transformações acontecem. As mudanças ocorridas na educação superior foram substanciais, em especial a partir da década de 90, com a LDB 9394/96, que regulamenta as diretrizes e bases da educação nacional, destacando para o ensino superior a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Neste contexto, o trabalho com a pesquisa científica torna-se fundamental para o desenvolvimento dos acadêmicos, de modo que a compreensão do processo de pesquisa também precisa ser explicitado a eles. Outro fator importante a ser considerado está no público atendido pelas instituições particulares de ensino superior; que, em função da alta concorrência nas universidades públicas, opta por instituições particulares, reconhecendo a defasagem e a desvantagem para concorrer com candidatos que se preparam em escolas particulares e cursinhos preparatórios para vestibular.

Assim, grande parte dos acadêmicos que frequenta as instituições privadas apresenta defasagens de conhecimento, o que vem agravar o aproveitamento escolar. Tendo uma jornada de trabalho exaustiva, além de percurso considerável até chegar à instituição, esses acadêmicos não conseguem realizar a leitura de modo produtivo, da mesma forma que sentem grande dificuldade para colocar no papel suas idéias de forma organizada e coerente.

Por outro lado, a instituição privada de ensino superior também luta para participar socialmente apresentando contribuições relevantes. Para isso, conta com a pesquisa, aliada ao ensino e à extensão, para interagir com o ambiente que a cerca e buscar junto às comunidades local e regional soluções para os problemas que se apresentam. Diante desse cenário, encontram-se agentes sociais que se unem para desenvolver projetos e pesquisas que fundamentem a prática diária de seus cidadãos.

Neste contexto, surge a figura do profissional da área de Letras que atua nos primeiros semestres (ou séries) da graduação em vários cursos, distintos de sua área de conhecimento. Sua presença nestes cursos se destaca como “salvador da pátria” para fazer com que os alunos possam fazer uso da linguagem utilizando para isso uma variante formal. Encontram-se, então, os dois pólos deste trabalho: o aluno com dificuldade para leitura e escrita, decorrente de sua formação fragilizada; e o professor de Língua Portuguesa que deverá resgatar este conhecimento.

[...]

A produção de textos na graduação

Assim como a leitura, a escrita de qualquer texto na graduação, para aqueles que têm algum tipo de dificuldade, torna-se uma tarefa gigantesca, com muitos obstáculos a serem vencidos. Sabe-se que os textos mais comuns solicitados na graduação são os resumos, as resenhas, os fichamentos e os artigos científicos. Para esses textos, a leitura antecede qualquer outra tarefa e a sua compreensão integral instrumento necessário para que o trabalho de produção textual seja bem realizado.

Entretanto, como a leitura constitui-se uma fase infrutífera, os acadêmicos não têm o que escrever e limitam-se a reproduzir literalmente – copiar – partes do texto, procurando encontrar um sentido para o que estão escrevendo. Assim, o trabalho é mecânico sem construção de qualquer conhecimento, não havendo aprendizagem. Tal posição também foi relatada nas pesquisas de Santos (2007) que afirma: (...) a leitura dos textos também é utilizada para a realização de resumos, sendo que, muitas vezes, não há explicitação de um objetivo para essa atividade, bem como não há o retorno para o aluno sobre o texto que produziu. O problema se agrava quando o professor solicita uma resenha. Não há como o aluno posicionar-se criticamente diante de um texto quando ele sequer compreendeu as idéias apresentadas. O texto do aluno, geralmente, revela a sua incompreensão e se caracteriza como uma colagem do texto original, isto é, revela que ainda não se constituiu como um leitor proficiente.

Diante dessas questões, o passo seguinte foi apresentar quais eram os objetivos de produção destes textos na academia, explicitando que antes de ser uma tarefa com valor avaliativo, tais tarefas contemplam a produção do conhecimento de cada um, num contexto de aprendizagem e de conhecimento. Nas explicações dadas, além dos conceitos de cada gênero textual, foram tratadas a estrutura e a linguagem de cada documento, deixando claro o caráter de impessoalidade dos textos científicos, bem como a escolha vocabular e a organização dos parágrafos que compõem a macro estrutura do texto.

Também é importante a contribuição do trabalho de Oliveira (2007), quando destaca a necessidade de um debate inicial para tratar dos assuntos lidos. Muitos alunos têm clareza para expressar suas idéias, mas grande desorganização mental para colocá-las sob a forma de texto, principalmente quando se trata de um texto acadêmico. Neste sentido, Oliveira (2007) indica:

A partir dessa tática, o ensino das técnicas de elaboração textuais do ponto de vista conceitual se tornaria extremamente necessário e útil aos alunos, para que pudessem cumprir a tarefa indicada pelo professor. (...) Desse modo, dois problemas arrolados para a dificuldade de produção textual estariam sendo tratados: o aspecto informativo e o conceitual. Assim, desconhecimentos de noções elementares da organização de textos argumentativos, tais como a seleção do assunto, a delimitação do tema, o levantamento do problema, a enunciação da hipótese e dos objetivos para aquela produção,

deficiências demonstradas pelos alunos em geral, podem ser tratados com tranquilidade, a partir de uma aula dinâmica em que assuntos diversos de interesse deles forem trabalhados.

Sobre a devolutiva que deve ser dada aos acadêmicos sobre sua produção, Oliveira (2007) destaca que os textos dos próprios alunos podem servir como material de estudo:

A própria produção dos graduandos pode servir, nesse caso, como intermediadora do ensino da revisão gramatical. O professor, após a correção dos textos da turma, pode recortar partes deles ou reproduzi-los integralmente, após descaracterizar a autoria, e devolvê-los para a turma com o intuito de fazerem juntos a leitura e a revisão das falhas. A experiência nos mostra que somos melhores para ver os problemas dos textos dos outros do que dos nossos, devido à criticidade inerente ao ser humano. Após apontar os deslizes formais do texto, o professor pode eleger um tópico gramatical que será trabalhado e normalmente bem aceito pelos estudantes, tendo em vista a sua utilidade comprovada naquele momento pela experiência da revisão.

Parece certo que os acadêmicos têm dificuldades na escrita, mas as atividades propostas têm consistência, na medida em que se está tratando com textos correntes na graduação e expressam a realidade deste segmento educacional. Não se quer demonstrar a fragilidade das instituições que admitem em seus quadros acadêmicos despreparados para esta etapa de ensino; mas que, diante da fragilidade de um ensino básico que não prepara o aluno para a etapa seguinte, cabe às instituições de educação superior lidar com essa carência e suprimi-la da realidade de seus aprendizes.

Tendo essas considerações como ponto de partida, foi desenvolvida uma atividade de leitura e de escrita, com o acompanhamento destas atividades com o objetivo de familiarizar os acadêmicos com o processo e fornecer-lhes uma base mais firme sobre a qual poderiam, então, desenvolver sua atividade de produção escrita. O resultado foi muito positivo, demonstrando que o que tem faltado muitas vezes é esse acompanhamento para que o aluno possa aproveitar o que está sendo posto à sua disposição em matéria de conteúdo e formação.

Considerações finais

O encerramento do projeto trouxe à tona a necessidade de pontuar algumas questões sobre a leitura e a escrita na graduação. Toma-se como ponto de partida para isso o fato de que leitura e escrita são atividades que perpassam todas as áreas do conhecimento, por essa razão a necessidade de que não só o professor de língua portuguesa possa ter esse conhecimento teórico sobre a leitura. Assim, o professor de administração, direito, ciências biológicas ou nutrição também devem conhecer as etapas e as estratégias que podem ser utilizadas na realização de um trabalho com a leitura de forma significativa.

Outro ponto especial está no fato de que para os alunos é complexo realizar uma leitura posicionando-se dialogicamente com o autor já que não possuem muitos conhecimentos prévios, de modo que as informações contextuais do texto acabam sendo fornecidas pelo professor. Entretanto, após o primeiro exercício, começam a sentir os benefícios de uma leitura em que são agentes de todo o processo, dividindo com o autor do texto a produção do sentido.

Por fim, a produção textual deixa de ser um problema enorme e passa a ser vista como uma atividade que complementa a leitura, tendo como função principal formar um novo conhecimento, pois extrapola as informações da leitura e passa a estabelecer relações com outros textos lidos. Além disso, a leitura surge como importante fonte de

modelos de escrita, proporcionando uma melhoria considerável na organização das idéias e no uso de um vocabulário mais formal, vigente na academia.

Um dos pontos negativos encontrados no projeto é o número de participantes que acaba desistindo e não consegue ir até o final; alguns participam dos encontros sobre leitura, realizam as atividades, mas não conseguem produzir os artigos, encontrando grande dificuldade para isso. Alegam falta de tempo, compromissos mais urgentes nas disciplinas da graduação, ficando com pouco tempo para o trabalho com o material do projeto.

Neste projeto, foram inscritos 19 alunos, dos quais cinco terminaram dentro do prazo o trabalho de produção do artigo; outros oito encontram mais dificuldade e necessitaram de um tempo maior (devem concluir até agosto); e os outros seis alunos desistiram prometendo que vão escrever, mas que no momento não têm condições.

Fica, contudo, a certeza de que é possível oferecer aos acadêmicos com defasagem na prática de leitura e produção textual estratégias e informações que orientem este processo de aprendizagem de modo eficaz, ajudando-os para que a graduação seja não só um espaço para profissionalização, mas um momento de encontro consigo mesmo, como sujeito de seu ato de estudar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Margarida; HENRIQUES, Antonio. Língua Portuguesa. São Paulo: Atlas, 1989.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 29.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

KLEIMAN, A. Oficina de Leitura: teoria e prática. Campinas. Pontes. Ed. Unicamp., 1999.

OLIVEIRA, Leni Nobre de. Leitura e produção de textos na graduação: um espaço inter e transdisciplinar. Anais do 16º COLE – Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/index.htm>

SANTOS, Silmara de Jesus Bignardi dos. A importância da leitura no ensino superior. Anais do

16º COLE – Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em:

<http://www.alb.com.br/anais16/index.htm>

SEVERINO, J. Educação, trabalho e cidadania – a educação brasileira e o desafio da formação

humana no atual cenário histórico. São Paulo em perspectiva. V.14, nº 2, São Paulo, abril/junho, 2000, p. 65-71. Disponível em

www.scielo.br/scielo.php?script=arttext&pid=50102-8839200000. Acesso em setembro de 2007.

_____. **Metodologia do trabalho científico. 22.ed. São Paulo: Cortez, 2002.**

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituição: Instituto Federal de Santa Catarina
Professor regente: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Erika da S. Costa Agnellino
Oficina Revisão Textual e Edição de Textos
Data da atividade: 29/10/2013 – terça-feira
Tempo de aula: 1h30min
Horário: 17h45min às 19h15min

PLANO DE AULA 4

TEMA

Como construir um *banner*/pôster.

OBJETIVOS

- Reconhecer que *banners*/pôsteres são gêneros específicos para a socialização dos resultados de uma pesquisa, devendo ser produzidos de modo que levem o leitor e/ou avaliador à compreensão da pesquisa e dos seus resultados e instiguem a leitura da obra completa.
- Elaborar um *banner*/pôster de acordo com as orientações indicadas durante a aula.

CONTEÚDO

Regras e orientações para a produção de *banners*/pôsteres.

METODOLOGIA

- Iniciaremos com uma conversa sobre a importância de sistematizar as apresentações em *banners*/pôsteres, bem como pela observação das normas de apresentação de cada evento. Nossas indicações partem da NBR 15437(2006) e das orientações/indicações do Seminário de Iniciação Científica- SIC para a confecção de *banners*/pôsteres.

- Entregaremos um texto com as orientações para a confecção de *banner*/pôster, explicando cada um dos pontos através de aula expositivo-dialogada, valendo-nos da projeção de slides em *power point*.
- Em cada computador será, previamente, instalado uma resumo de uma pesquisa com a intenção de que, a partir dela, confeccionem um *banner*/pôster tomando as indicações fornecidas no texto impresso.

RECURSOS DIDÁTICOS

Projetor multimídia; computador; texto impresso com orientações para a confecção de banner/pôster; quadro branco e caneta para quadro branco.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados quanto à compreensão do conteúdo apresentado, considerando a adequação do *banner*/pôster a ser elaborado em sala de aula.

REFERÊNCIAS

Disponível em:

<http://newton.newtonpaiva.br/NP_conteudo/file/Manual_aluno/Manual_Normalizacao_Newton_2011.pdf> Acesso em 25-9-2013.

Disponível em: <<http://www.slideshare.net/isanete/aprenda-a-fazer-um-pster-ou-banner>> Acesso em 25-9-2013.

ANEXOS

Anexo 1: texto de apoio entregue aos alunos.

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Departamento de Metodologia de Ensino
Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e
Literatura II
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC

**Aula de Banners/Pôsteres.**

Professoras: Erika Costa Agnellino e Laiana Abdala Martins

Primavera de 2013.

Orientação para Confecção de Pôster Técnico e Científico (BANNER)

❖ Definição

Impresso em grandes formatos em materiais mais resistentes. São pensados para serem pendurados, ideais para transmitir informações à média e longa distância.

Segundo a NBR 15437(2006), os pôsteres técnicos e científicos são um instrumento de comunicação, exibido em diversos suportes, que sintetizam e divulgam o conteúdo a ser apresentado.

❖ Estrutura

Título;
subtítulo (se houver);
autor;
informações complementares;
resumo(até 100 palavras)- (opcional).

❖ Conteúdo;

introdução;
justificativa;

objetivo;
metodologia (materiais e métodos);
resultados;
conclusão (considerações finais);
referências (opcional).

❖ **Suporte**

De acordo com a NBR 15437(2006), o pôster pode ser apresentado impresso (papel, lona, plástico, acrílico, entre outros) ou em meio eletrônico.

❖ **Dimensão**

Recomenda-se para pôster impresso as seguintes dimensões:

- a) Largura: de 0,60 até 0,90m.
- b) Altura: de 0,90 até 1,20m.

❖ **Projeto Gráfico**

É de responsabilidade do autor e dever ser legível a uma distância de pelo menos 1m.

Modelo de Banner:



Universidade Federal
de Santa Catarina

Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

ANALFABETISMO FUNCIONAL, LEITURA E ESCRITA NO AMBIENTE ESCOLAR: ESTUDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE S. JOSÉ

Erika da Silva Costa erika_agnellino@hotmail.com

Mayara Sardá mayara_sarda@hotmail.com

Nícia L. D. da Silveira nicia@cfh.ufsc.br

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Linguística Cognitiva considera a linguagem como meio de interação: a língua é contextualizada no momento em que é utilizada (como frames). Outro modelo de descrição de significados é a teoria da Dinâmica de Forças (TALMY, 2003): tem-se na cena verbal a presença de um agente principal, o *agonista* (em movimento ou repouso) e de um *antagonista* (com força contrária).

Em relação ao *analfabetismo funcional* parte-se dos seguintes pontos: (i) a demanda de leitura e escrita, a inserção cultural, isto é, o acesso aos diversos meios culturais, tais como: teatro, cinema, apresentações culturais, em geral, são relevantes para o alfabetismo funcional; (ii) a escolaridade pode ser um fator relevante para ele; (iii) este analfabetismo não se resolve somente pela escolaridade – há muitos *analfabetos funcionais* nos cursos de graduação.

Para verificação do *analfabetismo funcional* aplicou-se um teste de atitude em relação aos sentidos de um verbo – *deixar* – em sua *polissemia*. Esta *polissemia* pode ser definida pela sua estrutura linguística, a partir da categorização com elementos de características semelhantes. A hipótese aqui foi que, com o grau de escolaridade dos sujeitos, nas frases do teste a *polissemia* do verbo *deixar* deveria ser totalmente compreendida/interpretada. Para realizar a pesquisa foram utilizados cinco subgrupos de algumas das categorias/sentidos de *deixar*, a saber:

I - Atividades com um tempo determinado, que ocorrem em determinado tempo, isto é, deixar tem como significação largar, abandonar.

Exemplo: Para a melhora de seus dentes é importante *deixar* de comer balas

II - Afastamento de pessoas;

Exemplo: *Deixe* em paz meu coração

III - Legar coisas materiais e imateriais;

Exemplo: Pavarotti *deixou* dívidas de 18 milhões de euros, diz jornal.

IV - Mudança de estado;

Exemplo: As baixas temperaturas *deixaram* a água congelada

V- Desleixo- esquecer, não fazer algo (algo deveria ter sido feito e não foi);

Exemplo: Minha sogra *deixou* o jantar por fazer.

Geraldi (2000) diz que para que o ensino da Língua Portuguesa tenha sucesso é preciso usar 3 estratégias, a saber: leituras, elaboração de textos e análise linguística. E diz mais: que é preciso profissionais e escolas conscientes que o ensino da gramática (na teoria e na prática) não é a única fonte para o ensino da língua nas escolas; que negar a diversidade linguística é negar uma possibilidade na produção de textos pelos alunos.

Esta pesquisa teve como *objetivo* verificar como é tratada a leitura e a escrita na escola (de acordo com relato da docente e seus discentes, bem como a possível presença de *analfabetismo funcional* entre os alunos. A pesquisa realizada pode ser considerada descritiva, na medida em que descreve a *alfabetização funcional* (ou não) dos alunos.

METODOLOGIA

Sujeitos: para tal foram abordados uma professora da disciplina de Língua Portuguesa, bem como seus 20 alunos da 1ª. série do Ensino Médio;

Local: uma instituição pública de ensino;

Instrumentos: a professora foi abordada através de uma entrevista com 10 questões. Para os alunos o **questionário** continha 11 questões abertas e fechadas sobre suas atividades culturais, interesse pela leitura e a frequência desta, e eles também responderam ao **teste de atenção** envolvendo a *polissemia* do verbo *deixar*;

Procedimento: após contato com a direção do colégio e acordo com a professora, esta aplicou o questionário e o teste de atenção, recolhidos por um integrante da equipe de pesquisa. A professora e o colégio foram receptivos e tiveram interesse em participar dessa pesquisa.

A professora avalia a compreensão dos textos lidos através de resenhas orais e escritas; com questões específicas sobre ele, semelhantes àquelas trazidas pelos manuais didáticos. Ainda assim, ela ressalta que nem todos os alunos compreendem as leituras propostas.

Os alunos argumentam que não são leitores, que não gostam da disciplina de língua e literatura e já estão acostumados a não se saírem bem nas atividades avaliativas propostas. Diante desta situação a educadora oferece reforço e investiga os gêneros de leitura que os alunos se interessam para assim construir com os mesmos, o gosto pela leitura.

A avaliação do nível de *leitura* e de *analfabetismo funcional* não estão sendo “controlados” apenas por regras de erro/acerto das respostas dadas. Para tal observou-se também:

- interpretação das sentenças;
- respostas: erro/acerto da *polissemia* do verbo *deixar*;
- leitura dentro do ambiente escolar;
- leitura fora do ambiente escolar;
- Inserção cultural dos alunos.

Os resultados do teste de atenção podem ser visto na figura 1:

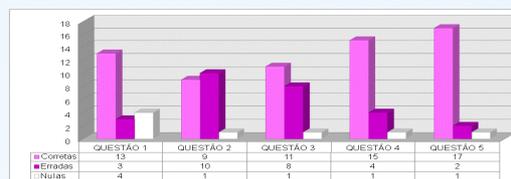


Figura 1: Frequência absoluta de resposta para os 5 itens de uso da palavra *deixar*.

Em relação ao questionário aplicado, ao serem perguntados sobre o *gosto pela leitura*, dos 19 alunos questionados 7 afirmaram que *gostam muito* de ler; 9 que *gostam pouco* de ler e 3 *não gostam* de ler.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo a partir dos resultados no teste de atenção não podemos afirmar que os alunos que integraram esta pesquisa, estão passando por um quadro de *analfabetismo funcional*, visto que outros motivos podem ter influenciado suas respostas, como por exemplo, a falta de interesse durante ele – por não estarem diante de atividade avaliativa escolar, ou ainda, a total falta de interesse pela disciplina de português.

REFERÊNCIAS:

GERALDI, João Wanderley et al. (Org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000. Coleção na sala de aula.

INAF BRASIL 2005. **5º. Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional:** Um diagnóstico para a inclusão social pela educação [Avaliação de Leitura e Escrita]. Disponível em <http://www.ipm.org.br/download/inaf05.pdf>. >Acesso em 23mar2012.

TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge (Mass.): The MIT Press, 2003.

❖ **Apresentaremos aqui, alguns passos necessários para a elaboração de um banner ou pôster no power point.**

1º Passo

Primeiramente, precisamos configurar o **tamanho da página** no tamanho solicitado para o trabalho, ou seja, verifique com o evento em que seu trabalho será apresentado.

Essa configuração é feita na aba design, no botão configuração de página. Ao clicar uma página será aberta. Aqui indicaremos as medidas de acordo com o *Seminário de Iniciação Científica- SIC*, da UFSC. (0,80 a 0,90 cm de largura X 1,00 a 1,10 de comprimento).

2º Passo

Após esse procedimento, é necessário inserir um plano de fundo no slide. Ainda há possibilidade de importar uma imagem produzida em outro *software* ou do seu arquivo particular.

Parte textual: Para criar um texto basta inserir uma **caixa de texto**, na **guia Inserir**, e após inseri-la você tem a opção de dimensionar essa caixa de acordo com as suas necessidades. Então, basta inserir duas caixas de texto e dimensioná-las do mesmo tamanho.

Ou

Também poderá escolher outro caminho, clique em aba **Página Inicial**, depois em *Layout*, assim as caixas de textos já ficam configuradas do mesmo tamanho.

3º Passo

A escolha da fonte não segue uma norma, entretanto, a escolha da fonte deve ser cautelosa, pois algumas fontes não permitem boa legibilidade. As fontes *Garamond*, *Arial* e *Verdana*, por exemplo, são fontes de boa legibilidade para textos corrido.

O **tamanho da fonte** deve ser visível a dois metros de distância. Escolha um tamanho acima de 36.

O alinhamento do texto deve ser **justificado**.

Sugestão:

Prepare seu texto no *Word* antes de transferi-lo para o slide. O texto deve ser resumido de forma que o leitor possa compreender toda a sua pesquisa, portanto, procure selecionar os trechos mais importantes.

❖ Referências

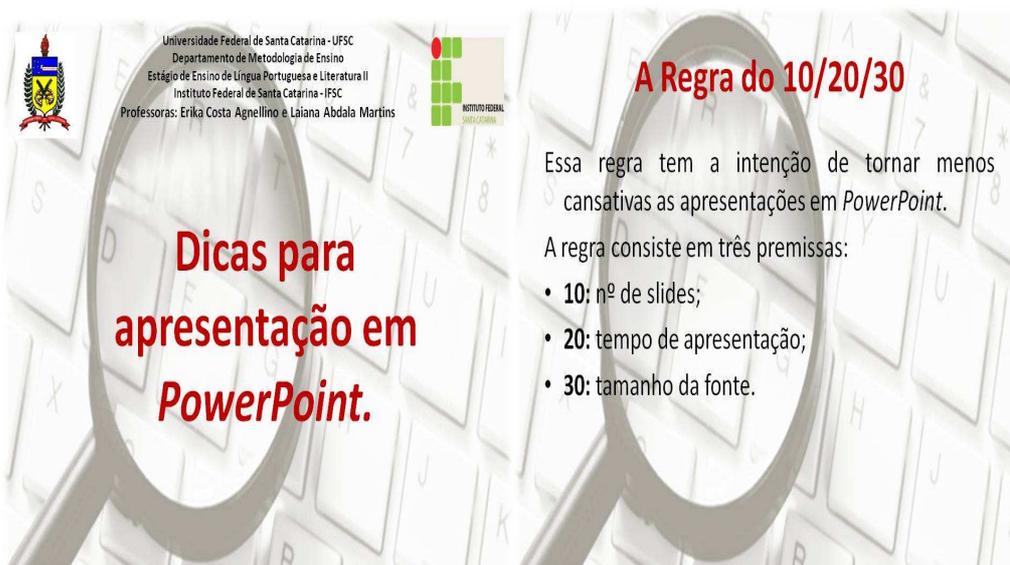
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 15437:** informação e documentação: pôsteres técnicos e científicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2006.

FLÔRES, Lúcia Locatelli; OLÍMPIO, Lúcia Maria Nassib; CANCELIER, Natália Lobor. **Redação**. 2. Ed. Florianópolis: EDUFSC, 1994.

NÚCLEO de bibliotecas. **Manual para elaboração e apresentação dos trabalhos acadêmicos:** padrão Newton Paiva. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva. 2011. Disponível em:

<http://newton.newtonpaiva.br/NP_conteudo/file/Manual_aluno/Manual_Normalizacao_Newton_2011.pdf> Acesso em: 14-10-2013.

Anexo 2: Apresentação em Power Point.



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Departamento de Metodologia de Ensino
Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC
Professoras: Erika Costa Agnellino e Laiana Abdala Martins

Dicas para apresentação em PowerPoint.

A Regra do 10/20/30

Essa regra tem a intenção de tornar menos cansativas as apresentações em *PowerPoint*.

A regra consiste em três premissas:

- 10: nº de slides;
- 20: tempo de apresentação;
- 30: tamanho da fonte.



Dicas para Preparação de Apresentações em Powerpoint.

- **Conteúdo:** deve estar claro, organizado e ordenado, de modo a tornar o texto compreensível;
- **Conceito:** deve ser único e expressar o assunto a ser apresentado;
- **Legibilidade:** Organize o texto em tópicos e a escolha certa das cores.

A Escolha das Cores

Preto sobre branco	Amarelo sobre Preto
Preto sobre Amarelo	Branco sobre Azul
Vermelho sobre Branco	Branco sobre Verde
Verde sobre Branco	Vermelho sobre Amarelo
Branco sobre Vermelho	Azul sobre Preto
Branco sobre Preto	Verde sobre Vermelho

Organização e Coerência

- Quanto a organização, deve-se sempre favorecer o **lado esquerdo** em detrimento do direito e a **parte superior** em relação à parte inferior.
- Combinados e bem estruturados, esses elementos dão coerência à apresentação dos slides.

Precauções

Deve-se evitar:

- Grande quantidade de texto (inclua os tópicos principais);
- Excesso de sons e imagens;
- Efeitos especiais (desvia a atenção do espectador);
- Fundos poluídos (dificultam a leitura);

Lembrete importante: “no PowerPoint, menos é mais”.

Referências

NÚCLEO de bibliotecas. **Manual para elaboração e apresentação dos trabalhos acadêmicos:** padrão Newton Paiva. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva. 2011. Disponível em: http://newton.newtonpaiva.br/NP_conteudo/file/Manual_aluno/Manual_Normalizacao_Newton_2011.pdf Acesso em: 14-10-2013.

5 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ATIVIDADES EXTRACLASSE

Diferentemente da prática que desempenhamos na atividade de docência em sala de aula, as aulas da oficina não foram precedidas por um período de observação. Antes de conhecermos a turma, já estávamos elaborando o projeto, os planos de aula e pesquisando materiais para essa atividade extraclasse. Porém, o fato de não ter havido observação não nos atrapalhou em nada, já que pensamos em uma oficina que tivesse a ver com todas as áreas do conhecimento, com todas as fases do curso, pois, em todas elas – nas áreas e nas fases –, os alunos se defrontam com a necessidade de realizar trabalhos escritos, ensaios, relatórios, estudos de caso, etc. Além disso, os alunos tinham liberdade para escolher as oficinas nas quais queriam se inscrever.

O interesse em participar desta oficina partiu livremente dos alunos, especialmente, daqueles que se preocupavam em escrever seus próprios textos de acordo com as regras da modalidade escrita formal, livre de erros, de problemas de coerência e coesão, de redundâncias. Recebemos inscrições de alunos de diversos cursos: Engenharia Sanitária e Ambiental, Pós-graduação em Agroecossistemas, Técnico Integrado em Edificações, Técnico Integrado em Eletrônica, Pós-graduação em Educação de Surdos, Letras – Português. Este fato nos deixou muito felizes, pois não esperávamos que alunos dos cursos das ciências exatas estivessem interessados. E fez, sem dúvida, com que percebêssemos que, cada vez mais, cresce um interesse nos alunos, especialmente daqueles que estão inseridos na academia e no mercado de trabalho ou, ainda, daqueles que pretendem prestar vestibular ou ENEM, em saber produzir um texto bem feito, fluido, de fácil compreensão.

Para trabalharmos em projetos e atividades extraclasse, tivemos a oportunidade de ofertar e ministrar oficinas, pois, desde o começo deste ano, os professores de Língua Portuguesa do Instituto Federal vêm oferecendo aos alunos uma oportunidade de conhecer a sua própria língua de uma maneira diferente, em atividades não curriculares. Essa oportunidade foi nos dada pelos professores de Língua Portuguesa do IFSC, bem como pela Assessora de Língua Portuguesa. Ficamos muito entusiasmadas com a chance de trabalharmos em sala de aula com alunos diferentes daqueles com quem trabalharíamos nas atividades de docência na disciplina de Língua Portuguesa. Além disso, pela primeira vez, as oficinas seriam abertas à comunidade. Recebemos alunos do

IFSC e da UFSC, mas tivemos inscrição de alunos da UDESC e da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara.

Atividade obrigatória em nosso currículo, o projeto extraclasse foi um momento divertido e engrandecedor tanto para nós quanto para os participantes, pois saímos de nossa zona de conforto para dar uma oficina em que a gramática normativa estava presente de forma muito latente. Tivemos muitas satisfações, pois era visível o interesse dos alunos naquilo que estávamos preocupadas em passar a eles. Além disso, algumas dúvidas dos alunos foram surgindo durante as explicações, o que fez com que nós usássemos de várias fontes de pesquisa para responder a eles da melhor forma possível, o que se tornou um aprendizado também para nós. Quando não sabíamos ou tínhamos alguma dúvida, também tivemos o apoio dos professores que sempre estavam em sala para nos acolher e nos orientar nas horas mais difíceis. Para não sermos desleais com os alunos, na aula seguinte à pergunta, sempre levávamos a resposta, a solução para o questionamento. Tivemos uma alteração na disposição das aulas por conta de motivos de saúde com uma das estagiárias, o que não afetou em nada o nosso trabalho, pois os alunos compreenderam e aceitaram a mudança. Além disso, ficou claro que o conteúdo não se perderia, ele seria dado sem maiores problemas.

A aceitação do público nos deixou felizes, assim como a disponibilidade deles em fazer as atividades propostas. Eles participavam trazendo não só questões, mas, também, contribuições, coisas que já haviam visto ou lido em jornais, revistas, trabalhos acadêmicos. Essa socialização de conhecimentos foi muito importante para nossas aulas, visto que os alunos participantes de nossa oficina estavam inseridos em uma área de ciência diferente da nossa e puderam contribuir com exemplos de textos que não fazem parte de nossas leituras.

Tentamos escolher assuntos e conteúdos mais pontuais e que suscitam mais dúvidas nos alunos, como redundância, ambiguidade, uso da vírgula e crase. Procuramos sempre fazer com que as aulas fossem muito interativas, com diálogos e trocas de conhecimento: um aluno do Programa de Pós-graduação em Agroecossistemas, da Universidade Federal de Santa Catarina, participante de nossa oficina, no nosso último encontro, no qual falamos sobre a construção de *banners* e pôsteres, socializou conosco e com os demais colegas um *banner* que construiu para um Congresso de Agronomia. Sabemos que, pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, a elaboração de *banners* e pôsteres não tem regras, porém, cabe a cada comissão de organização de eventos e de exposição fazer suas próprias regras de

banners e pôsteres. Mas, com a exposição do nosso aluno, percebemos que alguns cursos podem possuir determinadas regras informais de construção de banner: o curso de Agronomia, segundo ele, sugere que os *banners* tenham bastantes figuras, gráficos e tabelas.

Foi especial abordar o uso da língua, em uma situação extraclasse, atividade não curricular, pois permitiu-nos uma aproximação com outros sujeitos, alguns já formados na educação básica, outros já em processo de especialização, mas que estavam interessados naquilo que propusemos como conteúdo de nossas aulas.

6 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

A tarefa do docente não consiste apenas em ministrar suas aulas, corrigir provas e fazer as avaliações. O fazer de um educador começa no planejamento de aula a aula para as suas turmas, assim como na preparação dos materiais necessários para as suas aulas. Cada situação e cada aula requer do docente uma revisão sobre suas ações, precisando algumas vezes, fazer, refazer, planejar e replanejar de acordo com a avaliação individual do professor na intenção de alcançar os objetivos propostos no planejamento das aulas. Conforme afirma KENSKI “pensar no Papel do professor no atual estágio da sociedade é identificar uma multiplicidade de ações diferentes para a mesma função.²⁹” (p.95) Podemos destacar inúmeras ações de responsabilidade do professor, porém, cabe-nos aqui, no relatório final, apresentar algumas das atividades de responsabilidade do professor do IFSC. Por exemplo, o professor C., além de responsável por quatro turmas (3 de primeiras fases e 1 de sexta fase) participa semanalmente das reuniões de Disciplina, da Assessoria de Português do DALTEC, dos Conselhos de Classes, é integrante da comissão de construção do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI-2014/2018, ainda orienta seus alunos em atendimentos de reforço no contraturno e participa do planejamento das oficinas que são ofertadas semestralmente. Além disso, ainda cede seu espaço para a ação dos

²⁹ KENSKI, Vani M. **O Papel do Professor na Sociedade Digital**. In: CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa (Org.). **Ensinar a Ensinar: Didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

estagiários, o que, algumas vezes, pode significar replanejar o currículo previsto para aquele ano. No mais, ainda participa dos eventos da instituição, tais como, o Didascálico, os Jogos Escolares, a Semana Literária, a Semana da Consciência Negra, entre outros não observados durante nossa permanência no colégio.

Para nós, estagiárias, foi significativo e muito importante participar de cada momento do fazer docente (reuniões da Assessoria do Português, Conselhos de Classes, Reuniões de Pais, a docência propriamente dita, o planejamento das aulas, Reuniões com o setor pedagógico do IFSC e todos os imprevistos que acontecem em uma *aula no seu acontecimento*), pois assim conseguimos sentir, interagir e vivenciar as ações de competência dos professores, que ultrapassam a docência em sala de aula. Kenski (2006) destaca ainda que o professor dentro de suas múltiplas ações tem o papel de agente, “em primeiro lugar, um *agente da memória*. Um profissional responsável, entre outras coisas, pela manutenção da memória social. A ele compete a aquisição, reflexão, transmissão e manutenção de aspectos valorizados pela cultura de um certo grupo social em um determinado momento”. (p.96). Destaca ainda que o professor é um *agente de valores*, pois “influencia os comportamentos e atitudes de seus alunos [...] capaz de estimular a identidade (individual e grupal) e a sociabilidade com e entre seus alunos”. (p.97). Assim como, também, lhe cabe o papel de *agente de inovações*, ou seja, aquele que [...] “auxilia na compreensão, utilização, aplicação e avaliação crítica das avaliações surgidas em todas as épocas, requeridas e incorporadas à cultura escolar”. (idem, ibidem).

Portanto, uma ação docente não se esgota no fazer dentro de sala de aula, como também não basta a nós sairmos de um curso de licenciatura com o domínio dos conteúdos acadêmicos, é preciso mais. É preciso, continuamente e efetivamente, estarmos inseridos no espaço escolar, cientes de que nossas atitudes, comportamentos e escolhas estarão, de alguma forma, influenciando e conduzindo nossos alunos. Aqui no estágio II, não diferente do estágio I, reafirmamos nossas escolhas, ampliamos nossos olhares, vivenciamos momentos singulares ora como observadoras das práticas docentes, ora executando nossas ações planejadas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório teve por finalidade relatar as experiências do estágio II. Para nós, o segundo semestre de estágio foi tão ou mais enriquecedor que o primeiro. O estágio,

momento tão rico, fez com que ultrapassássemos medos, inseguranças, dúvidas. Fez, também, com que confiássemos mais em nós mesmas. O momento de observação e de docência, nas duas fases de estágio, foi, sem dúvida, um divisor de águas: saímos da teoria, da posição de alunas que recebem exposições de diversas teorias e metodologias durante toda a graduação e que buscam incansavelmente a apropriação destas, para estar na sala de aula, como professoras, em contato com todo o tipo de aluno, que são, sem dúvida, sujeitos constituídos na interação, no encontro, e que, por sua vez, também nos constituíram. Foi infindavelmente engrandecedor.

Além das experiências de docência no IFSC, tivemos a oportunidade de apresentar nosso trabalho como professoras no II Simpósio “Formação de Professores e Práticas Pedagógicas”. Esse momento foi importante para nós, pois ultrapassamos a experiência a qual vivemos no estágio: expusemos nosso projeto de trabalho para outros professores já formados e alguns em formação, tendo um retorno do nosso trabalho não só pelos alunos, na relação que assumimos de professor-aluno, mas também um retorno de outros professores.

Foi um grande momento, todos os dias que se passaram foram grandiosos. No último dia de aula, estávamos felizes por ter passado por mais essa etapa com êxito e grandes realizações, mas estávamos tristes por ter que deixar os alunos com quem compartilhamos esta nossa etapa de formação.

8 REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. G; SANCHES, G. M. M. B. Aprendendo com o Lúdico. In: O DESAFIO DAS LETRAS, 2., 2004, Rolândia, **Anais...** Rolândia: FACCAR, 2005. ISSN: 1808-2548.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952/1953].

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002 [1929].

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Fundamental. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: A Secretaria, 2001.

BARBOSA, Alexandre. RAMOS, Paulo. VILELA, Túlio. RAMA, Ângela. VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BORGATTO, Ana M. T., BERTIN, Terezinha C. H., MARCHEZI, Vera Lúcia de C. **Tudo é Linguagem 6º ano:** língua portuguesa. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2009.

CARDOZO, Flávio José, MIGUEL, Salim (Org.) **13 Cascaes.** Fpolis: Fundação Franklin Cascaes, 2011.

CASCAES, Franklin. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 1992.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 48 ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

FERRAZ, Salma. Prisioneiros no cemitério. In: _____. **O Ateu Ambulante.** Blumenau: Edifurb, 2004.

_____. Na Terceira Margem da Estrada. In: Ceia dos Mortos. Fpolis: Edição da autora, 2007.

FLÔRES, Lúcia Locatelli; OLÍMPIO, Lúcia Maria Nassib; CANCELIER, Natália Lobor. **Redação.** 2. Ed. Florianópolis: EDUFSC, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HENRIK, Lange. **90 livros clássicos para apressadinhos.** Rio de Janeiro: Galera Record, 2010.

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA- IFSC. **Plano de Desenvolvimento Institucional-PDI.** Disponível em: http://www.ifsc.edu.br/images/institucional_documentos/plano_desenvolvimento_insti_tucional_ifsc.pdf. Acesso em 19-08-13.

KENSKI, Vani M. **O Papel do Professor na Sociedade Digital.** In: CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa (Org.). **Ensinar a Ensinar:** Didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

LINSINGEN, Luana Von. **A casa de Hans Kunst.** São Paulo: Saraiva, 1998.

LUCKESI, Cipriano in: CEREJA, W.R., MAGALHÃES, T.C. **Todos os Textos:** uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos, 5ª. série. São Paulo: Atual, 1998.

RIBEIRO, Bruna Maria Boing; AGNELLINO, Erika da Silva Costa. **CRÔNICAS DE UM OLHAR:** depoimento e testemunho. UFSC, Fpolis, 179 p. Trabalho não publicado.

RIOS, Rosana. **O Livro dos Sustos**. São Paulo: Ática, 2006.

RODRÍGUEZ, Pedro. **Histórias para não dormir**. São Paulo: ARX, 2010.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem**: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L., BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros – teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

ROSA, Ana Luiza Bazzo da et Al.. **Projeto de Ensino**: discutindo bullying e preconceito. UFSC, Fpolis Projeto Não Publicado, 2012.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Os gêneros escolares**: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 05-16, mai./ago. 1999.

THE WALKING DEAD: A HQ que deu origem ao seriado.. 2012: Hqm, n. 1, out. 2012.

9 ANEXOS

10 Anexo 1: TCE e Ficha de Frequência



TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 492071

O(A) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IF-SC, CNPJ 11.402.887/0001-60, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). **Maria Clara Kaschny Schneider**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Laiana Abdala Martins**, CPF 082.858.779-57, telefone 4899710632, e-mail laiana_abdala@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 9274045 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 14/06/2010 e vinculado à disciplina MEN7002.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) IFSC, de 12/08/2013 a 11/12/2013, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Cesar Cordeiro Vieira.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 4251.2012.121.82.307717.38.0.000-1 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> | <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 492071

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 1º ano – Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 20 de agosto de 2013

Maria Izabel De Bortoli Hentz
Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof. (a) Orientador(a)

Maria Clara Kaschny Schneider
Maria Clara Kaschny Schneider - Representante na CONCEDENTE

Silvana Rosa Lisboa de Sá
Diretora Executiva do IF-SC
Reitora em Exercício
Portaria 1861, D.O.U de 01/12/2011

Laiana Abdala Martins
Laiana Abdala Martins - Estagiário

Jose Ernesto De Vargas
Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Cesar Cordeiro Vieira
Cesar Cordeiro Vieira - Supervisor(a) no local de Estágio

Figura 15: TCE de Laiana Abdala Martins


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
 Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Rua da Barreira - Caixa Postal 2649-900, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 01341-900
 Fone: +55 (48) 3333-1444 - Fax: +55 (48) 3333-9336 | www.ufsc.br | prograd@ufsc.br | prograd@ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATORIO - TCE N° 491963

O(A) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IF-SC, CNPJ 11.402.887/0001-90, através da Representação CONCEDENTE, representada(a) pela(s) Sr(a) Maria Clara Keschey Schneider, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 00.948.528/0001-92, representada(a) pela(s) Coordenadora de Estágios do Curso, Prof(a) Jose Ernesto De Vargas, e o(a) estagiário(a) ERIKA DA SILVA COSTA AGNELINO, CPF: 829.522.648-29, telefone: 4830341497, e-mail: erika_agnellino@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 3274058 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa no âmbito da Lei nº 11.788/05, da Resolução 014/009/11 e das normas do Curso, assinam o que segue:

<p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e de caráter firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 14/06/2010 e vinculado à disciplina MENTOR2</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof(a) Maria Isabel De Bastian Henri, do IEEA e das disciplinas de estágio, atuará como orientador(a) para orientar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação desta estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias) a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de 02/05/2013 a 15/12/2013, respeitando-se horários de atividades acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Cesar Cordeiro Vieira.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice N° 4291.2042.321.85.307717.26.0.000-1 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 06.602.743/0001-32).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através do Termo de Rescisão.</p>	<p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso, renúncia.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) receberá o provento estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, pelo exercício efetivo, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observado as leis deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir a estabelecido no PAE e/ou, substituí-lo com ética profissional, respeitar as normas da UFSC, responder por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: Assinam, em comum acordo, firmam o presente TCE em 3 vias de igual teor.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE N° 491963

Durante a vigência do TCE, o(a) estagiário(a) desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de iniciação em turma de 1º ano - Ensino Médio: revisão sobre os regimes utilizados; investigação do conteúdo socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula; aplicação e avaliação presencial; estágio de docência; avaliação da construção dos objetivos; atividades docentes e aplicação de conhecimentos; observação de estágio; produção dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data: Linha 15, agosto 2013

<p><u>Maria Clara Keschey Schneider</u> Maria Clara Keschey Schneider - Representante da CONCEDENTE</p> <p><u>Silvana Rosa Lisboa de Sá</u> Silvana Rosa Lisboa de Sá Diretora Executiva do IF-SC Rua da Barreira em Florianópolis Florianópolis, D.D.U. de 01132011</p>	<p><u>Erika da Silva Costa Agnelino</u> Erika da Silva Costa Agnelino - Estagiário</p> <p><u>Jose Ernesto De Vargas</u> Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC</p> <p><u>Cesar Cordeiro Vieira</u> Cesar Cordeiro Vieira - Supervisor(a) no local de Estágio</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Figura 16: TCE Erika da S. C. Agnelino



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

**REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Escola: Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC

Turma: 123

Professor(a): César Candeiro Vieira

Estagiário(a): Laiana Abdala Martins

Período de observação total: 21/08 a 11/09/13

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	21/08/13	15:40 às 16:35	Encaminhamento de atividades	
Aula 2	21/08/13	16:35 às 17:30	Dinâmica de apresentações	
Aula 3	26/08/13	15:40 às 16:35	Dinâmica de apresentações	
Aula 4	26/08/13	16:35 às 17:30	Atividade de leitura	
Aula 5	28/08/13	15:40 às 16:35	Atividade no livro: leitura, oral, escrita	
Aula 6	28/08/13	16:35 às 17:30	Atividade no livro: leitura, oral, escrita	
Aula 7	02/09/13	15:40 às 16:35	Atividade no livro: discussão de atividades	
Aula 8	02/09/13	16:35 às 17:30	Apresentação de trabalho	
Aula 9	04/09/13	15:40 às 16:35	Apresentação de trabalho	
Aula 10	04/09/13	16:35 às 17:30	Apresentação de trabalho	
Aula 11	09/09/13	15:40 às 16:35	Apresentação de trabalho	
Aula 12	09/09/13	16:35 às 17:30	Atividade de leitura	
Aula 13	11/09/13	15:40 às 16:35	Professora fez um aplicação de questionário	Daniella Fares
	11/09/13	16:35 às 17:30	Coordenadora pedagógica fez a nota do dia da Turma	Daniella Fares

Assessoria de Português

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola
DAFG/IFSC

Figura 17: Ficha de frequência aluna Laiana Abdala Martins



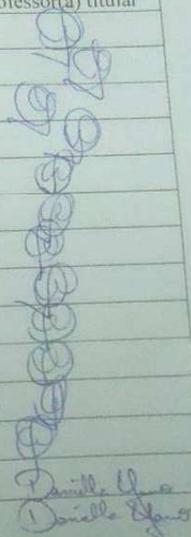
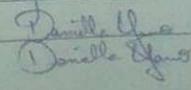
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO

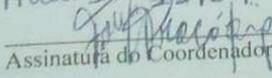
Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703



REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Instituto Federal de Santa Catarina - IFS
 Turma: 123
 Professor(a): César Cordeiro Vieira
 Estagiário(a): Erika da Silva Costa Agnellino
 Período de observação total: 21/08 a 11/09

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	21/08	15:40 às 16:35	Encaminhamento de atividades.	
Aula 2	21/08	16:35 às 17:30	Dinâmica de apurim - textos	
Aula 3	26/08	15:40 às 16:35	Dinâmica de apurim - textos	
Aula 4	26/08	16:35 às 17:30	Leitura de fragmento de obras - conto (diário)	
Aula 5	28/08	15:40 às 16:35	Atividades de leitura oral e escrita - L.D	
Aula 6	28/08	16:35 às 17:30	Atividades de leitura oral e escrita - L.D	
Aula 7	02/09	15:40 às 16:35	Aprovação do bloco; discussões de at. orais	
Aula 8	02/09	16:35 às 17:30	Apresentação de trabalhos	
Aula 9	04/09	15:40 às 16:35	Apresentação de trabalhos	
Aula 10	04/09	16:35 às 17:30	Apresentação de trabalhos	
Aula 11	09/09	15:40 às 16:35	Apresentação de trabalhos	
Aula 12	09/09	16:35 às 17:30	Estudo de texto História da Ling. Port	
Aula 13	11/09	15:40 às 16:35	Questionário e contação de histórias	
Aula 14	11/09	16:35 às 17:30	Coordenação Pedagógica	

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola: 

Assessoria de Área - Português
 CEFET/SC - Unidade Florianópolis
 Avenida Mauro Ramos, 950

Figura 18: Ficha de frequência aluna Erika da S. C. Agnellino

Anexo 2: “Caródromo” da turma em que realizamos o estágio de docência.

Instituto Federal de Santa Catarina
Campus Florianópolis

Alunos por Turma - Fotos

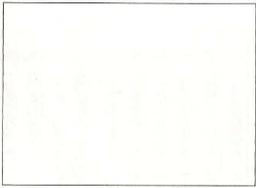
Curso	Ano	Período	Turma	1ª Fase	Módulo	1ª Grade Curricular	Português e História Liter. Brasil.
602	2013	2	9810123		1	POF60201	
132003899-8	ANDRESSA STEINER	132003609-4	BEATRIZ LETICIA BINOTTO	132002400-9	BEATRIZ MORAIS BORGES	131003831-4	BERNARDO PIETRO DA LAPA COSTA
132002488-2	BERNARDO SENNA ROSA	132004713-0	BRUNO SILVA LUKOFF	132002209-0	CAIO DE ARAUJO ROSA		
131001253-9	CARLOS ANDREDA SILVA	132003547-7	DOUGLAS ROSA	132002440-8	FABIANA LEHMKUH	132003680-5	GABRIEL NASCIMENTO GARCEZ
132002528-9	GABRIEL ONOFFRE	132003205-2	ISABELA DE PAIVA WALCZAK	132002097-6	JADE LEME		
132004217-1	JOAO VITOR SOURE	13200451-4	JOHN ROMAO	132004259-7	JOSE ANTONIO DE MCHIE	132002827-6	LAYS SCHWITZER MADANI
132002517-0	LUCAS CAHERO ESTIVANA	132002486-8	LUCAS DE LIZ SCOZ	132005751-9	LUCAS GOMES DUARTE		



Instituto Federal de Santa Catarina
Campus Florianópolis

Alunos por Turma - Fotos

Curso 602 Curso Técnico Integrado em Eletrotécnica Módulo 1 Grade Curricular 2006/2
 Turma 9910123 Ano 2013 Período 2 Turno 1ª Fase Unidade Curricular POR60201 Português e História Liter. Brasil.



131006480-8
LUCAS THESEN DOS
PASSOS



131001977-0
LUIZ GUILHERME
MENDONÇA DOS REIS



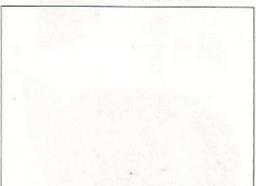
13202313-7
LUKAS DUARTE POST



131002365-7
~~MARCILIO-ROBERTO-
SEVERINO DA SILVA~~



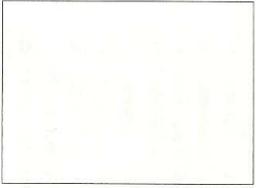
132002274-0
MARIA EDUARDA
MENDES



132003186-2
MARIA FERNANDA
CORREA SILVA



132002944-2
MATHHEUS DE
MEDEIROS FIDELIS



132004772-6
PAULA STEFANY
CRISTOVÃO



132002942-6
THAMY SCHAFHAUZER
FERRAZ SAMPAIO



131001978-2
VINICIUS ALVES
KOPPEL



132002302-9
YANKA CAROLINY
LUCIANO

Anexo 3: Autorização dos pais para o uso das imagens e dos textos dos alunos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

AUTORIZAÇÃO

Eu, Joia Binotto, responsável pelo aluno(a) Beatriz B. Binotto matricula nº 132003569-7 da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação do professor César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 14/10/201

Assinatura: Joia Binotto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

AUTORIZAÇÃO

Eu, Marcia P. De Mello, responsável pelo aluno(a) Ambrósia Steiner matricula nº 132003989-8 da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação do professor César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científico organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 09/10/201

Assinatura: Marcia P. De Mello

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

AUTORIZAÇÃO

Eu, Mika Pell Borges responsável pelo aluno(a)
Beatriz Pell Borges, matrícula nº 1320047008, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação do professor César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 14/10/2016

Assinatura: Mika Pell Borges

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

AUTORIZAÇÃO

Eu, Patricia OS Loukoff responsável pelo aluno(a)
Bruno S. Loukoff, matrícula nº 132004713-0, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação do professor César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 11/10/16

Assinatura: Patricia OS Loukoff

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

AUTORIZAÇÃO

Eu, Elizone Tenu de Araújo, responsável pelo aluno(a) Caio de Araújo Rosa, matrícula nº _____, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação do professor César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, / /

Assinatura: Elizone Tenu de Araújo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

AUTORIZAÇÃO

Eu, Elisiana R. Lehmkuhl, responsável pelo aluno(a) Fabiana Lehmkuhl, matrícula nº 139009112-8, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação do professor César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 18/10/2013

Assinatura: Elisiana R. Lehmkuhl

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Thomáez Onofre responsável pelo aluno(a) Galvân Onofre, matrícula nº 32002526 da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 24/10/2013

assinatura: Thomáez Onofre

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, MARIA REGINA P. WALCZAK responsável pelo aluno(a) Isabela de Paula Walczak, matrícula nº 320032052 da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 14/10/2013

assinatura: MARIA REGINA P. WALCZAK

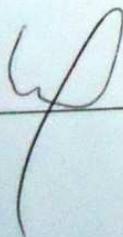
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Vania Muniz Lima responsável pelo aluno(a) Sade Lima, matrícula nº 33200207-6 da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 15/10/2013

Assinatura: _____



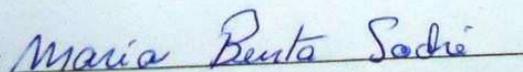
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Maria Benta Sade responsável pelo aluno(a) João Vitor Sade, matrícula nº 32004213-1 da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 10/10/13

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Janete Lúcia Romão, responsável pelo aluno(a) Johnny Romão, matrícula nº 1320044544, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação do professor César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 16/10/20

Assinatura:

Janete Lúcia Romão

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Leirica de Deus, responsável pelo aluno(a) João Antônio de Deus, matrícula nº 1320042597, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação do professor César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 13/10/20

Assinatura:

Leirica de Deus

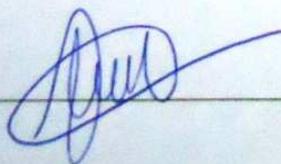
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Alessandra Schweitzer Marian responsável pelo aluno(a) Luís Marian, matrícula nº 132002827-8, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 14/10/13

Assinatura: _____



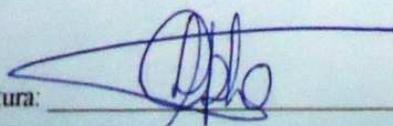
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Lauren Ops de Luiz Scorz responsável pelo aluno(a) Luís Scorz, matrícula nº _____, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação do professor César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 10/10/201

Assinatura: _____



INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

AUTORIZAÇÃO

Eu, Sonali Thiesen Lehmkuhl responsável pelo aluno(a) Lucas Thiesen dos Passos matrícula nº _____, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 13/10/2013

Assinatura: _____

Sonali Thiesen Lehmkuhl
88310766

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

AUTORIZAÇÃO

Eu, Merida C. Gomes responsável pelo aluno(a) Lucas Gomes Duarte, matrícula nº _____, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 23/10/13

Assinatura: _____

Merida C. Gomes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

AUTORIZAÇÃO

Eu, Jefferson Mendes, responsável pelo aluno(a) Maria Eduarda Mendes, matrícula nº 1320022419 da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação do professor César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 10/10/13

Assinatura: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

AUTORIZAÇÃO

Eu, Bliane A. Correa, responsável pelo aluno(a) Maxio Fernando C.S., matrícula nº 1320031962, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 13/10/2013

Assinatura: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Kátia Regina Alves Lima, responsável pelo aluno(a) Paula Stefany Gustavo, matricula nº _____, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 13 / 10 / 2014

Assinatura: Kátia Regina Alves Lima

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Márcia Scherader, responsável pelo aluno Yamko Edvalino da S., matricula nº 132002309, da turma 123, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Erika da Silva Costa e Laiana Abdala Martins, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação do professor César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 18 / 10 / 2014

Assinatura: Márcia Scherader